

A CASA DE VICENTE

Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus

Maria Luiza Heine (Coord.)
Antonio Carlos do Espírito Santo
Alfredo Amorim da Silveira
José Nazal
Maria Izabel de Souza Lopes
Telma Moura



A CASA DE VICENTE

Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

LOURICE HAGE SALUME LESSA - VÍCE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

A CASA DE VICENTE

Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus

Maria Luiza Heine (Coord.)
Antonio Carlos do Espírito Santo
Alfredo Amorim da Silveira
José Nazal
Maria Izabel de Souza Lopes
Telma Moura

Ilhéus - Bahia
2007



Editora da UESC

©2007 by MARIA LUIZA HEINE ET AL.

Direitos desta edição reservados à
SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO DE ILHÉUS

DIRETOR-PRESIDENTE

Antonio Carlos do Espírito Santo

PESQUISA:

Alfredo Amorim da Silveira, Telma Moura

FOTOS:

De José Nazal, Do Abrigo São Vicente de Paulo, Do Lions Clube de Ilhéus,
De particulares

ARTIGOS NO CORPO DO TRABALHO:

Geovanna Borges - Psicóloga
Suêde Mayne Pereira Araújo – Assistente Social

ARTIGO FINAL:

Maria Izabel de Souza Lopes – Doutora em Educação

TEXTO:

Maria Luiza Heine

CAPA:

José Nazal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H 468

Heine, Maria Luiza et al.

A casa de Vicente : Sociedade São Vicente de Paulo
de Ilhéus / Maria Luiza Heine et al. – Ilhéus : Editus, 2007.
236 p. : il.

ISBN: 978-85-7455-138-8

1. Velhice – Asilos – Ilhéus (BA). 2. Abrigo São Vicente
de Paulo – Ilhéus (BA). 3. Idosos – Ilhéus (BA). I. Título.

CDD – 362.61

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PREFÁCIO	33
INTRODUÇÃO	35
CAPÍTULO 1	
A realização de um sonho coletivo e social	41
1.1. Os fundadores	41
1.2. A Instituição	46
1.3. Os Livros de Atas.....	93
1.4. A origem dos terrenos	105
CAPÍTULO 2	
Outros olhares sobre a velhice.....	109
CAPÍTULO 3	
A construção da sede atual.....	122
CAPÍTULO 4	
As Lembranças	133
4.1. Pessoas da comunidade	133
4.2. Os moradores	144
4.3. A Ordem Religiosa.....	151
CAPÍTULO 5	
Gestão do Dr. Antonio Espírito Santo	162
CAPÍTULO 6	
Envelhecer é viver.....	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
REFERÊNCIAS	216
ANEXOS	218
FOTOS	230

APRESENTAÇÃO

DEPOIMENTO DO DR. ANTONIO ESPÍRITO SANTO

Esta obra literária da Profa. Maria Luiza Heine, escrita de maneira descontraída, despretensiosa, ficou leve, interessante, não cansa o leitor; é um olhar histórico social sobre Ilhéus e os ilheenses, através do desenvolvimento do Abrigo S. Vicente de Paulo.

Nestas linhas que me couberam, nas páginas deste livro, quero deixar alguns comentários e agradecimentos especiais, que julguei pertinentes, para fazer justiça e não sofrer da culpa de ter cometido o pecado da ingratidão.

Em nome da instituição que represento e do meu próprio, ratifico aqui com muita emoção e o coração pleno de afeto, todos os agradecimentos feitos à comunidade em geral, funcionários, voluntários, empresas, fazendeiros, agricultores, comerciantes e comerciantes, professores, outras categorias profissionais, sócios doadores, pessoas ou instituições, doadores anônimos, pontuais, a todos aqueles que estão anunciados como **parceiros voluntários**, e os que involuntariamente não foram lembrados, aos quais peço desculpas. Por todos tenho muito carinho e a todos sou eternamente grato.

Insensível seria eu, no entanto, e também injusto, se não me lembrasse e reconhecesse as pessoas que, direta e diuturnamente, me ajudaram a carregar com dignidade e alegria, a cruz do cargo e o ônus dos objetivos e metas, a que nos propusemos.

Estas pessoas são os meus amigos, companheiros de caminhada, outras tantas são pessoas e empresas dotadas de grandes doses de generosidade e responsabilidade social que, sempre, e bem de perto, ouviram e compreenderam as nossas dificuldades, e de pronto atenderam aos nossos apelos, ou que espontaneamente doaram bens ou valores para o Abrigo.

De alguns, eu já tinha o privilégio da amizade e, por isto, para cá vieram e tanto se identificaram com a causa, que se tornaram amigos da instituição e a ela se doaram. Outros, a amizade, o respeito, a admiração, o afeto foram desenvolvidos, no decorrer do tempo, à medida que íamos nos conhecendo.

Uma característica comum a todas estas pessoas especiais é o perfil de felizes, inteligentes, “loucos”, empreendedores, com grande capacidade imaginativa e de trabalho, desprendimento, envolvimento com a causa, espírito de sacrifício, de colaboração, de companheirismo e alto espírito de cidadania e altruísmo.

Obrigado, Deus, por ter colocado ao meu alcance essas pessoas maravilhosas, as quais peço desculpas de não citar individualmente os seus feitos, por escassez de páginas para escrever, mas eles estão gravados no meu coração, na minha memória e na história do Abrigo, de Ilhéus e no Cosmo.

A Maria Luiza Heine, coordenadora do projeto e redatora deste livro, auxiliada por José Nazal e Alfredo Amorim da Silveira, agradeço de coração e os parabenizo, não só pela competência e generosidade, como, também, pela coragem, audácia, capacidade de enfrentar desafios, que neste caso foi a luta contra o tempo e a ausência de informações. Muitos os chamaram de “loucos”. Mais uma vez parabéns pelo empenho de vocês, pois só os loucos modificam o mundo.

À minha família, pela generosidade da doação do tempo e atenção que deveria a ela dedicar e pela compreensão do significado deste trabalho para mim. Ana Rita, Rebeca, Jorge Fabrício, Larissa, Carlo Márcio, Verena, Luiza e Luca.

DIRETORIA EXECUTIVA/2002-2007

Diretor Presidente: Antonio Carlos do Espírito Santo
1º Diretor-Secretário: Hugo Magalhães Silva
2ª Diretora-Secretária: Marileide dos Santos Oliveira Souza
1ª Diretora-Tesoureira: Maria Célia Lemos
2º Diretor-Tesoureiro: Eduardo Rocha Santos
1º Diretor de Patrimônio: José Dortas Montargil Filho
2º Diretor de Patrimônio: Marcos Antonio Fraga Rocha
(Gilberto Reis – de saudosa memória – 1º Triênio)
1ª Diretora de Qualidade de Vida: Arcília Gandra Mesquita
Ottoni
2ª Diretora de Qualidade de Vida: Laurinda Mendes Santana

CONSELHO FISCAL

Raimundo Kruschewsky Ribeiro
Alberto Albagli
Clayton Paulo Santos Oliveira
Antonieta Yara Aquino (1º Triênio)

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Maria Bela Oliveira Filho
Maria de Lourdes Silva Araújo
José Antônio Chagouri Oché

CONSELHO DE CURADORES

D. Mauro Montagnolli - Presidente
Cremilda Maltez Bastos
Ricardo Rocha Santos
Maria Guiomar Santana Silva
Jany Farias de Oliveira
João Roberto Aboud Tavares

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DOS 90 ANOS

Zé Carlinhos - Jornalista
Marcos Mendonça - Empresário
Valério Magalhães - Jornalista
Telma Moura – Produtora de Eventos
Eduardo e Celeste Chalhoub – Empresários
Marcos Lessa - Publicitário
Carlos Lessa - Publicitário
Mariana Seixas - Publicitário
Rildo Mota - Publicitário
Mônica Mendonça - Secretária
Maria Izabel de Souza Lopes – Doutora em Educação e empresária
Dalva Marim Beltrami – Doutora em Educação Física e empresária
César Mazzoni – Diretor da TV Santa Cruz
Miguel Soares – Empresário
Irmã Raimunda Landim Fernandes – Administradora do Abrigo

VOLUNTÁRIOS

Cremilda Maltez Souza Bastos
Maria Catarina Lavigne de Lemos – de saudosa memória
Albertina Pain
Anerina Quinto Aitken
Angélica Patrício
Antonieta Bastos
Dione Daneu
Floricéia Rosa dos Santos (Ceinha)
Geraldo Lavigne de Lemos
Gilnete Souza de Morais
Laurinda Mendes Santana

Marcelo Gonçalo Marcelli
Márcia Maltez Souza Bastos
Maria Conceição S. Ramos
Maria de Lourdes Rosa
Maria de Lourdes Santos
Maria Guilhermina de Castro Nery
Maria José Gomes Ferreira
Maria José Rosa
Maria Lima
Maria Moura
Maria Quitéria do Nascimento
Marileide dos Santos Oliveira Souza
Marinalva Ribeiro
Marinalva Souza Santos
Neuza Carvalho
Nilce Moura
Noemia Pereira Souza
Patrícia Vaz
Renildes Maria Almeida Oliveira
Roblia Matos
Romilda Quirino
Rosangela Quirino
Rute Ferreira Dias
Sandra Macêdo
Snia Magalhães
Suely Silva Lavigne de Lemos
Tiago Moisés Ferraz
Valéria Cristina Santos Sandes
Vera Lúcia Carqueija da Silva
Waldice S. Sena
Walquiria de Oliveira Ramos
Zenaide V. Ribeiro

VOLUNTÁRIOS PROFISSIONAIS

Alana Cores - arquiteta, decoradora, responsável pelo patrimônio imobiliário do Abrigo e de tudo o que a este se refere. Responsável pela organização da **Comissão de Patrimônio**, recebendo a importante colaboração dos seguintes voluntários:

Aída Souza Coelho – Advogada e Tabeliã do Cartório de Registro de Imóveis de Ilhéus

Eduardo José Barreto Filho - Corretor

Jackson Martins Oliveira – Bancário Aposentado

D. Mauro Montagnolli - Bispo Diocesano

Ruy Cores – Arquiteto

Elionor Mendonça – Arquiteta e Decoradora

Alcione Rios – Engenheiro calculista

Franklin Albagli – Engenheiro calculista

Francolino Neto – Advogado (de saudosa memória)

José Lapa – Advogado

Ricardo Oliveira da Silva – Advogado

Juracy Amorim de Oliveira - Advogado

Daniela Serafim Lima – Advogada

Lúcia de Fátima Cardoso Soub Nasal - Nutricionista

Paulo Lago – Advogado

Luis Buscariolli - Refrigeração

Maria Amélia dos Santos Farias – Enfermeira

Helvécio Barral – Educador Físico

Maeir Holus – Medicina Holística

Vitória Campos – Arte Terapia

Marlove Quadros – Arte Terapia

Márcia Menezes – Artista Plástica

Siomara Castro Nery – Professora, Mestre em Língua Portuguesa

Geovanna Borges – Psicóloga

Silvana Araújo Cidreira – Nutricionista

Tânia Castro da Silva Tavares - Nutricionista

Antonio Carlos Guerra Pinto - Geólogo, Mestre em Meio

Ambiente

Ana Ely de Santana Guerra Pinto - Assistente Social

Sílvio Roberto Cardoso Brito – Empresário publicitário

Antonio Cavalcanti - Empresário

Goca Moreno – Artista Plástico e Escultor

Marcos Corrêa – Jornalista

Laudelino e Perolina Quinto de Souza – Empresários

Publicitários

Prof. Antonio Joaquim Bastos da Silva – Magnífico Reitor da UESC

Prof. Maria Luiza Nora (Baísa) – Diretora da Editora da UESC (Editus)

Jorge Moreno – Diretor de Política Editorial da Editus

RADIALISTAS

Vila Nova

Saldanha

Roberto Scarpita

Yolando Souza

Estela Amaral

Maria Luiza Heine

Gil Gomes

Jonildo Glória

Pe.Nildemar Andrade

Maltez de Athaide

Toni Matthioli

Odara Ramos

Edison Guimarães

Ciro Zatelli

Jarles Soares

Renato Nogueira

Sólon Brasil – Comunicação

Virgilio Amorim - Comunicação

PODERES E INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

Prefeitura Municipal de Ilhéus – Prefeitos Jabes Ribeiro e
Valderico Reis

Voluntárias Sociais da Bahia

Universidade Estadual de Santa Cruz

SECRETÁRIOS E DIRETORES MUNICIPAIS

Adriana Ribeiro

Antonio Madureira

Antonio Vieira

Carlos Luz

Carlos Pereira

Carlos Roberto Arléo Barbosa

Celso Luis Asseury

César Benevides

Fátima Reis

Gentil Paraíso

Isaac Albagli

Jorge Cunha

Jorge Maron

Luciana Reis

Marcos Magno

Maria Luiza Heine

Maria Marta Lucas

Olívia Cunha

Paulo Ganem

Paulo Medauar Reis

Paulo Moreira

Robson Hamil

Romualdo Pereira

Rúbia Carvalho

Simone Reis

Soane Nazaré

Vera Jasmineiro

PARCEIROS EMPRESARIAIS

Adélia Melo
Amazombahia
Axé.com – Produções Artísticas
Brandão Filhos
Cardia Comércio e Representações Ltda.
Cargill
Colégio Nossa Senhora da Vitória
Colégio São Jorge
Diário de Ilhéus
E.M.Produções e Eventos
Fm Conquista
FM Morena
FM Sul
Foco Regional
Gabriela FM
Grupo Predial
Interact Club de Ilhéus
Intervig Segurança
Jornal A Região
Jornal Agora
JR Studio
Lions Club de Ilhéus
M-21
Maximídia
MM.Bittencourt
Neide Silveira
O Ateneu
Posto Brasil
Posto Roma
Quinto de Souza Sonorização
Rádio Baiana
Rádio Cultura
Rádio Difusora de Itabuna

Rádio Santa Cruz
Revista Folha da Praia
Revista Origem
Rotary Club de Ilhéus
Sara Almeida Buffet e Eventos
Solar Toldos Metalúrgica Ilhéus
Temperado no Tempo Academia Master
Transportes Urbanos São Miguel
Tribuna do Sul
TV Cabrália
TV Santa Cruz
TV Sul Bahia
União das Bancas de Ilhéus
Unimed
Viação Gabriela
Viametro
Vip Segurança

ADMINISTRAÇÃO

Irmã Maria Jerônima de Jesus Queiroz – Administradora do Abrigo por 19 anos

Irmã Raimunda Landim Fernandes – Administradora do Abrigo desde 2004, juntamente com Ir. Maria José dos Santos, Ir. Virgínia Gomes de Souza e Ir. Erudina dos Santos

FUNCIONÁRIOS

Alda Souza Santos Santana
Alessandra da Silva de Oliveira
Ana Cláudia Barreto Ribeiro
Ângela Neves de Souza
Antonio Figueiredo da Silva
Célia Melo de Oliveira
Celma Anunciação de Oliveira

Edson Nascimento Santana
Eduarda Maria Silva
Eduarda Mendes Santos
Elisete Nascimento de Jesus
Etiene Matos da Silva
Eurides Oliveira da Silva dos Anjos
Flávio André Luiz de S. dos Santos
Francisca Adalva Lopes da Silva
Gabriela Vieira de Santana
Igor dos Santos
Ivonete Silva dos Santos
Jacira de Souza Lima
Joelma Silva dos Santos
Joscival Nogueira Costa
Jovelina Nascimento Santos
Maria Conceição Oliveira
Maria José da Silva
Mariluce S.M.da Paixão
Márcia Suzana Garcia Nascimento
Murilo Santos Garcia D'Oliveira
Maria Mônica Mendonça da Costa Silva
Paulo Jorge de Oliveira
Pedro Fernandes dos Santos
Rafael de Jesus Santos
Robson Souza da Silva
Rosangela da Silva Santos
Sonia Maria O. Santos
Sidicley Silva Damasceno
Taiguara Bispo da Silva
Telma Suely Santana da Silva
Tereza Oliveira Bispo
Valmir dos Santos Fernandes

DOADORES

Central Geral do Dízimo

José Carlos Bomfim Vasconcelos

D.Maria Pereira dos Santos (Nenen)

Maria Isabel dos Santos e Filhos

Rosa Chicourel Albagli

Scala Madeireira

Médicos da Unimed

Human Network

Michael Ecks

Casa Brasil

Alberto Chicourel Albagli

Rodolfo Chicourel Albagli

Júlia Albagli de Oliveira

Bitway

Martial Batista Câmara

Membros das famílias Albagli e Chicorel – Doadoras do jardim com caramanchão em homenagem à matriarca da família, D.Rosa Chicourel Albagli.

- Aldimácia Piauy P. da Silva Albagli

- Alexandre Albagli Oliveira

- Júlia Albagli Oliveira (Juju)

- Marcos Albagli Oliveira

- Maurício Albagli Oliveira

- Maria Nilza de Almeida Albagli

- Renée Albagli Nogueira

- Rosa Mariana Albagli Landim

- Ruth Chicourel

- Sara Albagli Almeida

- Terezinha Carvalho Albagli

- Vânia Mariana Oliveira Albagli

- Vitória Chicorel

AOS DOADORES DE TERRENOS E IMÓVEIS, CUJOS NOMES SE ENCONTRAM NO PRIMEIRO CAPÍTULO DO LIVRO

PARCEIROS DA SOLIDARIEDADE

Comunidade Ilheense
Ordem das Irmãs Franciscana Hospitaleiras da Imaculada
Conceição
Comércio de Ilhéus
Empresariado de Ilhéus
Professores de Ilhéus
Agricultores de Ilhéus
Fazendeiros de Ilhéus
Hotéis e Pousadas de Ilhéus
Funcionários Públicos de Ilhéus
Casas de Materiais de Construção
Comércio da cidade de Camamu
Comércio da cidade de Ituberá
Comércio da cidade de Ubaitaba
Academia de Letras de Ilhéus
Doadores de Livros
Doadores de Sopa e Mingau
Doadores de Pães
Grupo do Quilo
Confraria do Vesúvio
Família Albagli
Grupo de Promotores de Festas e Lazer para os Idosos
Grupo Carismático São Vicente
Diocese de Ilhéus
Diocese de Amargosa
Diocese de Livramento
Diocese de Vitória da Conquista
Cursilhistas

Cursilhistas Jovens
5º ano de medicina da UESC- 2007
5º ano de Educação Física da UESC – 2007
Christiane Pádua (5º ano de medicina)
Fernando Dias (3º ano de medicina)
José Daniel Sousa (3º ano de medicina)
Rafael Rechtman (2º ano de medicina)
Enderson Sena (10º período de educação física)
Crystine Nascimento (5º período de educação física)
Mariana Lima (10º período de direito)
Mônica Moura Costa (médica pediatra e mestre em saúde coletiva)
Proler – Unat – UESC
Funcionários da Elclin
Cesta do Povo
Receita Federal
Ministério Público de Ilhéus – 1ª Vara Criminal
Justiça Eleitoral de Ilhéus
Secretaria de Saúde do Estado da Bahia
Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
INSS
Banda Marcial da Polícia Militar
Polícia Militar
Infraero
Teleshop
Marcelo Taraschi
Câmara de Vereadores
Corpo de Bombeiros
SAMU
CICON
Casal Roque e Dilma Lemos
Ciretran
Imapel

Brasílégas
Mucambo
Uniodonto
Schincariol
Wall Street
Caixa Econômicã Federal
Banco do Brasil S/A.
Funcionários do Banco de Brasil - Ilhéus
Banco do Nordeste
Ferrari Vidros
Ferrari Mármore
Etesi
Gabriela Turismo
NV Turismo
Bom Gosto Presentes
Granja RJ
Delicatessen Pão de Mel
Panificadora Mestre Cuca
Farmácia 3 Estrelas
Farmácia Brito's
Farmácia São Paulo
Farmácia Consuelo
Farmácia Cidade Nova
Farmácia do Povo
Farmácia Santa Helena
Drogaria Letícia
Farmácia Bahia – Rede Med – Pontal
Farmácia Pontal
Farmácia Vitória
Farmácia São Jorge
Fármácia Cidade Nova
Granja Central
Churrascaria Recanto Gaúcho

Sempre Verde – Hortifrutti granjeiro
Supermercado VIP
Supermercado Delta
Supermercado Rondelli
Supermercado Itão
Mercado Central
Sacolão Opção
Sacolão Globo
Sacolão Gabriela
Supermercado Meira
Comercial Mascarenhas
Casa do Tempero
Mercado Campestre
Papeleria Universal
Shop 99
Casa do Marceneiro
Rayane Vidros
Gráfica Docarmo
Funerária São Jorge
Cimentec
Blocolar
Brasmat
Loja Construir
Construfort
Lumiforte
Britofer
Bege Bahia
Só Pisos
Casa Mercury
Rede Material de Construção
Buriti Materiais de Construção
Comércio de Tintas Capri Ltda
Vitrine das Tintas

Casa Linda Tintas e Construções
Ipê Madeireira
Máster Madeireira
Faculdade de Ilhéus
Casal Daury e Maria de Fátima Frisso
Casal Almir e Sandra Milanesi
Casal Márcio Tadeu A.Almeida e Maria do Socorro S.de Lima
Escola Reino da Alegria
Maria Rita Santos Mucugê
Jacira Maria Jumaeta Cosenza
Taiane Freitas Novais – Camamu
Djanira do Espírito Santo – Camamu
Ana Rita Cavalcante do Espírito Santo
Carla Cristina Cordeiro Almeida
Ana Lúcia dos Santos Cassimiro
Hildene Maciel dos Santos
Seilma Silva Oliveira
Virginia Maria Bomfim dos Santos
Roseneide Paim dos Santos
Ana Paula Silva Freitas
Hilma Macedo Watson
Mônica Watson Souza
Cássia Watson Galeno de Souza
Watson Negreiro Souza Júnior
Carine Moura de Oliveira
Girany Prado França
Fátima Maria Sampaio Moreira
Ilka Aparecida Santos Badaró
Ana Alice S. Campos
Sheila de Melo Silva
Andréa Dickie de Almeida
Rosane Cristina S.B. Pontes
Ana Noêmia Dias Bittencourt

Sonilda Santana de Melo
Stela Regina Sodré Pereira
Cristiane Costa de Souza
Débora Vitória Maciel
Flávia Moura Costa
Eliocy de Santa Isabel M. Marques
Luciene Bomfim de Moura
Sileide de Jesus Conceição
Maria Cislene Avelino
Patrícia de Moura Carilo Souza
Oficina Susmaga
Eugênio Susmaga
Francisco Susmaga
Izélia Susmaga
Paulo Calçados
Sindtaxi
Parada Obrigatória
Encantur
Casal Alfredo e Marlene Landim
TAM Linhas Aéreas
Colégio Nossa Senhora da Piedade
Ceamev
Josevandro Nascimento
IME
Caic
Colégio Paulo Américo
Colégio Sá Pereira
Colégio Status
Gildelina Reis
Colégio Impacto
Colégio Fênix
Colégio Objetivo
Colégio Moisés Bohana

Colégio Horizontina Conceição
Colégio Luiz Eduardo Magalhães
Colégio Militar de Ilhéus
Corpo Docente dos colégios de Ilhéus
Professores e funcionários do Colégio São Jorge
Professores e funcionários do Colégio N.S.da Vitória
Escola Pequeno Príncipe
Escola Técnica de Enfermagem de Ilhéus
Academia de Ballet Dinâmica e Movimento
Studio Marry Dance
Academia de Ballet Núcleo da Dança
Academia Conexão
Academias de ginástica
Ateliês de Pintura de Ilhéus
Turma do Zé Pretinho
Loja Maçônica Vigilância e Resistência
Loja Maçônica Regeneração Sul Baiano
Loja Maçônica Elias Ockê
CDL
Associação Comercial de Ilhéus
CREA
Clubes de 3ª Idade
Coral da Ceplac
Coral da UESC
Coral D.Eduardo
Coral Nilza Valença
Coral Só o Amor Constrói
Fanfarras
Bar Vesúvio
Sorveteria Ponto Chic
Casal Hans e Clarice Schaepi
Chocolate Caseiro de Ilhéus
Hot Dog do Bicudo

Esquina 170
Casal Eduardo e Celeste Chalhoub
Diretorias e Administrações do Hospital Regional de Ilhéus
Enfermagem do Hospital Regional de Ilhéus
Serviço de Nutrição do Hospital Regional de Ilhéus
Hospital São José
Enfermagem do Hospital São José
Equipes das UTIs dos Hospitais Regional e São José
Funcionários dos Hospitais Regional e São José
Equipes das emergências dos Hospitais Regional e São José
Hospital Bartolomeu Chaves
NAE – Núcleo de Atendimento Especializado
COCI – Clínica Ortopédica e Cirúrgica de Ilhéus
SACRO – Serviços de Acidentados Reabilitação e Ortopedia
CRI – Clínica Radiológica de Ilhéus
MG Linaris
Grupo Celebrai
Disk Tape
Vídeo Life
Marcelo Trota
Casal Luis Carlos e Terezinha Pires Campos Mazzo
Casal Allan e Theresa Trairnor
Rebeca Cavalcante do Espírito Santo
Valdir do Espírito Santo Rocha
Kleber Alcântara Cavalcante
Wladimir Oliveira Monteiro
Fernando Cândido Lindote Garcia
Cristiano Costa Celestino
Ana Carolina de Castro Margalhães
Maria D’Ajuda Galdino de Santana
Antonio Eduardo Bulhões
Helvécio Leite de Souza
Professor Jujuba

Lindaura Kruschewsky
Maria de Lourdes Teles
Belanísia Maria Amaral
Grupo Dilazenze
Grupo Rastafary
Grupos Raízes Negras
Itassucy
Leto Nicolau – Filarmônica São Jorge dos Ilhéos
Chica de Cidra
Anne de Cidra
Pedro de Cidra
Banda Zabumbahia
Verônica Bonfim
Fábio Souza
Keketa – Banda Circuito Fechado
Márcio Setenta
Bebeto
João Carlos
Marcelo Torres
Paulo Rosário
Délío Santiago
Grupo Palha Assada
Pawlo Cidade
Grupo Tudo AV
Janete Lainya
Sidney Moreira Santos
Ballet de Jussara Gomes
Os Saltimbancos
Djalma Santos
Alexandro Andrade – Mel de Forró
Banda Xote Pegado
Hafner Sonorização
Deputada Estadual Ângela Souza

Deputado Federal Raimundo Veloso
Rúbia Watson Carvalho
Boca Du Mar Restaurante
Casal Tuffy e Djalma Rosemberg
Antonio Sampaio
André Ivo Oliveira
Francisco Silva Oliveira
Sérgio Vieira
Deputado Federal Geraldo Simões
José Leite de Souza
Fernando Correa de Oliveira
Rui Diógenes Rehem da Silva
Ruy Carlos Carvalho dos Santos
Mônica Barreto Costa
Jubiabá Apart Hotel
Hotel Aldeia da Praia
Hotel Praia do Sol
Casal Carlos e Maísa Mendonça
Ecoresort Tororomba
Sra. Orfila Sérgio Freire
Opaba Hotel
Canabrava Resort Hotel
Casal Ednei e Maria das Graças Espírito Santo
Juíza Gilsa Neily Bastos Pacheco
Juíza Kátia Suely Dantas Carilo
Maria Augusta Silva da Silva
Diva Maria Silva
Adnair Jesuíno dos Santos
Bárbara Costa Patury
Cia do Cartucho
Pro Recarga
Loca TV
Sebrae

Pai Mendonça
O Cruzado Material para Construção
Portozello
Livraria El Shadai
Canal Jeans
Ratibum
Só Festas
Max Coisas
Discovery
Rima Decorações
A Fórmula – Farmácia de Manipulação
Pharmavida -Farmácia de Manipulação
Ferbrita
UBI
O Uirapuru
Roque Fraga
Ariluz
Arilú Calçados
Mare Azurro
Doll Modas
Le Grand
Cruzada do Bem pelo Bem
Viação Águia Branca
Luiz Carlos da Silva – Supervisor Geral de Logística de
Encomendas Viação Águia Branca
Tisa Nordeste - Salvador
Joannes Industrial S/A
Ekipar Som
Cristal Veículos
Waytec Tecnologia Comunicação Ltda.
Araújo Mateus Import. e Export. Comércio e Representação
Ltda. - Salvador
Prolimpo

Igreja Evangélica Lindinópolis
Pastor Pedro Chagas
Igreja Evangélica Quadrangular
Igreja Universal do Reino de Deus - Itabuna
Bispo Osséssio
Tereza Cristina Neves Kunrrath
Vanderlino Correia Santos Filho
Edite Santos Correia
Casal José e Darci Góes
Casal Álvaro (em memória) e Maria Aparecida Simões
Mário Bunchaft
Eduardo Moraes
Casal Paulo e Maria das Graças Mendonça
Casal Francisco e Maria das Graças Mendes
Eduardo Daneu
Alice Tereza Barbosa Silva
George Nobre
Sílvia Kruschewsky Sabóia
Vera Maron Gomes da Costa
Casal José e Luiza Virgínia Silveira Mota
José Ilário Batista de Canabrava
Olga Dórea
André Simas
Homero Inácio da Silva
Eliane Sabóia
Moisés Teles
Margarida Neuza Pinheiro de Oliveira
Casal Mário e Conchita Verríssimo
Casal Wilhelm Robert e Maria da Glória Meyknecht
Casal Ariston Cardoso (em memória) e Neuza Cardoso
Célia Aleluia da Silva
Leila da Silva Baldez
Ex-Deputado Estadual José de Arimatéia Coreolano de Paiva

Conceição de Oliveira Fraga
Roquelina Gomes Cardoso
Eliana Soares Pereira
Sargento Ivo
Grupo da RM da Jorge Amado
Grupo RM do Carneiro da Rocha
Espaço Maria Bunita
Avalanches
Panificadora Rei do Pão
Lanchonete O Berimbau
Deguste
Panificadora Pão de Açúcar
Panificadora Pontal
Biboka Lanches
Lanchonete Asa Branca
A Barrakitika
Restaurante Casa Rosada
Elizia Angélica Rocha
Mr Pão
Panificadora Ponto 9
Quibe do Nacib
Grupos Religiosos Pastorais e outros credos e religiões cristãs
18ª CSM Ilhéus
SESI / SENAC
UNILAB
Senhoras de Caridade de Ilhéus
Carola Genor e família
Unifisio
Clarissa Madureira
Elaine Reis dos Reis
AABB
Associação dos Aposentados do Banco do Brasil
APCEF

Casal José Roberto e Silvana Araújo Cidreira
AABANEB
Policlínica Halil Medauar
JP
José Augusto Ferreira Campos
Manoel Adelino dos Santos
Roseane Costa Silva
Norsa Refrigerantes
Moinhos Bünden Alimentos

Àqueles que fizeram dos seus aniversários, um momento de presentes para o Abrigo: Adelino Vandilson de Jesus (alimentos), Terezinha Albagli (doação em dinheiro) e Marlene Landim (leite em pó).

A todos vocês, com os quais vivi esta aventura de tornar o Abrigo São Vicente um lugar digno para se morar, mudando deste modo, também, os olhares e alguns paradigmas sobre o velho e a velhice, dedico este trabalho. Com vocês, muito aprendi. Vocês muito contribuíram para que eu me tornasse melhor. Esta é uma obra tocada a muitas mãos.

Sem nenhuma pretensão, estamos lembrando a Ilhéus, o valor da união e que, quando a sociedade decide fazer uma coisa, isto acontece.

Abraço-os fraternalmente com muito carinho e que Deus os abençoe.

Ilhéus, julho de 2007.

Antonio Carlos do Espírito Santo

PREFÁCIO

Um dia, o Diário da Tarde, em sua edição de 9 de outubro de 1931, publicou um editorial de Otávio Moura, do qual extraímos o seguinte trecho:

Devo pedir alvissaras ao público, anunciando que serão, muito em breve, lançadas as bases de uma campanha de benemerência vanguardadas por elementos da nossa organização vicentina, cujo objetivo será a construção, nesta cidade, da casa dos desvalidos [...].

O jornalista Otávio Moura mostrava-se entusiasmado com a possibilidade de construção da Casa do Mendigo. A Sociedade São Vicente de Paulo cresceu, ao longo dos anos; completou 90 anos de existência. Construiu essa existência passo a passo, numa curva ascendente, com o trabalho de obreiros que a ela se dedicaram com o mesmo espírito vicentino dos primeiros tempos, chegando ao século vinte e um, forte e servindo àqueles a quem se propôs servir. Sua história precisava ser escrita e perpetuada para as próximas gerações.

Este trabalho foi realizado em quatro meses, por conta da necessidade de fazê-lo. Dr. Antonio Espírito Santo convocou uma equipe, em março de 2007, e confiou a mim a coordenação desta equipe da qual fazem parte as seguintes pessoas: Telma Moura, Mônica Mendonça, Alfredo Amorim da Silveira, Maria Izabel de Souza Lopes e José Nazal Pacheco Soub. Outras pessoas foram convidadas, mas as atividades do dia-a-dia nem sempre permitem que façamos o que queremos.

Chego a confessar que foi um ato de extrema loucura, ou de confiança na providência divina, aquele que nos permitiu que assumíssemos a responsabilidade de realizar o trabalho. Não sa-

bíamos o que iríamos encontrar, não conhecíamos nada sobre a história do Abrigo São Vicente de Paulo, mas o desafio lançado nos fez aceitar a incumbência com muito entusiasmo e determinação. Cada documento que encontrávamos significava uma vitória, que nos inundava de alegria, que nos lançava para frente em busca de mais documentos, de encontrar a história desta instituição que já completou 90 anos de serviços prestados à cidade de São Jorge dos Ilhéus e à região cacauzeira do sul da Bahia.

São muitos os agradecimentos que temos para fazer. Primeiramente, ao pesquisador Alfredo Amorim da Silveira, que atendeu prontamente nosso chamado e cujo trabalho foi de fundamental importância para a realização deste projeto.

À Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, uma grande parceira da Sociedade São Vicente de Paulo, desde agosto de 1955, sem a qual talvez não fosse possível chegar aonde chegamos.

À Profa. Maria Luiza Nora Andrade, Baísa Nora, diretora da Editus, e ao Magnífico Reitor da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Prof. Antonio Joaquim Bastos da Silva, pela concretização deste projeto na edição do livro “A Casa de Vicente. SSVP: 90 anos de amor e dedicação ao idoso”.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para melhorar as condições do Abrigo São Vicente de Paulo, para enriquecer a gestão atual, para a possibilidade da edição deste livro, **o nosso muito obrigado!**

Ilhéus (BA), julho de 2007.

Maria Luiza Heine
Escritora e historiadora

INTRODUÇÃO

A Sociedade São Vicente de Paulo foi fundada em 10 de setembro de 1916, pelos vicentinos da cidade de Ilhéus, Bahia; é uma sociedade civil sem fins lucrativos e que, há 90 anos, vem prestando serviços, não só à comunidade ilheense, mas também às de outros locais, cuidando de idosos carentes. Inicialmente a instituição não possuía sede e cuidava dos presos e dos pobres da cidade, doando-lhes roupas e alimentos, além do amor cristão. Até o ano de 1936, a instituição funcionou sem ter sua sede, dando assistência aos presos, realizando trabalho social na cadeia pública, levando a Palavra de Deus aos mesmos, e cuidando de pobres e mendigos da cidade. Em 1937, foi construída a Casa do Mendigo, localizada na atual Avenida Itabuna, em terreno doado por um dos vicentinos que atuava nas atividades de caridade, o Dr. Raimundo do Amaral Pacheco. A partir de 1945, percebeu-se a necessidade de ampliar a assistência aos necessitados, pois a Casa do Mendigo comportava apenas 30 pessoas. Foi então iniciada a construção do atual Abrigo São Vicente de Paulo, em terreno da Fazenda Bela Visão, no Alto da Conquista, que foi inaugurado em 1951.

A antiga sede, a Casa do Mendigo, deveria passar a servir à Escola São Vicente de Paulo, que dava educação a crianças pobres, mas não se encontrou o motivo pelo qual esta finalidade não se concretizou. A sede da Casa do Mendigo, que pertencia à Sociedade São Vicente ao longo do tempo, foi perdida pela instituição.

A Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus é uma instituição filantrópica, de Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal, tendo como missão “abrigar pessoas idosas com mínimas capacidades de realizar as atividades básicas da vida diária”, ofe-

recendo-lhes segurança, conforto e respeito, mantendo, elevando e recuperando sua dignidade e satisfação com a vida e o habitat, através de ações educativas, recreativas, assistência médica, fisio-terápica, gerontológica, cuidados de enfermagem e espiritual que promovam a saúde e a reintegração ao convívio social, contribuindo, enfim, para sua felicidade.

O Abrigo São Vicente de Paulo funciona com recursos federais, municipais, parte da aposentaria dos idosos, doações da comunidade, aluguéis e contribuições dos sócios. Está instalado numa área de 5.428 m², localizada à Avenida Luis Viana Filho, número 736, Bairro da Conquista, na cidade de São Jorge dos Ilhéus.

Ao longo desses 90 anos, a instituição foi mantida, sobretudo, pela dedicação de homens e mulheres da cidade de São Jorge dos Ilhéus que, imbuídos do amor cristão, se empenharam, e continuam se empenhando, para que o Abrigo São Vicente de Paulo cumpra sua missão de atender aos idosos que dela necessitam.

Foram muitos os homens que se destacaram, revezando-se como presidentes e diretores da instituição, lutando com afinco para levar, ao longo da história, cada batalha que se apresentava, pois, conseguir assistência e alimentação para cerca de 100 idosos, com todo tipo de doença própria à velhice, é uma tarefa extremamente árdua. Só a fé e a dedicação obstinada podem justificar cada vitória da instituição. Irmã Raimunda Landim, sua atual diretora, afirma que, “só a providência do patrono da instituição, São Vicente de Paulo, possibilita que a obra permaneça por quase um século, cada vez mais forte”.

A Sociedade São Vicente de Paulo, inicialmente, era formada por homens que deixaram seus nomes escritos nesta história, tal a importância da obra a que se dedicaram. Esta informação nos foi passada por Maria Albertina Pacheco, filha de um dos seus membros por muitos anos, e benemérito, Dr. Raimundo do

Amaral Pacheco. Ela afirmou ainda ter sido a Associação Santa Isabel das Senhoras de Caridade fundada por algumas mulheres ilheenses, ou que aqui moravam, como sua genitora, a Sra. Esther Pacheco, porque a Sociedade São Vicente, era formada apenas por homens. Alguns nomes se destacam nesta história e irão aparecendo no desenvolvimento do trabalho. Os fundadores do Abrigo têm seus nomes gravados na parede de entrada da Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças, uma grande iniciativa do Lions Clube de Ilhéus, capitaneada por um presidente da Sociedade, o Sr. Léviton Veloso. Este livro, escrito a muitas mãos, é uma iniciativa do presidente do período compreendido entre os anos de 2002 e 2007, o Dr. Antonio Carlos do Espírito Santo, médico geriatra e responsável por uma grande reforma, não só em questão de obras, mas também, na forma de gerir o Abrigo, transformando-o em Lar dos Idosos.

Conseguir realizar um trabalho deste porte, em tão pouco tempo, a preparação deste livro, só mesmo por inspiração de São Vicente e por muita determinação da equipe responsável, que não mediu esforços para cumprir a tarefa em tempo hábil. A metodologia se baseou basicamente em “correr atrás” das fontes. Foi feito um roteiro para dar início à pesquisa; a partir deste, e do que foi sendo encontrado, é que o livro tomou corpo e chegou à sua forma final.

Foram realizadas pesquisas em fontes primárias, tais como, Livros de Atas da instituição e de cartórios; a principal fonte, porém, foram jornais locais da época; foi utilizada, como instrumento, a história oral, através de entrevistas com benfeitores, ou seus descendentes, com moradores do Abrigo e com as religiosas da Ordem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição que, desde 1955, administram a casa.

Também foi realizada pesquisa na Internet, para complementação dos dados encontrados. A fundamentação teórica foi buscada em obras clássicas sobre a velhice e o trato com os ve-

lhos. *A Velhice*, de Simone de Beauvoir, e *Lembranças de Velhos*, de Ecléa Bosí, foram os trabalhos básicos, mas outros trabalhos, inclusive artigos encontrados na Internet, foram utilizados para que este capítulo do livro pudesse ser concluído.

Pode-se perceber que um grande problema para o velho é a falta de ocupação. A inatividade é um mal que “adoece”, não só os velhos, mas qualquer pessoa que não tenha um trabalho, uma ocupação, uma atividade. Já diziam os antigos que “mente vazia, oficina do diabo”. Daí, cada vez mais, quem trabalha com os idosos, tem a preocupação de preencher-lhes o tempo. Assim, encontramos o texto de Domingos Pellegrini, intitulado “Desaposentados”, que fala das pessoas aposentadas que buscam uma atividade para não ficarem apenas esperando a morte chegar. O idoso, do texto em questão, resolveu cuidar de uma praça. Em dado momento, o narrador pergunta:

“- O senhor é aposentado? – Não, sou desaposentado. – Quando me aposentei tinha visto muito colega aposentar e murchar que nem árvore que você poda e rega com ácido de bateria... [...] Eu já tinha visto muito colega aposentar e murchar. Botando bermuda e chinelo e ficando em casa diante da televisão. [...] Até acabarem com derrame ou enfarte, de não fazer nada e ainda viver falando de doença.” Esta preocupação, de ocupar o idoso, está presente, cada vez mais, na administração do Abrigo São Vicente de Paulo. Se o idoso tornou-se invisível na sociedade moderna, a administração do Dr. Antonio Espírito Santo e sua equipe primou em dar a maior visibilidade possível, a estes homens e mulheres que já deram tudo de si para a sociedade, e agora, necessitam do apoio social para cumprirem seu tempo na terra dos homens.

Após a conclusão deste trabalho, pudemos compreender que se faz necessário lançar um novo olhar sobre o idoso. Já não se pode pensar no idoso como um estorvo, como um peso morto social, mas como alguém que é protótipo do trabalho científico:

alguém que estende seu tempo de vida na Terra, que já deu tudo de si e representa experiência e sabedoria. Se a metamorfose que a velhice causa ao ser humano, provoca estranheza, é preciso entender que a verdadeira beleza não está na aparência, mas no que a pessoa construiu ao longo de sua vida, além de sua capacidade de amar. A verdadeira beleza é invisível aos olhos.

Ao longo do trabalho, estarão sendo utilizadas algumas frases, retiradas de uma mensagem recebida pela internet. Como as frases são bonitas e próprias para o texto do livro que ora se publica, pede-se permissão para incluí-las, sem, no entanto, dar o devido crédito ao seu autor, pois o e-mail não o continha. Entrará como autor desconhecido.

A riqueza do material encontrado foi muito maior do que poderíamos almejar. A boa vontade da Sra. Marilene Rocha de Jesus Horimoto, oficial do Cartório de Títulos e do Registro Civil de Pessoas Jurídicas desta Comarca de Ilhéus do Estado da Bahia, em realizar a busca dos documentos, para encontrar a comprovação da fundação da Sociedade São Vicente de Paulo, foi de grande importância para fecharmos a questão do começo da instituição e seu desenvolvimento. Os livros de Atas da Sociedade também foram utilizados como fonte primária para acompanharmos este desenvolvimento. A principal fonte, entretanto, foram as notícias de jornal no período de 1925 a 1949, dedicado trabalho, realizado pelo pesquisador Alfredo Amorim da Silveira.

O último capítulo do livro foi escrito pela Profa. Dra. Maria Izabel de Souza Lopes. Por conhecermos o trabalho desta socióloga que, recentemente, escolheu Ilhéus para morar, percebemos que sua bagagem intelectual seria de grande valor para o conteúdo deste trabalho. Não nos enganamos. Sua visão, sua experiência do trabalho realizado, juntamente com o da Profa. Dra. Dalva Marim Beltrami, na Universidade Estadual de Maringá, Paraná, demonstraram que, “o envelhecimento de uma pessoa é uma história única” e que, muito elas têm para contribuir, não só com o

Abrigo São Vicente, mas com a sociedade ilheense.

Por parte de todas as pessoas, encontramos boa vontade e colaboração. Dos funcionários do Abrigo, dos internos consultados, das irmãs que lá trabalham, dos que realizam trabalhos voluntários, de todos, enfim, para que a meta deste trabalho fosse atingida, a de escrever um livro contendo 90 anos de história da SSVP, como é também conhecida.

Sabemos que muito mais poderia ter sido escrito, mas, em nenhum momento este trabalho pretendeu esgotar a rica história de 90 anos de existência desta instituição forte, pelo trabalho de seus colaboradores, e rica, das graças de Deus e da proteção de São Vicente de Paulo. Esperamos, igualmente, termos conseguido cumprir nossa missão, ajudando, com este trabalho, a tornar conhecida a história da Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus e do Abrigo São Vicente, o Lar dos Idosos, sem dúvida, uma das mais significativas instituições do gênero, no Brasil.

Com este trabalho pudemos colocar para o público leitor um pouco da história dos vicentinos e da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. E, por fim, esperamos tornar este livro, mais que um livro, um documento sobre a Instituição e sobre a gestão do médico geriatra, Dr. Antonio Carlos do Espírito Santo, como presidente da SSVP.

CAPÍTULO 1

A REALIZAÇÃO DE UM SONHO COLETIVO E SOCIAL

Envelhecer é o único meio de viver muito tempo
(Autor desconhecido).

1.1. OS FUNDADORES

Não é uma tarefa fácil levantar a história de uma instituição, quando já se passaram 90 anos de sua fundação, principalmente quando o espaço que se tem para trabalhar é muito curto e quando as pessoas que poderiam colaborar, com seus depoimentos, já não fazem parte deste mundo. O trabalho foi realizado em equipe e a pessoa fundamental para o levantamento dos dados do início da instituição foi o pesquisador Alfredo Amorim da Silveira, cujo principal *hobby* é freqüentar o Arquivo Público João Mangabeira, com a finalidade de buscar notícias do passado, de conhecê-lo melhor.

Não foi encontrada a ata de fundação da Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP), mas conseguimos uma certidão expedida pelo Cartório de Títulos e Documentos, afirmando que a data de fundação da instituição é 10 de setembro de 1916. A certidão será transcrita mais adiante.

Este capítulo trata do levantamento realizado pelo pesquisador citado, do material que se encontra no Arquivo Municipal, em publicações dos jornais da época. O acervo existente é mais amplo, já que grande parte do jornal Diário da Tarde, fundado em 1929, encontra-se no CEDOC, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

De acordo com intensa pesquisa realizada por Alfredo Amorim da Silveira, existem notícias da Sociedade São Vicente de Paulo, publicadas nos jornais da época, desde julho de 1925. O Abrigo São Vicente foi criado, certamente, acompanhando a tendência surgida na Europa, no final do século XIX, posto que Darwin¹ afirma que, na Europa, foram criados espaços para idosos. Diz o autor que:

foram criados, no fim do século XIX e início do século XX, lugares para os familiares deixarem seus gerontes. Lugares esses que tiveram diferentes nomes, desde asilos, abrigos para velhos. E muitos gerontes eram levados para esses lugares para esperar a morte chegar. No entanto, muitas vezes a morte demorava, porque os indivíduos eram deixados lá por estarem envelhecendo, mas não estavam tão doentes ou tão comprometidos (p. 1).

Segundo o Correio de Ilhéus, jornal que circulava à época, na edição número 623, publicada em 21 de julho de 1925,

Efetuiu-se no domingo, às 15 horas, na Catedral, uma sessão de assembléia geral da útil e humanitária Sociedade S. Vicente de Paulo. Presidiu-a o Dr. Mario Pessoa, Intendente Municipal, secretariado pelo Dr. Oscar de Andrade e pelo Sr. Dário Rocha Passos, presidente da Associação dos Empregados no Comércio. Depois da leitura do relatório dos trabalhos anteriores da confraria, usou da palavra o Dr. Oscar de Andrade, orador oficial da solenidade (CORREIO DE ILHÉUS, 21 jul. 1925).

¹ Conforme o *site* www.cdof.com/idosos11.htm, acessado em 06.mai.07.

Ainda de acordo com a mesma notícia, o Dr. Oscar de Andrade falou durante muito tempo da vida de S. Vicente, apresentando uma moção de apoio ao bispo diocesano, D. Manoel de Paiva, tendo sido muito aplaudido, ao terminar. Na solenidade, também usou da palavra o Padre Ruben Mesquita, secretário interino do conselho particular da Sociedade São Vicente de Paulo. Na sessão houve coleta de dinheiro, orações e distribuição de vales semanais.

É interessante notar que a notícia fala em Catedral. A atual Catedral de São Sebastião ainda não havia sido construída, portanto deve se tratar da Igreja de São Jorge. Em contato com a Profa. Maria Albertina Pacheco, cujo pai, Dr. Raimundo do Amaral Pacheco, pertenceu à Sociedade São Vicente, foi confirmado que nos anos vinte, quando as pessoas se referiam à igreja de São Jorge, tratavam-na de “a Catedral”.

O jornal citado afirma que, ao encerrar a reunião, o Intendente Mário Pessoa agradeceu a honra que lhe foi dada de presidir a sessão, e felicitou os Vicentinos pela grande obra de solidariedade humana que entregavam à cidade.

Sabe-se que o Abrigo São Vicente de Paulo foi fundado por iniciativa dos Vicentinos. Ao longo da pesquisa encontramos muitas referências aos mesmos e, por falta de conhecimento, pensávamos que se tratasse de uma ordem religiosa. Perguntamos a algumas pessoas sobre a existência dos mesmos, mas ninguém sabia informar. Como, atualmente, quem dirige a instituição são as religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, e que estão a serviço do abrigo desde 15 de agosto de 1955, pensávamos que os vicentinos também fizessem parte de uma ordem religiosa, assim como os franciscanos, os dominicanos e os jesuítas.

Questionamos muitas pessoas, mas não encontramos respostas para nossas dúvidas. Foi pesquisando na Internet que encontramos as respostas que procurávamos. De acordo com o *site* pesquisado,

Os Vicentinos são os seguidores dos ideais de Frederico Ozanam, intelectual francês que decidiu transformar o discurso das Conferências de História na Universidade de Sorbonne (França) em práticas e ações concretas nas Conferências de Caridade, que deram origem em 23 de abril de 1833, na Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP no Brasil).²

Ainda de acordo com o mesmo *site*, a SSVP, como é conhecida, “é uma organização que congrega leigos católicos, que se esforçam – movidos pela justiça e caridade – para aliviar os sofrimentos do próximo, mediante o trabalho coordenado de seus membros”. Portanto os Vicentinos de Ilhéus não pertenciam a uma congregação religiosa, mas eram pessoas da sociedade, que queriam seguir o modelo da instituição nascida em Paris (França). Os Vicentinos costumavam realizar suas ações ajudando pessoas necessitadas, e estas ações compreendem qualquer forma de ajuda, através de contato pessoal, cujo objetivo maior é “amenizar a dor social promovendo a dignidade e a integridade do homem” (id., *ibid*). Por isso mesmo é que o Correio de Ilhéus afirma que,

Louvando o gesto de nobreza e altruísmo das Conferências de S. Vicente de Paula, nesta terra, dirigidos por espíritos benfeitores, levamos aos nossos infelizes irmãos presos, a espera da ação eficiente da justiça, nosso abraço fraternal (Correio de Ilhéus, 20 ago. 1925).

O trabalho realizado pelos Vicentinos é voluntário, pois nem seus membros nem seus dirigentes recebem qualquer remuneração. Eles lutam contra a miséria, buscando descobrir suas causas, para que sejam sanadas. “Levam seus auxílios a todos que

² <http://www.diocesedeapucarana.com.br/vicentinos.htm> - acessado em 15.06.2007.

precisam, independentemente de raça, cor, nacionalidade, credo político ou religioso e posição social” (id; *ibid.*). Após esta pesquisa sobre os vicentinos de Ilhéus, as notícias encontradas no jornal *Correio de Ilhéus* ficaram ainda mais claras. Sobre a forma de trabalhar dos vicentinos, diz o jornal:

Os confrades de S. Vicente, qual abelhas, elaboram o mel da caridade, às escondidas, sem alarde. Não procuram trombetear aos quatros ventos o que fazem pelos deserdados da sorte (*Correio de Ilhéus*, 15 mar. 1928).

Segundo o site <http://www.ssvponline.org/ssvp.asp>, acessado em 15.06.2007, a Sociedade São Vicente de Paulo,

Fiel a seus fundadores, tem a preocupação de renovar-se constantemente e adaptar-se às condições mutáveis do mundo. De caráter católico, está aberta a quantos desejam viver sua fé no amor e no serviço a seus irmãos. A unidade da SSVp no mundo é representada por sua REGRA (REGULAMENTO). Busca, incansavelmente, um trabalho de maior contato e aproximação com a Igreja, através do Clero.

O Brasil é o maior país vicentino do mundo, com mais de 260 mil membros, mas a Sociedade está presente em 139 países, com mais de um milhão de seguidores. Os vicentinos brasileiros atendem semanalmente a cerca de 150 mil famílias carentes. É importante observar que os vicentinos realizam minucioso levantamento sócio-econômico das pessoas que vão atender, “nos mais diferentes bolsões de miséria (favelas, cortiços, zona rural, ribeirinha etc.)”. Em gêneros alimentícios são distribuídos mais de 800 mil quilos de alimentos por semana. Também são distribuídos “remédios roupas, materiais escolares, móveis, utensílios diversos e, principalmente, a orientação espiritual, através do anúncio do Evangelho, do encaminhamento aos Sacramentos e da catequese familiar” (www.diocesedeapucarana.com.br).

As Conferências Vicentinas atendem às pessoas carentes em seu local de moradia e, também, pessoas que se encontram em asilos, creches, orfanatos, albergues e hospitais, “nos quais os Vicentinos cuidam de idosos desamparados, crianças abandonadas, inválidos e doentes, que recebem bem estar, segurança e a possibilidade de um futuro melhor”. São cerca de 2.000 obras assistenciais espalhadas pelo Brasil (id., *ibid.*).

A vocação vicentina está fundamentada “na angústia e indignação diante da miséria do ser humano e na esperança de que partilhando seus talentos”, ou seja, aquilo que cada um tem para dar, podendo ser aptidão, tempo ou recursos, seguindo as palavras proferidas por Jesus Cristo, “se fazendo pobre com o pobre e dando testemunho de sua fé pelo amor pessoal aos que sofrem” (id; *ibid.*).

1.2. A INSTITUIÇÃO

As notícias levantadas nos jornais pelo pesquisador Alfredo Amorim da Silveira nos mostram o desenvolvimento da instituição Sociedade São Vicente de Paulo, SSVV, ao longo dos anos.

No mesmo ano de 1925, a 20 de agosto, em referência à Sociedade São Vicente de Paulo, o Correio de Ilhéus noticia que, às primeiras horas do dia, houve missa no quartel da polícia, mandada celebrar pelas Conferências São Manoel e Sagrado Coração de Jesus, da sociedade “altruística desta cidade – São Vicente de Paula” (em algumas notícias encontra-se São Vicente de Paulo, em outras de Paula).

De acordo com a notícia, o ato revestiu-se de grande significação, e por isso mesmo “antes da celebração do Santo Sacrifício houve confissão e comunhão dos acusados presentes”, aqueles que estavam no quartel; e que o Padre Granja, iniciou os trabalhos proferindo um belo sermão. Ainda segundo a mesma notícia:

Finda a cerimônia religiosa foi oferecido pelas mesmas conferências aos acusados um excelente café com finos doces, participaram da mesa, além dos infelizes presos, o Padre Granja; seminarista Rubem Mesquita; sacristão José Medeiros; João Mattos e Leonel Marques, diretores das Conferências S. Manoel e Coração de Jesus; comandante do destacamento Sargento Bazílio Menezes Pinto; Emiliano Paim, carcereiro; Correia Carmo, pelo “Correio de Ilhéus”; Nelson Schaun, pelo Colégio Coração de Jesus e muitos cavalheiros, senhoras e senhorinhas da nossa melhor sociedade (CORREIO DE ILHÉUS, 20 ago. 1925).

A notícia cita o nome de 16 pessoas que se encontravam presas no quartel de polícia e diz: “os acusados que hoje comungaram a Hóstia do Senhor e por isso participaram do carinho e da benevolência de S. Vicente de Paula”. Pode-se concluir que a Sociedade São Vicente ocupava-se em prestar solidariedade e apoio moral aos mendigos e aos acusados de alguma falta contra a sociedade ou mesmo, de algum crime. O editor da notícia louva o gesto de “nobreza e altruísmo das Conferências de São Vicente de Paula” dirigidas por pessoas que se preocupam em ajudar outras, levando “aos nossos infelizes irmãos presos”, um abraço fraternal, enquanto esperam uma ação eficiente da justiça.

Pesquisar em jornais antigos é uma forma de ter contato com os hábitos e costumes daquela época. Assim é que o Correio de Ilhéus, datado de 19 de dezembro de 1925, publica uma matéria muito interessante que deve ser reproduzida na íntegra. Diz o seguinte:

Da Sociedade S. Vicente de Paulo recebemos o convite infra o que agradecemos.

Exmo. Sr. Diretor do <<Correio de Ilhéus>>. – Nesta. Realizando-se no dia 20 de dezembro na Catedral desta cidade, às 15 horas, a sessão de assembléia geral em comemoração à Imaculada Conceição da S. S. Virgem Maria,

temos o prazer de convidar V. Ex. e Exma. Família, para honrar com suas presenças essa solenidade. Confessando-se agradecidos, subscrevem-se.

D. V. Ex. Servos em Christo.

Domingos Fernandes da Silva, presidente.

Leonel Marques, vice-presidente.

Ruben Mesquita, secretário.

João Mattos de Oliveira, tesoureiro.

(CORREIO DE ILHÉUS, 19 dez. 1925)

A notícia diz, ainda que, os vicentinos incentivavam, em sua obra, cooperação e trabalho; e que, na semana seguinte, eles sairiam às ruas, com a finalidade de angariar donativos nas diversas casas comerciais da cidade, no sentido de promover a festa do Natal, “oferecendo brindes aos infelizes que imploram a caridade pública”.

O jornal louva a atitude dos vicentinos, promete colaborar, dentro de suas possibilidades, com a campanha, e conclama a população a colaborar, pois “se trata de um ideal nobre que deve ser imitado por todas as associações religiosas, por isso esperamos que as casas comerciais, mais esta vez, concorram, pressurosas, a causa do bem”.

O Correio de Ilhéus, em sua edição de 31 de agosto de 1926, volta a falar sobre a obra vicentina na cidade. Pode-se, portanto, perceber a frequência com que notícias sobre este assunto eram publicadas nos jornais locais. Sob o título *Uma nobre iniciativa*, o jornal diz o seguinte: “É uma das mais nobres e sublimes instituições humanas, a Sociedade de São Vicente de Paulo, cujos alevantados fins, quase todos sabem que é o bem fazer à humanidade que sofre”. O artigo fala de alguns abnegados espíritos que proporcionam frutos excelentes “dessa obra altamente divina e valiosa”. Mais adiante, na mesma matéria, diz o jornal que:

Uma das iniciativas da São Vicente de Paulo, em Ilhéus, é

a fundação do asilo de mendicidade, o que deve merecer, por parte de todos os corações bem firmados, a colaboração espontânea e justa, a fim de que possamos assistir realizados esse grandioso movimento de caridade (CORREIO DE ILHÉUS, 31 ago. 1926).

A matéria continua dizendo que esta cidade possui “duas conferências de São Vicente de Paulo”, uma sob o patrocínio de São Manoel, outra sob a invocação do Sagrado Coração de Jesus. E que há um Conselho Particular que as superintende. Pelo que o jornal apresenta, elas funcionam separadamente, pois a matéria diz que a de São Manoel conta com um efetivo de 22 confrades ativos, socorrendo a 12 famílias pobres, “livrando-as, assim, da humilhação de implorarem a caridade pública, arrastando pelas ruas os agoures terríveis de seu infortúnio”.

A notícia afirma que, naquele ano, “essa Conferência promove os meios da fundação, no Alto da Conquista, de uma escola” cuja finalidade é promover os filhos da pobreza, de forma a lhes permitir receber roupas e calçados, e que, além disso, “possam ali receber o magnífico pão da instrução”. Disso, o que se pode concluir é que em um primeiro momento, a finalidade da Associação São Vicente de Paulo era ajudar famílias pobres, com a doação de alimentos, roupas e assistencialismo, de modo geral, aos pobres e aos presos. A Conferência de São Manoel tinha, também, a finalidade de contribuir com livros e outros materiais escolares para as crianças pertencentes a estas famílias pobres, às quais eles davam assistência.

No arquivo existente no Abrigo São Vicente de Paulo, constam livros de registro dos alunos desta escola, mantida pela Sociedade àquela época. Existem livros de registro de alunos, que estão listados em outro capítulo.

É necessário lembrar que, na década de 1920, não havia obrigatoriedade no ensino, que Ilhéus possuía algumas escolas particulares e que, no ano de 1915, havia sido fundada a primei-

ra escola pública da cidade, que se chamou mais tarde Colégio General Osório. Foi a partir da Constituição de 1934 que o ensino público passou a ser obrigatório; e às mulheres, só foi dado o direito de votar, em 1932. Então, para que as crianças pobres tivessem acesso à educação, era necessário que pessoas se preocupassem em fazer acontecer. Era o caso da Conferência de São Manoel, da Sociedade São Vicente de Paulo. O jornal traz um forte apelo à sociedade, afirmando que “é de esperar que a gente nobre e generosa de Ilhéus concorra, com o seu valioso apoio, em favor da Conferência S. Manoel”; o jornal lança então a notícia de que a Sociedade São Vicente tem a intenção de fundar um asilo de “mendicidade”. Daí se chegar à conclusão de que, em 1926, ainda não existia a assistência aos idosos. O jornal pede à população que contribua com a obra.

O Correio de Ilhéus, na edição de 21 de setembro de 1926, traz o seguinte destaque: **S. Vicente em Ilhéus: primeiro decênio**. Aí a confirmação da fundação da sociedade. É bom ressaltar que primeiro foi fundada a sociedade, que funcionou em diversos locais, antes que fosse definitivamente para sua sede atual, no Alto da Conquista. Em linguagem rebuscada, como era comum à época, o Correio de Ilhéus louva a chegada do décimo ano para esta sociedade cuja finalidade maior está na filantropia, em ajudar a quem necessita. Diz o editor que, no início, a sociedade viveu “completamente esquecida, criminosamente relegada ao indiferentismo absoluto, por isso que raríssimos eram os elementos que, abnegadamente, tomavam a ombros a meritória obra”.

O jornal afirma, ainda, que nos últimos tempos, felizmente, a Sociedade São Vicente tem tomado um incremento animador; o jornal continua dando grande apoio à instituição. Diz a edição:

Prova-o de modo irrefragável, a brilhante conquista moral que se registrou no domingo transator, (19.09.1926) quando a S. Vicente comemorou o seu primeiro decênio de vida. E o fez de maneira solene e significativa, toman-

do a iniciativa de submeter à confissão os detidos das cadeias públicas desta cidade, onde foi celebrada tocante e majestosa missa, pelo Revd. Padre Andrade, virtuoso capelão do Convento dos Humildes, em S. Amaro, e uma das mais lídimas glórias do clero brasileiro (CORREIO DE ILHÉUS, 21 set. 1926).

Ao solene ato compareceu um grande número de fiéis, dentre eles, pessoas destacadas da sociedade da época, senhoras, todos os vicentinos de Ilhéus, os presos que, “retirados do cárcere, foram colocados no salão principal, onde se erguia o altar”.

A narrativa utilizada pelo redator chega a ser romântica e poética, quando diz que, após os primeiros ofícios, acompanhado ao som de um órgão, entremeados de cânticos sublimes, o padre Andrade, “numa linguagem clara e eloqüente, em que deixou transparecidas as suas excepcionais qualidades, pronunciou brilhante sermão acerca da vida de São Vicente e do valor da instituição fundada por ele”. O religioso falou, também, da sagrada missão dos vicentinos, utilizando-se de palavras doces e piedosas para com os encarcerados, e concluiu, falando da virtude da caridade, que, segundo a Bíblia, é a maior delas - o amor. O clérigo distribuiu a hóstia aos presidiários que haviam confessado no dia anterior, segundo a matéria.

Ao fim da missa, foi servido, aos detidos e demais presentes, “lauto café, por uma comissão de senhoras, senhorinhas e pelos vicentinos”. Após o café foram realizadas duas sessões, a de São Manoel e do Sagrado Coração de Jesus, que constituíam a Sociedade São Vicente de Paulo, de Ilhéus.

O jornal demonstra claramente a importância da existência da Sociedade na cidade, dos fins a que se dedica a instituição e tudo que ela pode fazer pelas pessoas carentes. No mesmo dia, à tarde, houve sessão do Conselho Particular da instituição, presidida pelo bispo diocesano, D. Manoel de Paiva, “que pronunciou eloqüentes palavras”.

O Correio de Ilhéus, em sua edição de 5 de fevereiro de 1927, traz uma matéria que diz o seguinte:

Temos em nossa banca de trabalho a seguinte carta:

Ilhéus, 1º de fevereiro de 1927.

Exmo. Sr. Redator do “Correio de Ilhéus”.

Cumprindo a missão iniciada pelo nosso patrono, resolvemos dotar a Cidade de uma Escola Popular, destinada a ministrar a luz da instrução às crianças, muito especialmente às desprotegidas da fortuna.



Por esse motivo temos a honra de convidar V. Exa. e a Exma. Família, para assistirem ao ato da instalação, que se realizará no próximo domingo 06 do corrente, às 16 horas, no arrabalde da Conquista.

Certos de que prestará V. Exa. assistência a essa solenidade, antecipamos nosso agradecimento e subscrevemos-

-nos servos em Cristo. – Leonel Marques, José Pinto Brandão, Ruben Mesquita, José Victorino Souza, João Mattos Oliveira, Antônio Alves Silva Pinto, Príamo José de Lemos, José Ferreira Dias, Victor Manoel Ramos e Nelson Schaun (CORREIO DE ILHÉUS, 05 fev. 1927).

Foi então, em fevereiro de 1927, que foi inaugurada, no Alto da Conquista, a escola da Sociedade São Vicente para educar crianças de classes sociais menos favorecidas. O evento teve grande repercussão, e lá compareceram o Intendente Municipal, que presidiu a sessão, o Delegado Escolar, Dr. Augusto Weyll Júnior, representantes de diversas associações, a imprensa e pessoas importantes da sociedade local. A escola recebeu o nome do santo padroeiro da instituição, São Vicente de Paulo. A direção da escola ficou a cargo da Srta. Alzira Nazareth. O jornal afirma que “inaugurou-se no último domingo, uma escola, no pitoresco arrabalde da Conquista, cujo ensino será ministrado às crianças pobres”.

Em discurso, o Intendente Dr. Mário Pessoa, “num inspirado improviso congratulou-se com a obra dos vicentinos”, preocupados em fundar, na cidade, um centro de estudos destinado “aos filhos do povo”. Suas últimas palavras foram coroadas por uma salva de palmas, diz o texto. Foi o, mais tarde, acadêmico Nelson Schaun, quem falou em nome da confraria de São Vicente, “terminando por fazer um apelo ao povo e ao governo desta terra, para que ajudem à obra grandiosa dos vicentinos”. Ao finalizar a solenidade, foi lavrada uma ata, que foi assinada pelos presentes. A solenidade foi abrilhantada pela Filarmônica Euterpe 3 de Maio.

Em junho do mesmo ano de 1927, o Correio de Ilhéus publica uma matéria dizendo que o Colégio Coração de Jesus estava preparando um espetáculo em benefício da escola São Francisco de Paulo. Diz, ainda, que a gente de Ilhéus sabe que a Sociedade São Vicente é “uma instituição pobre e dedicada ao alevantado mister de bem fazer aos que sofrem”. Que, apesar das grandes dificuldades

por que passava a sociedade, “tomou a peito a grande obra de alfabetizar os filhos da pobreza, mantendo uma escola, com o efetivo de mais de 60 crianças”. E adianta que a sociedade só contava com os recursos doados pelos confrades da sociedade e, portanto eram necessárias outras ajudas, como aquela que se dispunha a fazer o Colégio Coração de Jesus. O espetáculo a ser apresentado foi “A filha de Herodes”, da comédia “Uma criada em 3 mangas”, além de um ato de variedades, com números escolhidos.

O Intendente Dr. Mário Pessoa ficou sensibilizado com a situação de dificuldade por que passava a Sociedade São Vicente, pois de acordo com matéria publicada em 4 de outubro de 1927, pelo Correio de Ilhéus, foi promulgada a Lei nº 332, cujo teor passamos a transcrever:

O Dr. Mario Pessoa da Costa e Silva, Intendente do Município de Ilhéus.

Faço saber que o Conselho Municipal decretou, e eu mando publicar e cumprir, a seguinte lei:

Art. 1º Fica o Sr. Intendente autorizado a auxiliar com a quantia de um conto de réis (1:000\$) a Sociedade Beneficente São Vicente de Paulo, nesta cidade.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Gabinete do Intendente Municipal de Ilhéus, 29 de setembro de 1927.

(Assinado) Dr. Mario Pessoa da Costa e Silva.

Nesta Secretaria da Intendência Municipal de Ilhéus, foi registrada e publicada a seguinte lei, sob n.º 332, em 29 de setembro de 1927.

O secretário, Leones Fonseca (CORREIO DE ILHÉUS, 04 out. 1927).

Já a edição do mesmo jornal, datada de 24 de novembro de

1927, apresenta a manchete dizendo que As Sociedades da União Protetora dos Artistas e a São Vicente de Paulo foram contempladas, no orçamento federal, conforme telegrama dirigido aos presidentes daquelas sociedades, pelo deputado federal Dr. João Mangabeira, “no orçamento da Despesa Pública, ora em discussão na Câmara Federal, com subvenções para o custeio de suas despesas e manutenção, em virtude do recente imposto de caridade, criado pelo Congresso Federal”. O jornal afirma que não é a primeira vez que o ilustre deputado, representante da cidade, se lembra das casas de caridade e de outras instituições locais, que de vez em quando têm merecido benefícios como este, posto que o Hospital São José, o Colégio Nossa Senhora da Piedade e a Colônia de Menores foram beneficiados com auxílios do Governo Federal.

O Correio de Ilhéus, edição de 6 de dezembro de 1927, fala dos exames escolares da Escola São Vicente de Paulo e apresenta a relação dos alunos e o resultado final. Assim, eram os seguintes os alunos da escola e a banca examinadora, naquele ano de 1927, segundo o jornal:

Domingos Olympio de Souza e Clotildes de Oliveira Lima, aprovados plenamente 9; Lindaura Borja e Benícia de Oliveira, aprovadas plenamente 8; Josina Ferreira da Silva, Mário de Oliveira Merques e Miguel Simões Araújo, aprovados simplesmente; Anna Maria do Prado, Osvaldo Mattos, Antônio José Gonçalves, Floripes Nascimento, Clarindo Soares de Oliveira, Christiano Soares de Oliveira, desclassificados. A banca examinadora foi composta dos professores Nelson Schaun, Themístocles Rocha e Amália Pereira de Oliveira, regente daquele estabelecimento, sendo fiscalizados os trabalhos pelo Sr. Dr. Augusto Weyll Junior, delegado escolar residente e foram realizados no dia 29 do p. findo (CORREIO DE ILHÉUS, 06 dez. 1927).

Ainda segundo o Correio de Ilhéus, edição de 11 de dezem-

bro de 1928, foram os seguintes os alunos que concluíram o curso naquele ano, cuja professora se chamava Amália Pereira Oliveira:

Zuzanina Bombinho, Benício Oliveira, Geny Bastos, distinção; Carmélia Carillo, Raymundo Menezes, Euclides Sant'Anna, Emília Jesus, Isaura Santos, plenamente; Idalina Conceição, Valdomiro Sant'Anna, Edith Santos, simplesmente (CORREIO DE ILHÉUS, 11 dez. 1928).

Pode-se perceber que o Correio de Ilhéus, importante jornal da época, dava grande suporte às atividades da Sociedade São Vicente, publicando com freqüência suas atividades e os feitos ligados a ela. A edição de 15 de março de 1928 publica o movimento da instituição no ano anterior, 1927. O editor refere-se aos confrades de São Vicente da seguinte forma: “Os confrades de São Vicente, qual abelhas, elaboram o mel da caridade, às escondidas, sem alarde”. Afirma que eles jamais anunciam o que realizam, que “não procuram trombetear aos quatro ventos o que fazem pelos deserdados da sorte”. Mas que, apesar desta discrição, são obrigados a prestar contas das importâncias que recebem, “são forçados a justificar o emprego das esmolas que lhes são confiadas pelos corações caritativos”. E conclui afirmando que “eis porque a Conferência do Sagrado Coração de Jesus, que funciona na Catedral, nos pede a publicação” da prestação de contas que passa a ser transcrita:

Conferência do S. Coração de Jesus - Movimento do ano de 1927:	
Receita	
Saldo do ano anterior	224\$900
Receita (Coletas, donativos e mensalidades dos subscritores)	1:705\$200
	1:930\$200
Despesas	
Vales de gêneros, remédios e socorros pecuniários	1:165\$500
Auxílio à Escola S. Vicente	538\$000

Décimas ao Conselho Particular	139\$000
Despesas internas e obras diversas	74\$800
Soma	1:917\$300
Saldo em caixa a 1º de janeiro de 1928	12\$900
	1:930\$200

Fonte: Correio de Ilhéus (15.mar.1928)

O Correio de Ilhéus afirma, ainda, que a Conferência “auxilia semanalmente 13 famílias com 17 membros”; que promove visitas aos presos e aos doentes do hospital, contando com 26 confrades e cerca de 70 pessoas que contribuem mensalmente. A publicação encerra-se com o seguinte texto:

A Conferencia agradece penhoradamente às pessoas que a amparam e auxiliam, pedindo a Nosso Senhor que as recompense largamente. Espera que continuem a lhe dispensar o seu valioso apoio.

(a) José Victorino de Souza – Presidente.

Recomendamos à população da cidade tão simpática obra, qual a de S. Vicente de Paulo, garantindo àqueles que a auxiliam aplicação justa das suas esmolas.

Quem dá aos pobres, empresta a Deus (id; ibid).

Com esta matéria, encerram-se as publicações encontradas pelo pesquisador, no jornal Correio de Ilhéus. Não podemos afirmar, mas acreditamos que o jornal deixou de circular, pois era comum serem abertos jornais que, depois de certo tempo de funcionamento, eram fechados. A partir daí foram encontradas matéria publicadas pelo Diário da Tarde, jornal fundado em 29 de fevereiro de 1929, por Francisco da Silveira Dórea, Alcino Dórea e Eusíbio Lavigne.

Segundo informações verbais de Damiana Gomes, funcionária por muitos anos deste jornal, o primeiro redator do Diário da Tarde foi Carlos Monteiro e o segundo redator, por mais de trinta anos, Octávio Moura.

Depois da última publicação do Correio de Ilhéus, a notícia encontrada foi publicada no Diário da Tarde, edição com data de 20 de novembro de 1930, que diz o seguinte:

Centralizando, nesta cidade, um movimento eminentemente filantrópico, a Sociedade S. Vicente de Paula, de que é presidente o Sr. José Pinto Brandão, além de outros benefícios e favores dispensados às nossas classes humildes, vem mantendo na Conquista uma escola primária para crianças pobres que é um atentado singular e edificante da boa vontade e do esforço dos espíritos elevados que orientam, em nosso meio, a obra Vicentina (DIÁRIO DA TARDE, 20 nov. 1930).

A notícia fala da solenidade de encerramento dos trabalhos da escola naquele ano, quando o jornalista fora convidado a estar presente, e cuja cerimônia fora presidida pelo delegado escolar residente, Dr. Augusto Weyll Júnior, e secretariada pelo jornalista Octávio Moura, redator do “Diário da Tarde”.

Após a abertura da sessão, “falou o inteligente aluno Raymundo Menezes, em nome dos seus colegas”, tendo, em seguida, recitado uma poesia, a aluna Yolanda Bombinho. Usando da palavra, o Dr. Augusto Weyll congratulou-se com a obra Vicentina “e manifestou a sua profunda satisfação pelos resultados magníficos que ela já tem obtido, em favor da instrução”. De acordo com o jornal, a festa foi encerrada com a execução dos hinos de São Vicente e o Nacional Brasileiro, cantados pelos alunos.

Terminada a festa, o Delegado Escolar felicitou “a esforçada diretora do colégio, D. Amália Pereira Oliveira, e a sua distinta auxiliar, senhorinha professora Georgina Ferraz Nogueira, pela dedicação revelada no ensino dispensado às crianças do instituto Vicentino”. Também o presidente da sociedade foi felicitado pela dedicação dispensada à escola e por estar sempre na vanguarda das campanhas em favor das famílias pobres.

Sob o título de “Semana da caridade – uma alta iniciativa patrocinada pela S.S.V.P.”, o Diário da Tarde, em sua edição de

1º de julho de 1931, publica uma notícia louvando as ações da Sociedade, “vitoriosa instituição pia que se tem imposto, entre nós, pelas suas belas iniciativas em favor de todos os humildes e de todos os sofredores”, que se preparava para promover um movimento comemorativo da semana da caridade.

O movimento foi promovido “pelo ilustre e vitorioso prelado dessa diocese, D. Eduardo Herberhold, e confiado aos auspícios dos nossos vicentinos”, que contou com a valiosa adesão da sociedade, havendo uma comissão central encarregada de promover as comemorações da semana. O jornal publica o programa, que está transcrito, a seguir.

2ª feira 13 de julho – Coleta de donativos pelos confrades de S. Vicente de Paula, membros do Apostolado da Oração e Famílias de Maria.

3ª feira 14 – Dia das Crianças – (Visita e distribuição de presentes às crianças pobres) mediante cartões fornecidos pelos membros da Sociedade São Vicente de Paula.

4ª feira 15 – Dia dedicado aos doentes: Visita ao Hospital S. José. Missa celebrada pelo Exmº Snr. Bispo, com distribuição de comunhão aos doentes e donativos.

5ª feira 16 – Visita aos pobres da cidade em seus domicílios.

6ª feira 17 – Dia dos presos. Missa às 7 horas da manhã pelo Exmº Snr. Bispo Diocesano, na cadeia pública, com distribuição de comunhão aos presos e café.

Sábado 18 – Distribuição, na sede do Bispado, de gêneros aos pobres da cidade, mediante cartões fornecidos pelos membros da Sociedade São Vicente de Paulo.

Domingo 19 – Encerramento da Semana da Caridade com missa festiva em honra a São Vicente de Paula, na

Catedral, havendo comunhão geral dos confrades e assembléia geral da Sociedade São Vicente de Paula, ainda na Catedral, às 16 horas, para o que são convidadas todas as pessoas gradas da cidade.

Haverá um retiro para os confrades de S. Vicente de Paulo e mais os que queiram assistir, nos dias 16, 17 e 18, às 19 horas, presidido pelo Exm^o. Snr. Bispo, que fará conferências nestes dias, encerrando com a benção do S. S. Sacramento.

Apela-se para todos os cristãos da cidade para que concorram a esta grande obra quer com uma contribuição material, por menor que seja, quer com o seu apoio moral, aderindo à iniciativa (DIÁRIO DA TARDE, 1^o jul. 1931).

O Diário da Tarde, publicado em 25 de setembro de 1931, apresenta um artigo assinado pelo jornalista Octávio Moura que, achamos por bem, publicar na íntegra.

Os Vicentinos de Ilhéus (I)

Eu venho assistindo, de perto, com particular interesse e crescente admiração, o esforço altruístico dos Vicentinos de Ilhéus que centralizam, em nosso meio, um movimento notavelmente simpático em favor dos necessitados e sofredores, daqueles que a boa fortuna desamparou.

Entretanto, os que orientam a famosa campanha de benevolência, entre nós, procuram ser coerentes com aquela doutrina do Mestre que recomenda o exercício da caridade verdadeiramente cristã sem preocupação do “reclame” e da publicidade que servem apenas aos sentimentos do exagerado individualismo e à vaidade incoercível dos publicanos e fariseus. Os nossos vicentinos decerto têm uma alta noção da prática do bem, cujo mérito justamente re-

side nesse desprendimento pessoal dos que o fazem sem esperar recompensa e sem a idéia de tornar conhecidas e proclamadas as suas boas obras.

Por isso mesmo, talvez, as iniciativas filantrópicas da organização vicentina local têm passado muitas vezes despercebidas, sendo poucos os que compreendem, em toda a sua extensão, o alcance panorâmico da larga missão que se traçou à benemérita sociedade de assistência e proteção aos desamparados. Também raros tem aprendido a considerar o valor da obra empreendida pelos estrênuos paladinos dessa cruzada do coração que merecem ser prestigiados pelos aplausos sinceros e pela cooperação eficiente de todas as nossas classes representativas.

De mim, aliás, nada posso recusar aos vanguardeiros dessa causa piedosa, entre os quais eu tenho aprendido a conhecer e estimar um espírito singularmente devotado ao culto da bondade – Um moço que procura talvez encontrar a própria felicidade na felicidade alheia.

Esse espírito de eleição, cuja maior alegria, na vida, consiste em promover a alegria dos humildes, não tem pruridos de exibicionismo e não exerce o bem para que os seus atos logrem o conhecimento e a admiração do público. O que a sua mão direita faz não o sabe a esquerda, e a sua caridade é obscura e ignorada, como os grandes gestos dos heróis ignorados e obscuros.

Ele trouxe decerto uma vocação irresistível para o suave mister a que tem dedicado as energias conscientes da sua mocidade. Deve ser um desses homens de boa vontade, para os quais os anjos trouxeram uma mensagem divina de paz, na Terra.

Quanto aos vicentinos de Ilhéus, fio em que ainda posamos todos compreender, afinal, que na sua jornada os seus pés têm sangrado ao pisar nos espinhos, mas suas mãos estão cheias de flores, para espalhar através da existência!

Octávio Moura

Após este editorial, repleto de poesia e simpatia pelo trabalho realizado pelos vicentinos desta cidade de São Jorge dos Ilhéus, o Diário da Tarde, em sua edição de 9 de outubro de 1931, publica outra matéria, em continuidade àquela, anunciando a construção da “casa dos desvalidos” que diz o seguinte:

Os Vicentinos de Ilhéus (II)

Quando eu falei, há dias, sobre a missão edificante e altruística dos abnegados vicentinos que, entre nós, centralizam um movimento extremamente simpático em favor dos necessitados e sofredores – Não esperava que tão cedo houvesse de acrescentar algumas palavras auspiciosas àquelas palavras de elogio sincero que então escrevi. Assim devo pedir alvissaras ao público, anunciando que serão, muito em breve, lançadas as bases de uma campanha de benemerência vanguardadas por elementos da nossa organização vicentina, cujo objetivo será a construção, nesta cidade, da casa dos desvalidos. – De um instituto de proteção, assistência e abrigo a todos os infelizes e desamparados.

Deu-me essa notícia alvissareira aquele moço – de quem falei, outro dia – que se armou cavaleiro do bem e se fez paladino de uma cruzada humanitária. A idéia, que deve ser dele, merece o acolhimento de todos os espíritos bem formados, pois visa proporcionar o conforto material e forte estímulo moral àqueles que a vida indiferente abandonou à margem do caminho, sem uma palavra amiga de consolação, sem um lenitivo aos seus sofrimentos.

Além disso, a obra terá uma grande significação social, em nosso meio, aonde o problema da mendicância vem tomando proporções detrimntosas para os nossos forais, de cidade adiantada. Os aspectos sóbrios da miséria ao relento não se oferecerão mais aos olhos dos visitantes, pois Ilhéus possuirá uma casa para acolher essa gente humilde

que o destino vem arrastando, sem misericórdia, pela rua da amargura.

A iniciativa pode parecer, entretanto, um sonho da piedade visionária ou uma singela conjectura desse otimismo brasileiro que idealiza muita coisa e nada pode realizar.

Muitos, conhecendo esse nosso incorrigível defeito de começar as coisas para abandoná-las, em face do primeiro sério empecilho, pensarão que a idéia será logo posta de parte quando surgirem, diante dos obreiros, os obstáculos inevitáveis.

Efetivamente serão enormes as pedras de tropeço que os vanguardeiros da filantrópica iniciativa encontrarão na estrada. Tentar simplesmente a realização dessa obra já é um assomo de temeridade. Levá-la a cabo seria então um verdadeiro prodígio de coragem, vistos os parcos elementos materiais com que o empreendimento poderia contar. As dificuldades aumentariam à proporção que fosse avançando o audacioso cometimento. Quanto esforço e quanta tenacidade não seriam precisos para conduzir até a vitória essa entre pressa notável! E, afinal, quanta decepção, quanta amargura não estariam reservadas aos que tivessem o arrojo de tomar a ombros esse desiderato!

Mas eu não quero desencorajar os vicentinos. Ninguém que lança mão do arado – disse o Mestre – deve olhar para trás.

“Quem olha para as nuvens nunca semeará e quem atenta para os ventos jamais segará”.

Depois, eu creio muito nos milagres da boa vontade, estimulada pela fé. Eu creio também na firmeza e na solidez dessas obras que têm como pedra angular e fundamento inabalável – O coração!

Octávio Moura

Não sabia o editor do Diário de Ilhéus que, aquela obra que apenas começava, iria chegar tão longe, iria completar 90 anos,

mais forte que nunca e servindo de exemplo para os segmentos congêneres. Vivo fosse Octávio Moura, estaria escrevendo editoriais, louvando o trabalho, não mais dos vicentinos, mas de todos aqueles que decidiram se tornar “paladinos” desta obra que atende aos idosos da cidade de Ilhéus e de outras localidades que procuram seus serviços.

Na maioria das vezes, é pesquisando em jornais que se pode encontrar fatos e ocorrências históricas importantes. Assim é que, na edição do Diário da Tarde, publicada em 24 de novembro de 1931, encontra-se um aviso convocando os ocupantes de terrenos da Sociedade São Vicente de Paulo a procurarem os responsáveis pela instituição, para cumprirem suas obrigações. Diz o aviso:

De ordem do Sr. Presidente do Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo, em Ilhéus, convido a todos os Snrs. ocupantes dos terrenos situados na “Fonte da Cruz”, e de propriedade da mesma Sociedade, para dentro do prazo de trinta dias, a contar da publicação deste aviso, virem regularizar os seus contratos de aforamento, bem assim aqueles que se acham em atraso no pagamento do foro a virem satisfazer os seus débitos, sob pena de se proceder à competente cobrança judicial, findo o prazo marcado pelo presente edital.

Outro sim, faça ciente os Snrs. ocupantes que em caso de transferência do domínio útil, devem observar o disposto na parte final do art. 686 do Cód. Civil, isto é, pagarem o laudêmio indispensável a que se possa dar a transferência do aludido domínio.

Pode ser procurado, para qualquer dos dois fins, o Tesoureiro da Sociedade, que assina o presente.

Ilhéus, 24 de novembro de 1931.

Moises Gomes
Tesoureiro

Daí chega-se à conclusão de que, já àquela época, a Sociedade São Vicente possuísse terrenos e propriedades em seu nome. A origem desses terrenos, em nome da Sociedade, será tratada mais adiante.

Desde as primeiras publicações encontradas em jornais, pode-se perceber a importância da Sociedade São Vicente no apoio e assistência aos presos da cidade. Assim é que, o Diário da Tarde, em sua edição de 3 de janeiro de 1936, publica uma matéria, cujo título é: *A obra vicentina em Ilhéus – Comemorando o Ano Bom na cadeia desta cidade*. Diz a matéria:

A Sociedade S. Vicente de Paulo, benemérita instituição local, que terá de assumir dentro em breve a responsabilidade da manutenção da “Casa do Mendigo”, não deixou passar despercebida a entrada do Ano Bom, tendo não só enviado auxílios aos seus socorridos, como ainda ofertou na cadeia pública desta cidade uma expressiva comemoração da data inaugural de 1936.

No dia 1º, após a missa celebrada no cárcere pelo Bispo D. Eduardo Herberhold, os vicentinos ofereceram café aos detentos e distribuíram entre os mesmos, presentes de ano bom em dinheiro.

Continua deste modo a instituição vicentina executando o seu altruístico programa que tem merecido sempre da nossa parte e da parte do público ilheense os mais sinceros aplausos (DIÁRIO DA TARDE, 03 jan. 1936).

Em junho de 1936, a edição número 2428 do Diário da Tarde, fala do “assustador desenvolvimento da mendicância nesta cidade”, e de como tem aumentado o número de pedintes que esmolam pelas ruas. Que o assunto deve receber tratamento de problema social. É interessante notar que o jornal diz que os pedintes encontram-se nas ruas “já agora não só aos sábados, como

antigamente, mas em todos os dias da semana”. Portanto, em outra época, o dia de pedir esmolas era somente aos sábados.

Pode-se afirmar que o estudo da história é algo fascinante, pois coloca o leitor em contato com os costumes da época. E, a seguir, o editor da notícia diz o seguinte:

Ora, ao nosso ver, o fenômeno não prova que a miséria houvesse aumentado, senão que, se anunciando a breve instalação da “casa do mendigo” nesta cidade, aproveitam-se os pedintes, desse período em que ainda se consente a exploração da caridade pública (depois da inauguração da “casa do mendigo” não será permitido o peditório) para sair de porta em porta ou pelos “bares” ou estacionar nas esquinas, recolhendo os “nickeis” dos mais generosos (DIÁRIO DA TARDE, jun. 1936).

Diz ainda, que o grave problema não acomete só esta cidade de Ilhéus, mas que, na vizinha cidade de Itabuna, “o caso assumiu proporções idênticas”. Que o problema se tornou matéria digna de atenção das autoridades, a tal ponto que “o titular da delegacia de polícia do vizinho município acaba de determinar providências enérgicas para combater principalmente a falsa mendicância”.

O mais interessante é que a notícia afirma que, de acordo com as medidas tomadas pelo delegado em questão, “só poderão implorar a caridade pública os pedintes que obtenham uma licença prévia da delegacia de polícia”. Olha só que coisa interessante: mendigo com licença expedida pela delegacia de polícia, que só será concedida, após exame médico, para comprovar a “invalidez física”.

O jornal aplaude a notícia e conclama as autoridades locais a tomarem as mesmas medidas enquanto não se instala a “casa do mendigo”, que virá para dar solução definitiva ao “grave problema social”.

A inauguração da Casa do Mendigo é, finalmente, matéria

publicada em 19 de julho de 1937, pelo Diário da Tarde, quando foi nomeada a primeira diretoria do estabelecimento. Diz a publicação:

O Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo, desta cidade, resolveu, em sua última reunião, comemorar a Semana da Caridade, que hoje se inicia, inaugurando a “Casa do Mendigo”, tendo para esse fim nomeado a primeira mesa administrativa que terá a seu cargo a direção daquela obra no biênio de 1937 a 1939, que ficou assim constituída:

Diretoria – Presidente, José Pinto Brandão; Vice-Presidente, José Victorino de Souza; Secretário, Príamo José de Lemos; Tesoureiro, Moyses Gomes.

Comissão Fiscal – Antônio Pinto da Silva, Agostinho Santos, Antônio Caldas.

A inauguração será provavelmente no próximo domingo, 25 do corrente, quando se encerrará a Semana da Caridade (DIÁRIO DA TARDE, 19 jul. 1937).

Em 31 de julho do mesmo ano de 1937, o jornal fala da casa afirmando que: “o problema da mendicância será agora definitivamente encaminhado à solução, pois amanhã se inaugura, nesta cidade, no prolongamento da Avenida Itabuna, o prédio destinado à instalação da Casa do Mendigo”. Este prédio ficava localizado nas imediações, de onde hoje se encontra o prédio da 6ª Dires (Diretoria Regional de Saúde), na Avenida Itabuna, segundo José Nazal, ou do lado oposto à Maçonaria, segundo Maria Albertina Pacheco. De acordo com a notícia,

Como se sabe, o ilustre chefe do governo municipal, o Dr. Eusínio Lavigne, atendendo a um dos mais imperiosos reclamos populares, autorizou a diretoria de obras públicas

a construir um edifício capaz de abrigar algumas dezenas de desamparados, onde seriam recolhidos os verdadeiros mendigos, enquanto aos exploradores da caridade pública ficaria expressamente proibido a prática da mendicância (DIÁRIO DA TARDE, 31 jul. 1937).

De acordo com o jornal, o prédio dispunha de instalações necessárias para abrigar homens e mulheres, além de possuir um terreno para ser cultivado. E diz ainda que, a direção da Casa do Mendigo foi entregue, pela prefeitura à Sociedade São Vicente de Paulo, “instituição que sempre esteve à vanguarda de todas as iniciativas meritórias em favor dos necessitados”.

A partir da inauguração, cabia aos vicentinos constituir um conselho administrativo para a casa, que seria empossado na mesma data da inauguração, que ficaria com a responsabilidade efetiva da manutenção do estabelecimento e “cumprimento perfeito das suas finalidades”. Diz ainda a notícia que o presidente do Conselho, o senhor José Pinto Brandão, “é um abnegado na obra altruística de amparo aos que sofrem”. A matéria conclui que, com aquele conselho diretor, “que tem provado já a sua capacidade”, pode-se esperar que a Casa do Mendigo “possa satisfazer plenamente ao objetivo elevado de assistência social para que foi criada”.

A edição seguinte, publicada em 2 de agosto de 1937, apresenta larga matéria sobre a inauguração da Casa do Mendigo, que teria acontecido no dia anterior. A casa foi construída “pela municipalidade para recolher os pobres verdadeiramente desvalidos”.

Diz a matéria:

Às 15 horas, presentes os membros da Sociedade S. Vicente de Paulo, o prefeito Dr. Eusínio Lavigne, Dr. Peryllo Benjamin, os vereadores Tácito de Sá, Mario Pessoa, João Alves de Macedo e João Gualberto da Sil-

va, Cels. Virgílio Amorim e Aureliano Brandão, diretores do Banco Popular, Cassimiro Borges, gerente do Banco do Brasil, Humberto Sampaio, diretor de obras públicas, Francisco Dórea, diretor da Associação Comercial e muitas outras pessoas de destaque social, após a benção pelo Padre Celso Monteiro, que compareceu ao ato, e, bem assim frei Sigsberto, (irmão de D. Eduardo Herberhold) representando D. Eduardo, Bispo Diocesano, pelo Dr. J. Sabino Moreira, na qualidade de presidente do Conselho Particular da Sociedade S. Vicente de Paulo, em alocução, foi declarada inaugurada a “Casa do Mendigo” de Ilhéus, obra que a Sociedade S. Vicente de Paulo, desta cidade, tomara a seu cargo, assumindo mais esse compromisso com a população de Ilhéus, por isso que bem se ajusta dentro dos quadros da sua obra (DIÁRIO DA TARDE, 02 ago. 1937).



Segundo a matéria publicada, o orador, o Sr. Sabino Moreira, salientou a importância do verdadeiro papel do vicentino que se acha integrado ao espírito da Sociedade São Vicente de Paulo, “a qual não sendo uma associação filantrópica nem

uma confraria”, congrega pessoas (moços) que têm como objetivo, pela prática da caridade, o próprio aperfeiçoamento moral, através da diminuição do sofrimento material e moral das famílias menos favorecidas, que socorrem com seus poucos recursos. Diz ainda que:

Ao lado, pois, grande papel, bem se pode compreender tudo quanto diga respeito a grande obra de assistência social a que todos podem prestar seu concurso, em nome da solidariedade que devem os homens de boa vontade manter para com o seu semelhante na hora incerta. Ainda, como ato de justiça, pôs em relevo o apoio decidido que prestou o ilustre prefeito local, espírito de verdadeiro abnegado, que bem compreendendo a necessidade de uma solução para o problema de mendicidade, não poupou esforços, determinando a construção da casa que, no ato, era inaugurada sob os auspícios da Sociedade São Vicente de Paulo a quem incumbia a sua direção e manutenção (id., *ibid*).

Ao encerrar o discurso, o orador agradeceu o “auxílio não menos importante dado pelo Dr. Raymundo Amaral Pacheco, doador que foi do terreno onde se levanta a construção”. O terreno foi doado para possibilitar a construção da Casa. O orador agradeceu, também, ao diretor de obras públicas, Sr. Humberto Sampaio, que dirigiu as obras, “com as adaptações posteriores feitas no prédio para o perfeito funcionamento do abrigo” e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que a mesma fosse realizada. Com a declaração de posse da primeira mesa administrativa para o biênio que ora se iniciava (01.08.1937), cuja composição encontra-se em página anterior, o orador finalizou seu discurso. A sessão foi encerrada com a palavra do prefeito Eusínio Lavigne, que possibilitou a construção da Casa do Mendigo, para solucionar um grave problema social que acometia a

cidade de São Jorge dos Ilhéus. O prefeito “enalteceu a finalidade da nova obra de assistência social, declarando que nada mais fez do que cumprir um dever que certamente, por outro seria cumprido se, no momento oportuno, estivesse no cargo por ele ocupado”. Ele enfatizou, também, os valores cristãos seguidos pelos vicentinos, onde a caridade deve ser exercida sem alarde.

Segundo o jornal, cerca de 500 pessoas estiveram presentes à solenidade e, após a inauguração, percorreram as instalações, que causou a melhor impressão possível, a despeito de sua simplicidade.

Em 5 de outubro de 1937, publicava o Diário da Tarde uma matéria que começava com o seguinte texto:

Entendemos que o bem deve ser exercido, não visando uma recompensa futura na terra ou no céu, mas por um sentimento de solidariedade humana que é o verdadeiro sentido da caridade. Assim também o entende, por certo, o núcleo de obreiros da assistência social que tomou a árdua incumbência da manutenção do Abrigo S. Vicente de Paulo (DIÁRIO DA TARDE, 05 out. 1937).

O autor da matéria narra sua visita à Casa do Mendigo. Devido à importância do texto, decidimos reproduzi-lo na íntegra.

Fomos, há poucos dias, acompanhados dos diretores José Pinto Brandão e Aprígio Mello, visitar a casa de assistência vicentina que foi construída, por iniciativa do governo municipal, para responder à indagação aflitiva dos que procuravam saber até quando permaneceria sem solução, em nosso meio, o grande problema da mendicância. Recebidos pela Sra. Leonídia Lemos, uma vocação de piedade a serviço da causa meritória dos vicentinos, visitamos todas as instalações da Casa do Mendigo, recolhendo impressões animadoras nesse golpe de vista sobre uma das mais altas instituições de benemerência criadas em nosso

meio.

Verificamos, inicialmente, o critério da higiene e relativo conforto que preside as instalações do abrigo, desde os dormitórios aos quartos sanitários. Tudo foi objeto das atenções dessa elite piedosa que dirigiu a organização do estabelecimento.

Reparamos também que o problema da alimentação merece cuidados especiais da direção daquela casa e a verdade é que aos recolhidos se dispensam mais cuidados, nesse particular, do que exigimos para nós mesmos.

Parte a direção do abrigo de um ponto de vista louvabilíssimo. Compreendendo que os mendigos, em sua maioria, se tornam incapazes para o trabalho por causas mórbidas diferentes, e que eles, em última análise, são enfermos, quando não são velhos, mereceu o serviço de assistência médica aos abrigados uma orientação cuidadosa e já frutificante.

O Dr. Pires da Veiga e o Sr. Lopes Ferreira são os mais abnegados nesse serviço. Estão a par de todo o processo de tratamento dos recolhidos e freqüentam com uma assiduidade digna de registro os doentes da Casa do Mendigo, desvelando-se por eles e transformando-os algumas vezes de seres inabilitados para o trabalho em criaturas dispostas e tocadas pela alegria de viver.

A compreensão, nesse sentido, da obra dos vicentinos, chega ao ponto de estar a direção do estabelecimento empenhada em construir, ao lado do edifício, um pavilhão destinado à enfermaria.

Assim evitar-se-á que os mendigos, em caso de necessidade, tenham de ser transportados para o hospital, passando a receber, no próprio abrigo, o tratamento que o seu estado venha a exigir.

A idéia é magnífica e espontaneamente nos fazemos veículo do apelo aos homens generosos a fim de contribuírem para o seu êxito definitivo.

Atentai bem, ilheenses, que os dirigentes daquela institui-

ção possuem credenciais para merecer o apoio de todos vós. Aliás, esse apoio não é tanto a eles, como à nobilitante causa que eles vanguardeiam, com uma altruística compreensão da necessidade de suavizar o infortúnio alheio. Podeis contribuir para que amanhã Ilhéus seja, pelo sucesso de iniciativas deste alcance, a cidade líder dos grandes empreendimentos de solidariedade social.³ (id; ibid).

A matéria seguinte, publicada no Diário da Tarde, tem a data de 22 de agosto de 1939. A mesma diz que se reuniu (no último domingo) o Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus, com a finalidade de assistir à leitura do relatório da gestão da primeira mesa administrativa, cujo mandato acabava de findar, e para a eleição da nova diretoria, que deveria permanecer pelo período de dois anos. Diz o jornal que:

Aberta a sessão e dito os seus fins, o presidente mandou que fosse lido o relatório apresentado pela mesa administrativa do Abrigo, o que, feito, mandou por em discussão o mesmo relatório que, afinal, de acordo com o parecer da Comissão Fiscal, foi aprovado, julgadas boas e certas as contas (DIÁRIO DA TARDE, 22 ago. 1939).

Após a leitura e aprovação da ata, procedeu-se a eleição da nova diretoria que ficou constituída da seguinte forma: “Presidente, Moyses Gomes; Vice-Presidente, José Victorino de Souza (Reeleito); Secretário, Antônio Pinto da Silva; Tesoureiro, José Pinto Brandão; Comissão Fiscal, Augusto Caldas, Agostinho Santos (Reeleitos) e Príamo Lemos”. Logo após a eleição, a nova diretoria tomou posse, tendo o novo presidente ordenado que fosse publicado o relatório final da gestão que findava, para que fosse do conhecimento de todos. Agradeceu aos membros da

³ Obs.: O artigo não está assinado.

primeira mesa administrativa os valiosos serviços prestados pelos mesmos, “elogiando a maneira superior e dedicada com que se houveram no desempenho de tão árduas funções”.

Em 17 de julho de 1940, o Diário de Ilhéus apresenta uma matéria envolvendo as atividades da Sociedade, a se realizar nas noites dos dias 18 a 20, denominada Tríduo⁴ de São Vicente de Paulo.

Pelo ritual da Igreja Católica, cada noite do tríduo fica sob a responsabilidade de algumas pessoas ou instituições. Ainda hoje é assim que acontece. Naquele tríduo de 1940, foi da seguinte forma que a solenidade ficou dividida.

1ª noite: Joaquim Inácio Gomes, Constancia Santos, Moiselito Gomes, Maria Vitória do Nascimento, Eugênia Bastos Queiroz, Maria Lourdes Vasconcelos, Simone Sirqueira, Marujo Pinto da Silva, Milson Pessoa, Maria Marta Amorim de Carvalho, Isaac Gabai, Mirthes Kruschewsky, Dulce Sá, José Wense Pinto, Maria Luiza Gavazza, Thales Sarmiento, Francisco Antônio Pinto Lucas, Luiz Mario Barreto Lyra, Walter Viana Santos.

2ª noite: D. Joaquina Brandão e Silva, D. Maria Josefina Nascimento, D. Adelaide Schaun, D. Carolina Seabra, D. Edith Costa Lino, D. Mariana Hala, D. Catarina Schaun Lavigne, D. Mariana H. Lavigne, D. Anita Devoto, D. Maria Lídia Pinto Loureiro.

3ª noite: Melquíades Oliveira, Júlio Pinto da Silva, Avelino Fernandes da Silva, João Bittencourt Nora, Alcides Kruschewsky, Dr. Almir Brandão Pinto, Jaime Ribeiro, Ubaldo Kruschewsky Sobrinho, Indalácio Tavares, Dr.

⁴ Tríduo – Espaço de três dias consecutivos; festa eclesiástica com duração de três dias (AURÉLIO, 1986).

Raymundo do Amaral Pacheco, Antônio Pessoa Junior, Oswaldo Mendonça, Afonso Matos, Sinésio Chagas, Aprígio Melo (DIÁRIO DA TARDE, 17 jul. 1940).

No dia seguinte, 18 de julho, o mesmo jornal noticia que a Sociedade São Vicente de Paulo, como de costume, irá promover as comemorações do seu patrono, com a realização da Semana da Caridade. O acontecimento começou com uma reunião na Avenida Itabuna, no Abrigo São Vicente, pois agora a casa estava assim denominada. Durante o tríduo na Catedral, houve práticas e bênçãos, sendo oficiante o Padre Euclides Santos. No dia seguinte foi celebrada uma missa “no Abrigo São Vicente (Casa do Mendigo) e no dia 21, na Catedral, com distribuição de comunhão para todos os vicentinos”. E o jornal continua lembrando que “quanto à missa tradicional que os vicentinos mandam celebrar todos os anos na cadeia, ela será realizada no dia 28 do corrente, uma vez que dentro do curso desta semana não é possível como de praxe”.

A matéria traz, como conclusão, o convite da Sociedade São Vicente de Paulo para que compareçam todos os seus confrades, bem como todos os católicos, de modo geral.

A edição do Diário da Tarde, datada de 4 de dezembro de 1940, apresenta a seguinte manchete: ***Uma grande festa de caridade no domingo, no palacete da família Misael Tavares***. Diz o jornal:

No próximo domingo, às 17 horas, serão abertos os salões do palacete da família Misael Tavares, à Praça Ruy Barbosa, para uma elegante festa de caridade em benefício da obra da Sociedade S. Vicente de Paulo que, entre outros serviços aos necessitados, mantém nesta cidade, a Casa do Mendigo (DIÁRIO DA TARDE, 04 dez. 1940).

A festa constou de um chá dançante, servido por senhoras e senhoritas da sociedade, que estariam vestidas “em trajes carac-

terísticos”. A festa foi produzida por uma comissão “de figuras prestigiosas do nosso meio”, onde poderia ser acrescentado, que algumas destas pessoas ainda se encontram entre nós e muitas delas viveram até bem pouco tempo, sendo portanto, conhecidas de muitos da geração atual.

Os paraninfos escolhidos para esta iniciativa são os seguintes:

Senhoras – Djanira de Castro Pessoa, Esther Gouveia Pacheco, Maria da Glória Kruschewsky, Inah Pacheco Sá Barretto, Maria Luiza Lavigne de Lemos, Capitulina Brandão, Joaquina B. Silva, Áurea Brandão, Antonieta Oliveira Moreira, Alice Nogueira Brandão, Lindaura Gomes, Graziela Pinto Lucas, Anita Devoto, Dolores Mármore Nunes, Alina Carvalho Hirt, Adalgisa Gondim, Josefina Vilas Boas, Júlia Oliveira Lima, Maria Luiza Figueiredo, Josefina Nascimento, Alice Vilas Boas Ruisecco, Maria Juliana Brandão da Silveira, e Arlinda About Tavares.

São também paraninfos – Wildberger & Cia., Banco de Crédito Popular, Associação dos Empregados no Comércio de Ilhéus, Instituto de Cacau, Irmãos Tavares e Companhia Industrial.

O palacete da família Misael Tavares, para a festa de domingo, foi cedido por gentileza do Sr. Indalácio Tavares (id., *ibid*).

No dia seguinte, 5 de dezembro de 1940, o mesmo jornal publicou outra matéria sobre a festa, dizendo: “Prosseguem os preparativos para a grande festa de caridade, em benefício da obra vicentina local, promovida por uma comissão de figuras de destaque em nosso meio”.

Essa comissão é composta das seguintes pessoas:
Srs. Sabino Moreira, José Pinto Brandão, Moises Gomes, Durvaltércio d'El-Rei, Álvaro Cerqueira, Júlio Pinto, Antônio Brandão Pinto, Ten. Cel. Alfredo Coelho Souza, Salvador Dias, Aristeu Badaró, Armando B. Pinto.

Sras. Antonieta Moreira, Alice Nogueira Brandão, Lindaura Gomes, Alina Carvalho Hirt, Hilda Badaró, Arnaldina Amaral, Nair Wense Pinto.

Senhorinhas: Rízia Pena, Avani Almeida, Celí e Cleofa Sá Barreto, Catarina Lavigne de Lemos, Antonieta Nascimento, Lourdes Nora, Maria Albertina Pacheco, Solange Pessoa, Hildete Sá, Leonor Otero, Dulce Lavigne Weyll, Maria José Fonseca, Conceição Lopes e Marialva Moreira.

A comissão acima está em atividade, organizando a festa que se realizará no palacete da Família Misael Tavares, das 17 horas em diante, no próximo domingo (08.12.1940) conforme (DIÁRIO DA TARDE, 05 dez. 1940).

Em 1º de agosto de 1942, foi publicado, no Diário da Tarde, a notícia da comemoração do 5º aniversário de instalação do Abrigo São Vicente de Paulo para recolhimento de mendigos da cidade. “Durante esse lustro ali deram entrada 175 mendigos e saíram 174, uns por morte, outros por espontânea vontade”. Naquela data permaneciam no Abrigo 35 “desvalidos”, quando a capacidade era para trinta pessoas. Eram 21 homens e 14 mulheres. Além dos abrigados, ainda faziam refeição no abrigo seis pessoas necessitadas, diz a matéria.

Com o título *O Abrigo terá novo edifício – mais um notável empreendimento da Sociedade São Vicente de Paulo*, o Diário da Tarde, publicado em 4 de maio de 1945, dá destaque ao lançamento da pedra fundamental do prédio onde hoje está localizado o Abrigo São Vicente de Paulo, no Alto da Conquista.

Diz a notícia:

Em presença de numerosa assistência, nos terrenos da fazenda “Bela Visão”, próxima a esta cidade, teve lugar no dia 1º do corrente [1º/05/1945], o lançamento da pedra fundamental à construção do novo edifício sede do Abrigo São Vicente de Paulo, instituição filantrópica que tantos e relevantes serviços tem proporcionado à assistência social.

Da atual sede do Abrigo São Vicente, às 9 horas, saiu numeroso cortejo com a imagem de S. Vicente em andor lindamente ornamentado, entoando hinos sacros o conjunto coral do Abrigo. Famílias residentes na Avenida Itabuna acompanharam a imagem, estando presentes vários abrigados daquela instituição de caridade.

O cortejo aguardou a chegada dos diretores e convidados da sociedade vicentina no alto da Fazenda Bela Visão, justamente no local onde foi batida a primeira pedra para a construção do novo edifício do Abrigo, que terá 4 pavilhões, estando a construção a cargo do engenheiro civil Osório de Carvalho (DIÁRIO DA TARDE, 1º ago. 1942).

O jornal encerra a notícia dizendo que foram batidas chapas fotográficas. Segue a notícia na íntegra.

No ato da solenidade, com a presença do representante do prefeito municipal, jornalista Joaquim Lopes Filho, do Dr. Salvador de Araújo, pelo Banco de Crédito Popular e Ordem dos Advogados, Dr. Durval Olivieri, pelo Hospital São José, Sr. Augusto Ferreira, pela Cruzada do Bem Pelo Bem, Sr. Salvador Dias, pela Sociedade dos Amigos de D. Eduardo, Sra. Maria de Lourdes Barreto Lira, pela Associação das Senhoras de Caridade, além de outras

entidades de classe, autoridades locais e pessoas gradas, foi procedida, pelo Padre Euclides Costa, a cerimônia do benzimento da pedra que marcava o surgimento de mais uma notável obra de caridade, por iniciativa feliz do Abrigo São Vicente que, à frente de seus destinos tem o Dr. José Sabino Moreira, 1º Promotor Público, coadjuvado por elementos progressistas como os Srs. Moises Gomes e José Pinto Brandão, além de outros que tanto se dedicam à causa do bem.

Logo após, usou da palavra o presidente da entidade, ressaltando a finalidade daquele feito que enriquecia mais ainda os dotes de filantropia tão peculiares à sociedade de Ilhéus. Falaram mais os senhores Dr. Joaquim Lopes Filho, Augusta Ferreira e Sra. Maria de Lourdes Barreto Lira, em nome de seus representados, enaltecendo a iniciativa, além do Padre Osvaldo Simões que falou pelo clero local e de um abrigado que, comoventemente, expôs aos presentes a benéfica atuação da Sociedade nos setores da caridade pública.

Terminada a solenidade, ao som de um coro sacro do Abrigo e salvas de foguetes, foram todos os benfeitores da Sociedade felicitados pela tão nobre tarefa que se via iniciada (id., *ibid.*).

Dias depois, o mesmo jornal publica mais notícias sobre a construção do novo prédio, que foi planejado para abrigar um número maior de pessoas, já que a antiga Casa do Mendigo só comportava 30 a 35 pessoas, conforme notícia publicada à época da sua inauguração. Segundo o Diário da Tarde de 9 de maio de 1945, naquela data já se encontravam nas mãos dos diretores do Abrigo, as plantas e o orçamento para a construção do grupo de “pavilhões destinado à instalação da nova sede, no arrabalde da Conquista”. Segundo a descrição do jornal, as novas instala-

ções estarão “alocadas em um conjunto com quatro grandes pavilhões” destinados, respectivamente, “à administração, alojamentos para homens e mulheres, refeitório, duas enfermarias anexas aos alojamentos, oficina, dependências, tais como, copa, cozinha e serviços sanitários, além de uma capela e necrotério”. Ainda de acordo com a notícia do jornal, a obra foi orçada “com absoluta economia em CR\$811.824,00, inclusive seguro de acidente, contribuições do I. A. P. I. e L. B. A., eventuais e administração”. A seguir, o editor faz o seguinte comentário:

Vê-se logo, o vulto do empreendimento a que se propõem os vicentinos de Ilhéus, com a ajuda dos homens de boa vontade, no propósito de dotarem a cidade de um estabelecimento, no gênero, à altura das necessidades locais e do grau de adiantamento a que chegamos no setor das obras de assistência social (DIÁRIO DA TARDE, 09 mai. 1945).



Colocação da pedra fundamental para a construção do Abrigo

O jornal faz, então, um apelo à sociedade local para que todos colaborem no sentido de ajudar o Abrigo a construir sua sede nova no Alto da Conquista, para que “seja realidade a lou-

vável e ardente aspiração dos confrades de S. Vicente de Paulo, inaugurando em Ilhéus mais uma obra marcante do progresso e desenvolvimento econômico e social a que atingimos”.

O Diário da Tarde continua sua campanha em favor do Abrigo São Vicente de Paulo e não perde oportunidade para conchamar a população em geral, no sentido de que ajudem sempre a instituição.

Assim é que publicou uma matéria, cujo texto transcrevemos a seguir.

Dados e impressões colhidas na chamada “Casa do Mendigo”

Uma instituição digna de melhor amparo – Apelo aos corações generosos.

Muita gente há que conhece o Abrigo São Vicente de Paulo apenas por ouvir falar nessa modesta instituição de caridade. E isso é, afinal de contas, uma dessas coisas que não padece de censura, é claro, mas que influem poderosamente para que as almas caridosas não percebam melhor o que é um asilo de mendigos, suas finalidades e, sobretudo o quanto de ingente é o esforço dos seus patronos no sentido de que a obra permaneça de pé e cumpra o seu humanitário programa. O repórter teve ocasião de constatar isso bem de perto e sentiu todo o altruísmo de uma realização digna dos maiores aplausos, através dos semblantes resignados mais cheios de fé e gratidão desses humildes abrigados, gratos a Deus por lhes haver concedido, em meio de extrema penúria, teto, pão e tudo mais indispensável a uma vida simples, mas decente.

Gentilmente acolhido por alguns patronos e a diretora do estabelecimento, D. Leonídia Lemos, o “Diário da Tarde” rende, através desta reportagem, o seu mais justo preito de admiração e louvor aos criadores e responsáveis por essa casa abençoada, que tão abnegadamente vem cum-

prindo, no curso de nove anos de existência, um programa de assistência e proteção ao mendigo, sob os elevados influxos da caridade (id; ibid).

A seguir, encontramos um texto que apela à população para que assuma a responsabilidade de dar continuidade ao que vinha sendo realizado com os frutos da dedicação e da abnegação dos seus fundadores.

Com o tema de *Os primórdios do Abrigo e seus fundadores – Curiosos dados estatísticos*, o jornal publica o seguinte texto:

O Abrigo São Vicente de Paulo é uma instituição patrocinada e mantida pela sociedade de igual nome, e sua existência se deve a um grupo de homens encorajados nos seus sentimentos humanitários e religiosos, tais como Moises Gomes, José Pinto Brandão, Príamo Lemos, Sabino Moreira e outros. A construção do prédio foi uma realização de Eusínio Lavigne, quando prefeito municipal, em 1937, época em que fez entrega aos vicentinos do referido imóvel, para cumprimento de suas projetadas finalidades. Valendo-se apenas da dedicação extremosa de seus patronos e da generosidade de seus associados, afora um ou outro donativo extraordinário, a vida dessa casa do pobre tem sido mantida dentro de um controle econômico quase que milagroso. Talvez que sendo uma instituição de fins tão elevados, material e espiritualmente, tenha sempre contado com a proteção de Deus, para bem desses pobres desamparados. Passou o repórter por instalações modestas, em harmonia com a humildade de seus moradores, mas tudo com um extremado sentido de ordem, asseio e boa direção. Tudo foi visto e esmiuçado, desde a porta de entrada à bem cuidada cozinha. Ali estava uma casa simples e de gente simples, cujo lema bem poderia ser: “Ordem e simplicidade, para bem dos humildes”. Até 31 de julho de 1946, data em que o Abrigo completou o seu nono aniversário, foram recolhidos 253

mendigos, e saíram, por se julgarem aptos ao trabalho e restabelecidos de eventuais enfermidades, cerca de 129. Também faleceram nesse período 95 indigentes. Atualmente existem 29 asilados, sendo 18 homens e 11 mulheres, considerando-se que não existem acomodações para maior número de necessitados. Além do amparo integral que presta a esses recolhidos, a instituição ainda fornece alimento para mais sete pobres. Essa obra, aparentemente fácil, dado o pequeno número de favorecidos, é, todavia levada a cabo com inauditos esforços, se considerarmos os seguintes dados:

A receita do abrigo atingiu, em 31 de julho último, Cr\$443.422,10, para uma despesa no mesmo período de Cr\$462.234,00, registrando-se, portanto, um déficit de Cr\$18.811,90.

Afora as condições atuais de vida e o encarecimento dos gêneros essenciais, a direção tem se visto com um problema ainda mais grave. É que a arrecadação mensal de contribuintes, que antes atingia a cifra de Cr\$2.400,00, ficou reduzida para Cr\$1.300,00 sempre com uma progressiva diminuição e crescente aumento de despesas.

Em face de tais algarismos, tão expressivos na sua angustiosa significação, não nos sentimos assim como meio responsáveis por tão difícil situação financeira? Sendo tão módica a contribuição e destinada a fins tão caritativos, o repórter admitiu que bem pudesse ser outra a impressão que lhe deveria causar a contabilidade do Abrigo. E está certo que o será brevemente, com a divulgação do que é, na realidade, o problema da manutenção dessa obra meritória. Prossigamos, portanto, em nossa meticulosa observação.

Com este texto é possível perceber as dificuldades por que passava a instituição, e como a imprensa buscava dar todo o apoio possível, para ajudá-la a sair das dificuldades, chamando a população à sua responsabilidade.

Há uma outra matéria ressaltando a importância das atividades desenvolvidas pelo Abrigo São Vicente de Paulo, que diz o seguinte: “Deve-se ressaltar, para maior louvor a esses infatigáveis batalhadores, que não só a penúria do próximo lhes desperta esse sentimento magnânimo de proteção e piedade”. A matéria se refere ao trabalho desenvolvido pelos vicentinos, “através de uma escola modesta” que era mantida pelo Abrigo, nos arredores do prédio principal, onde recebiam ensinamentos cerca de 70 alunos de ambos os sexos. “O repórter não pode esconder a sua emoção quando penetrou em mais aquela realização da Sociedade e se deparou com uma porção de meninos pobrezinhos, de vestes humildes, mas cômicos dos seus deveres de futuros cidadãos da Pátria”. Na época da publicação da matéria, a escola era dirigida pela Profa. Maria Saludina Afonso, “dedicada e competente mestra”. O jornal tece os maiores elogios à Sociedade São Vicente, conclamando a sociedade a conhecer seu trabalho. E continua a matéria no seu trabalho de divulgação da obra dos vicentinos:

Ao repórter faltava ainda muita coisa para ver. Mostraram-lhe os livros de registro dos abrigados e ele pode constatar que o primeiro pobre recebido ali foi Higino Ferreira Hungria Almeida, natural de S. Antônio de Jesus, admitido quatro dias após a fundação da casa. Ali permaneceu de 4 de agosto de 1937 até 17 de dezembro de 1943, quando veio a falecer.

A matéria faz referência, ainda, a um senhor de nome Pedro Zeferino do Sacramento, registrado entre os assistidos pelo Abrigo, na data de 9 de setembro de 1937, contando, então, com 66 anos de idade. Na época em que a matéria foi publicada, ele era o mais antigo dos recolhidos, e estava com 75 anos “e sempre com aquela mesma expressão de bondade e fé nos homens”. A pessoa que escreveu a matéria comenta que lembraram os velhos tempos “quando era ele um dos mais conhecidos carregadores da

cidade, e sua robustez lhe permitia o ganha pão na labuta diária. Hoje é um bom velhinho, paciente e conformado com sua sorte”.

Foi solicitado ao repórter, segundo a matéria, que deixasse suas impressões no livro de visitas, “e as que o repórter deixou impressas bem traduzem o que viu e sentiu ali dentro”. E a matéria continua, afirmando que o repórter

verificou que a primeira pessoa a deixar gravado o seu parecer no mesmo livro foi o saudoso D. Eduardo. Que melhor patrono espiritual poderia ter o Abrigo, si se acrescentar que a primeira missa ali rezada também o foi pelo bondoso Bispo? Outros visitantes ilustres também registraram suas impressões, destacando-se o Sr. Landulfo Alves, quando interventor, e sua comitiva. Elogiosas referências estão guardadas naquele livro, uma das preciosidades da casa.

A seguir, uma informação interessante e inusitada, transcrita na íntegra:

Um dos patronos falou ao repórter da existência na casa de uma mascote, o que levou o nosso visitante a procurar adivinhar qual a espécie. Mas enorme foi a surpresa do nosso representante ao se deparar com o que menos julgaria possível existir num abrigo de velhos indigentes e, ainda por cima, a título de mascote; uma criança de nome Rinalva Chagas. Para os pobres indigentes, essa menina é como um raio de sol a lhes aquecer os corpos consumidos pelo tempo e um inocente deleite para quem tão pouco pede e precisa nesse mundo de ilusões. Uma vida que desponta nos braços de velhos cansados de viver. Aurora e crepúsculo numa combinação de comovente efeito.

A seguir foram colocados os projetos e futuras realizações do abnegado grupo, que mantinha, a duras penas, essa obra de

caridade, deixando o repórter bastante impressionado com tudo o que viu em relação às plantas das futuras edificações e dos planos para a nova construção. Mas era preciso falar, para que as pessoas tomassem consciência; tudo a depender “de um auxílio mais positivo de nossa gente, para que tão árdua tarefa seja levada a termo”. Naquele momento, o principal objetivo da instituição estava na construção do novo prédio, onde passaria a funcionar o Abrigo, um local mais espaçoso, que comportaria maior número de abrigados. Com a construção da nova sede do Abrigo, “a escola passaria a funcionar na atual sede, onde seria possível a admissão e colaboração de todos aqueles que almejam o progresso de Ilhéus, sobretudo no campo da assistência social”. A matéria afirma ainda que:

Estava quase concluída a visita. Cercado pelos residentes, limpos e dignos na sua condição de gente humilde e sem haveres, pode o repórter observar, enquanto com eles palestrava, os benéficos efeitos advindos de uma vida de repouso e sadia alimentação, dentro das limitadas possibilidades do Abrigo. Pediram-me eles que transmitisse aos Srs. agricultores o seu apelo no sentido de lhes mandarem frutas ou o que preferissem, pois tudo o pobre aceita e humildemente agradece, elevando os olhos para os céus, de mãos postas.

Na saída do repórter, que estava satisfeito com tudo o que vira, o mesmo foi surpreendido com a atitude de um morador do Abrigo. O ex-carroceiro José Cesário, em nome do grupo, fez uma saudação ao visitante. “Não foram palavras ensinadas nem decoradas. Ao contrário, simples, espontâneas, de quem fala pelo coração a linguagem serena dos eleitos de Deus”. E concluiu dizendo que,

E foi assim que o repórter do “Diário da Tarde” deixou a mansão dos humildes, esse heróico Abrigo de S. Vicente

de Paulo, mais fortalecido, mais crente na sublimidade dessa incomparável virtude, quando verdadeiramente inspirada no amor do próximo. Amparar essa obra de magnífica expressão moral, contribuindo materialmente para a realização do seu humanitário programa, é desejar para a nossa cidade um largo passo no sentido do progresso social, a fim de que se tenha onde abrigar tantos infelizes, jogados pelas ruas, sem pão e sem teto (Diário da Tarde, 7 ago. 1946).

Em março de 1947, o Diário da Tarde publica uma matéria, noticiando que, no dia anterior, havia sido realizada uma reunião no abrigo São Vicente de Paulo, onde seus benfeitores deliberaram sobre a construção do novo prédio, maior e mais confortável, “para que possa dar agasalho a maior número de mendigos”. A seguir, após ampla discussão,

ficou organizada uma comissão constituída dos Srs. Virgílio Calasans de Amorim, Presidente; Dr. Raymundo do Amaral Pacheco, Vice-Presidente; Mylton Araújo, 1º Tesoureiro; Aprígio Melo, 2º Tesoureiro; Nelson Peixoto Ribeiro, Secretário; Dr. Osório de Carvalho, Diretor Técnico; e mais os seguintes: Arthur Leite da Silveira, Antônio Olimpio da Silva, Álvaro Melo Vieira, Robert Durand, Renato Leite da Silveira, Aureliano Brandão, Dr. Magno Nascimento, Adolfo Lima, Lauro Brito, Dr. Irundi Mangabeira, Avelino Fernandes da Silva, Indalício Tavares, Jerônimo Francisco Ferreira, Alexandre José da Silva, Manoel Berbert Tavares, Dr. Salvador Araújo, Ananias Dórea, Pedro Pinto da Silva, Antônio Leolino de Souza, Tertuliano Lauro de Moura, Dr. José Sabino Moreira, José Pinto Brandão e Moises Gomes.

A comissão acima vai se reunir dentro de poucos dias a fim de tomar várias deliberações, entre as quais a de se iniciar a construção do novo prédio em terreno já adqui-

rido na Fazenda Bela Visão (DIÁRIO DA TARDE, mar. 1947).

O Diário da Tarde, em sua edição de 24 de março de 1948, noticia a realização da posse dos novos diretores da Sociedade São Vicente de Paulo, em sua sede localizada na Av. Itabuna.

Desta vez, a presidência foi assumida pelo Sr. Moisés Gomes, secretariado pelo Sr. Miguel Pereira. Após a posse da nova diretoria, foi lida a ata anterior, que foi aprovada por todos, assim como o Balanço Geral do ano social. O mandato da nova diretoria, com duração até 1949, ficou assim constituída:

Presidente, Lindolfo do Amaral Carneiro; Vice, José Vitorino de Souza (reeleito); Secretário, Crescenciano Santos; Tesoureiro, José Pinto Brandão (reeleito).

Comissão de contas: Pedro Ribeiro Filho, João Batista de Souza, Miguel Pereira (DIÁRIO DA TARDE, 24 mar. 1948).

A notícia conclui dizendo que: “A Sociedade S. Vicente de Paulo mantém, nesta cidade, o Abrigo S. Vicente (Casa do Mendigo), que tão útil tem sido a pobreza, estando agora construindo um novo edifício para acolher maior número de indigentes, ampliando assim uma obra magnífica de assistência social”.

O Diário da Tarde, de 24 de abril de 1948, diz que “o representante desta folha”, acompanhado dos senhores Moisés Gomes e Magno Misael do Nascimento, teve a oportunidade de visitar “as obras de construção do novo abrigo para indigente, as quais se encontram em início, numa vasta área de terreno na Chácara Boa Vista”.

Segundo observação do repórter, os alicerces estavam sendo levantados, “estando a obra em apreço a merecer o auxílio dos poderes públicos e das pessoas de boa vontade de nosso município”.

A transformação do projeto, em realidade, depende da ajuda de todos.

Em dezembro de 1948, o Diário da Tarde publica uma matéria reforçando o trabalho da Sociedade São Vicente. Elogia, dizendo que “é uma das organizações de assistência social que presta relevantes serviços à pobreza desvalida e mantém o abrigo” para idosos, com o nome de Casa do Mendigo. É lá, diz o jornal, que se acham recolhidos “vários desprotegidos da sorte de idade avançada” e que ali têm dias melhores em sua velhice. Fala também da escola primária dirigida pela professora Maria Saludina Afonso, que encerrou o ano letivo com recital realizado pelos alunos, “tendo a direção da sociedade distribuído brindes aos que melhor se saíram nos exames”.

O Diário da Tarde, na edição de 22 de dezembro de 1948, publica que no dia 18 daquele mês:

Com a presença dos diretores do Abrigo, benfeitores, convidados e abrigados foi procedido com solenidade o assentamento da cumieira do primeiro pavilhão do novo abrigo que está sendo construído no arrabalde da Conquista e cujas obras já se acham bastante adiantadas (DIÁRIO DA TARDE, 24 abr. 1948).

Na ocasião, o abrigado Cesário Melo fez uma saudação, tendo, depois disso, o Sr. Virgílio Amorim “cortado a fita que dava acesso ao pavilhão que ia receber a cumieira, sendo o primeiro prego batido pelo diretor, Sr. Moisés Gomes, sob calorosa salva de palmas”. A seguir, falaram os senhores Álvaro Nery e Moisés Gomes. Por fim, os presentes percorreram as dependências da nova construção. O esforço dos vicentinos com a nova obra foi louvado por todos os presentes. “Terminada a visita foi servido a todos doces e bebidas finas e uma farta merenda aos abrigados, findando assim a modesta cerimônia”, diz o jornal.

Continuando a série de publicações, o Diário da Tarde de 21

de julho de 1949, diz que, no dia 19 daquele mês, como sempre, foi comemorada mais uma data da morte de São Vicente de Paulo. Diz ainda que os dirigentes do “Abrigo”, que têm esse santo como patrono, “mandaram celebrar missa na capela ali existente, às 7 horas da manhã, sendo o ato assistido pelos diretores da Sociedade São Vicente de Paulo, abrigados e pessoas gradas”. O ofício foi celebrado pelo padre Euclides Costa, que após a leitura do evangelho, “pronunciou eloqüente sermão”. A notícia diz, ainda que, “no próximo domingo 24 do corrente, será celebrada missa solene, às 7 horas da manhã, na catedral diocesana, em homenagem a São Vicente de Paulo”.

Em agosto de 1949, a Casa do Mendigo comemorou doze anos de existência. Segundo o Diário da Tarde, publicado em 3 de agosto, o dia primeiro daquele mês foi festivo para a “piedosa instituição mantida pelos vicentinos de Ilhéus, para recolhimento dos pobres”. O padre Euclides Costa celebrou a missa na capela do Abrigo. À solenidade compareceu o prefeito, os diretores da instituição e visitantes, além dos abrigados e pessoas que prestavam serviços naquele estabelecimento de assistência social. O jornal diz ainda que, “à tarde o padre Ângelo, vigário interino, visitou o Abrigo oferecendo aos abrigados uma sessão de projeções cinematográficas com películas educativas”.

Naquela data estavam abrigadas 44 pessoas na “Casa do Mendigo”, sendo 24 homens e 20 mulheres. O abrigo servia, também, alimentação diária para 12 pobres. Segundo o jornal, isso comprova a utilidade da instituição.

Ainda segundo o mesmo jornal, “Entraram no abrigo até agora 318 pessoas, saindo 274, entre os quais foram recuperados ou faleceram no abrigo”. E diz mais:

Como se sabe, já é pequeno o estabelecimento para conter os que dele necessitam, de modo que está sendo construído um novo abrigo em terreno da chamada Fazenda Carilo, para que possa recolher maior número de indigentes,

quando então será o edifício atual destinado a outros fins.

Mas a construção vem se arrastando com a maior dificuldade, pois o auxílio dos poderes públicos e dos particulares não tem sido bastante eficaz para levar a termo a importante obra. Daqui, porem, destas colunas, renovamos o nosso apelo aos homens de boa vontade para ajudarem a conclusão do meritório empreendimento, que visa resolver, pelo menos em parte, o grande problema da mendicância em Ilhéus (DIÁRIO DA TARDE, 3 ago. 1949).

Em dezembro daquele mesmo ano, de 1949, “no salão paroquial, ao lado da Catedral de São Jorge”, realizou-se “uma importante reunião de assembléia geral da Sociedade São Vicente de Paulo, desta cidade, presidida por D. Benedito Zorzi, bispo da Diocese, tendo sido secretariada pelo Sr. Príamo Lemos”.

A reunião contou com a presença de numerosos vicentinos, além de outros convidados. Foram apreciadas as “diversas atividades da sociedade e dos serviços por ela orientados, inclusive a construção do novo abrigo, que se acha paralisada por falta de recursos”. Também foi discutida a situação da “Casa do Mendigo”, que abriga dezenas de pessoas, e cuja manutenção “vem sendo levada a efeito com sérias dificuldades”. A situação do Abrigo era de muita dificuldade e o jornal estava sempre pronto a colaborar para minorar os problemas. Tanto é que,

Com a palavra, o bispo diocesano lamentou a precária situação em que se encontra tão útil sociedade prontificando-se a cooperar com os vicentinos na campanha que vão encetar junto ao comércio e pessoas caridosas da cidade e do interior no sentido de angariarem donativos a fim de que não falte o necessário aos pobres ali abrigados. Por intermédio dessa folha lançamos um apelo à população da cidade e dos distritos para que contribuam de acordo com suas possibilidades em benefício de uma nobre causa que

bem merece o apoio de todos (DIÁRIO DA TARDE, 5 dez. 1949).

D. Benedito lembrou, ainda, de D. Eduardo, que também foi vicentino, e pediu que, os que o veneram, “em lugar de acenderem velas junto a seu túmulo todas as vezes que o visitarem, destinarem as importâncias das velas para os protegidos de São Vicente”.

Naquela sessão foi comunicado que o tesoureiro da sociedade, Sr. Moisés Gomes, teria que se ausentar da cidade por tempo indeterminado, para tratamento de saúde, tendo sido substituído pelo Sr. Manoel da Silveira Dórea. Sua posse foi marcada para alguns dias após o evento.

Alguns dias após a notícia acima, o mesmo Diário da Tarde publicou uma matéria cujo título era o seguinte: “O natal dos pobres do abrigo”. Dizia a notícia:

A Sociedade São Vicente de Paulo desta cidade, ao que estamos informados, vem atualmente lutando com sérias dificuldades financeiras para manter o “Abrigo” ou Casa do Mendigo, onde se acham recolhidos dezenas de desprotegidos da sorte e que há anos vêm sendo amparados por aquela organização benemérita de assistência social.

Acresce ainda que a sociedade referida tomou a si a enorme responsabilidade de construir um abrigo, maior e mais confortável para seus protegidos, na zona dos Carilos, porem devido à falta de numerário as obras estão paralisadas, não se sabendo quando poderão prosseguir (DIÁRIO DA TARDE, 13 dez. 1949).

A situação, como se vê, não era confortável para a Sociedade de São Vicente de Paulo, “que os melhores serviços tem prestado aos pobres da cidade”. Seus colaboradores estavam angustia-

dos; tanto assim que, “a Associação Santa Isabel das Senhoras de Caridade vai se reunir a fim de encetar uma campanha em prol daquela sociedade”. Ficou acertado que as Senhoras de Caridade promoveriam uma campanha em benefício da sociedade, organizando um programa de festas para o Natal, cujo resultado seria revertido em benefício dos pobres do Abrigo. Esta foi a última publicação encontrada no jornal Diário da Tarde.

1. 3. OS LIVROS DE ATAS

No arquivo do Abrigo São Vicente, encontramos muitos livros de Atas, mas nem todos, pois muitos deles estão faltando. Alguns estão ligeiramente danificados, mas pode-se dizer que os que estão lá se encontram em bom estado de conservação, oferecendo possibilidades de leitura ao pesquisador, podendo este, acompanhar todos os passos da evolução histórica da sociedade. Os livros encontrados estão datados a partir de 1929. Não foram encontradas a ata de fundação da instituição, em 1916, nem outras atas anteriores. O que se tem são as notícias de jornais, a partir de 1925.

São os seguintes os livros de atas da Sociedade São Vicente de Paulo, encontrados:

Data de abertura	Data de encerramento	Observações
11 outubro 1931	4 agosto 1935	
1° de maio de 1932	19 março 1950	
18 agosto 1935	22 março 1942	
1° agosto 1937	15 janeiro 1950	Inauguração Casa do Mendigo
29 março 1942	28 dezembro 1952*	
2 abril 1950	15 dezembro 1957	Inauguração Abrigo S. Vicente
6 julho 1958	8 julho 1978	

20 maio 1970	19 novembro 1984	Inauguração Casa de Retiro
25 julho 1991	10 setembro 1996	
25 outubro 1991	19 novembro 2001	

* A última ata do livro é de uma reunião conjunta das Conferências “Dom Manoel” e “Sagrado Coração de Jesus”. Observamos que existem livros com datas coincidentes, como os dois primeiros da lista acima. Não foi realizada uma pesquisa para analisar o fato, mas supomos que se trate de livros, em separado, das duas conferências.

Foram encontradas referências a estas duas organizações, até 1952, mas não ficou esclarecido do que se tratava; em que as duas diferenciavam e quais suas atribuições. Entretanto, no site da Sociedade São Vicente de Paulo⁵, encontramos a seguinte informação:

As Conferências Vicentinas são grupos de pessoas, formadas de, no máximo, 15 (quinze) membros. Orienta-se ocorrer um desmembramento quando ultrapassar-se esse número. Evita-se com isso lentidão na assistência às famílias. Sua sistemática de operação é simples: reuniões semanais, com visitas às famílias assistidas, acompanhada de disponibilidade, humildade, simplicidade, zelo, afeto e espiritualidade.

Além dos livros de atas, foram encontrados livros de presença, listados a seguir:

Ano de 1930	Ata da escola	Registro de matrícula dos alunos
Ano de 1934	Livro de alunos	Escola

⁵ <http://www.ssvponline.org/ssvp.asp>, acessado em 15.06.2007.

Ano de 1935	Livro de alunos	Escola
1º de agosto de 1937	Livro de visitas	Contém assinatura de D. Eduardo
Ano de 1943	Ata da escola	

ATA DE FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO

O livro de atas dos primeiros anos da Sociedade São Vicente de Paulo não foi encontrado. Solicitamos ao Cartório de Títulos e Documentos que fosse realizada uma busca no sentido de encontrar alguma referência à mesma. Do cartório, recebemos uma certidão que vai transcrita a seguir.

MARILENE ROCHA DE JESUS HORIMOTO, Oficial do Cartório de Títulos e do Registro Civil de Pessoas Jurídicas desta Comarca de Ilhéus do Estado da Bahia, na forma da Lei.

Certifica a quem possa interessar, que revendo os livros deste Cartório e em seu poder, viu constar no de nº **A-01 sob o nº de ordem 16 às fls. 17-V** em data de **30 de Dezembro de 1932**, o registro do seguinte teor: Estatuto da Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus – Denominação, fins e sede da sociedade: Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéos⁶; fundada em 10 de setembro de 1916; tem por fins especiaes socorrer por todos os meios nobres da caridade a pobreza desamparada; tem sua sede nessa cidade de Ilhéos. Art. 1º- Da sua constituição. Art. 2º- A Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéos é constituída de número ilimitado de sócios denominados “confrades”, de qualquer nacionalidade, sendo porém christãos e que desejem formar uma união comum de orações e participar nas mesmas obras de caridade. Parágrafo único – Esses confrades poderão dividir-se em “conferências”, isto

⁶ Observada a grafia da época.

é, núcleos diversos, formando denominações secundárias, porém ligadas entre si, por um Conselho Particular, de acordo com as prescrições do Manual da Sociedade São Vicente de Paulo. Da Administração - Art. 3º- A Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéos é administrada por um Conselho Particular, composto de um Presidente, um Vice-presidente, um Secretário e um Tézoureiro, bem como dos Presidentes das Conferências que lhe estejam subordinadas e, ainda dos Presidentes e Vice-presidentes das obras especiaes que lhe dizem respeito. Art. 4º- O Conselho Particular se ocupa das obras e outros negócios de importância que interessem à vida da Sociedade. §1º- Constitui zelo e trabalho por desenvolver o patrimônio comum, para assegurar a manutenção de obras permanentes de caridade. §2º- Determina o emprego dos fundos financeiros da Sociedade. §3º- Representa ativa, passiva, judicial e extra-judicialmente a sociedade. Art. 12º- Ligada à Sociedade Universal de São Vicente de Paulo, com sede geral em Paris, esta Sociedade São Vicente de Paulo observa fiel e rigorosamente os preceitos do manual da mesma Sociedade, consoante a versão portuguesa aprovado por Sua Eminência o Cardeal Joaquim Arcoverde, em 28 de março de 1901. Parágrafo Único – Os casos não previstos nestes Estatutos serão, pois, resolvidos de acordo com o precitado Manual. Se os membros respondem ou não subsidiariamente pelas obrigações sociais. Art. 13º- Os membros da Sociedade não são responsáveis, subsidiariamente, pelas obrigações contraídas em comum. Condições de extinção e destino de seu patrimônio. Art. 15º- Em caso de extinção desta Sociedade, o seu patrimônio será entregue ao Conselho Central Metropolitano da Bahia, com sede na Cidade do Salvador, o qual lhe dará o destino conveniente. Aprovados em Assembléia Geral Extraordinária, realizada em 30 de outubro de 1932. (Assinada pelos diretores).

ATA DE INAUGURAÇÃO DA CASA DO MENDIGO⁷

Acta de inauguração da Casa do “Mendigo” e posse da primeira Meza Administrativa, nomeada pelo Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus.

Ao primeiro dia do mez de Agosto do ano de mil novecentos e trinta e sete 1937, nesta Cidade de Ilhéos, e na “Casa do Mendigo”, às 15 quinze horas, presentes o Bel. José Sabino Moreira, presidente do Conselho Particular da Sociedade de São Vicente de Paulo, nesta Dioceze, e os confrades José Pinto Brandão, Moysés Gomes, José Victorino Júnior, Arthur Barrozo Gomes, Antonio Pinto da Silva, Joaquim Correia da Hora, Agostinho Evangelista dos Santos, Augusto Caldas, autoridades locais e pessoas gradas, pelo presidente, foi declarada inaugurada a “Casa do Mendigo”, cujo funcionamento visa por termo à mendicância da Cidade. Após breve allocução sobre a finalidade da obra que toma a seu cargo a Sociedade de São Vicente de Ilhéos, o sr. Presidente pois em relevo o concurso prestado, entre outras pessoas de boa vontade, pelo Snr. Dr. Prefeito Municipal, a quem se deve a construção do prédio, o Dr. Raymundo Pacheco, doador do terreno onde se acha edificado o prédio. Em seguida o Snr. Presidente deu posse à primeira Meza Administrativa, nomeada pelo Conselho Particular da Sociedade de São Vicente de Paulo de Ilhéus, para o biênio que hoje se inicia, na forma do Regulamento aprovado pelo mesmo Conselho, o qual se compõe dos seguintes membros: Presidente José Pinto Brandão, Vice Presidente José Victorino de Souza, Secretário Príamo Lemos, Thesoureiro Moysés Gomes, Procurador Joaquim Correia da Hora. Também foi empossada a Comissão Fiscal, composta dos Senhores Augusto Caldas,

⁷ Na transcrição da Ata foi respeitada a grafia da época. Livro de Atas de 1937, (p. 1).

Agostinho Evangelista dos Santos, Antonio Pinto da Silva. Empossada a Meza Administrativa, o Presidente franqueou a palavra a quem quizesse da mesma usar, tendo o Snr. Prefeito, então, em ligeiras palavras, enaltecido a finalidade da obra, declarando-se feliz de, ter-lhe cabido a fortuna de, como Prefeito, ter colaborado nessa obra que se realizou no seu momento opportuno. Com algumas palavras encomiásticas para a Sociedade São Vicente de Paulo, cujos benefícios a Ilhéos proclamou, tendo ainda, enaltecido o valor da Caridade que em Jesus Christo teve o seu maior propugnador, o qual devemos todos imitar praticando os princípios por elle ensinados. E como nada mais houvesse o Snr. Presidente declarou encerrada a sessão, do que para constar, eu Príamo Lemos, secretário, lavro a presente acta, que lida e aprovada vae por todos assignada e por mim.

Assinaturas: José Pinto Brandão, José Victorino de Souza, Antonio Pinto da Silva, Moysés Gomes, Arthur Barrozo Gomes, Joaquim da Hora, Eusinio Lavigne, Virgílio Amorim, Almir Brandão Pinto, Tácito de Sá Bittencourt Câmara, Dr. Mário Pessoa da Costa e Silva, Aureliano Brandão, Abílio Amorim, Alcides Kruschewsky, Hilda Amaral Kruschewsky, Alice Nogueira Brandão, Príamo José de Lemos – Secretário, dentre muitos outros, sendo alguns nomes ilegíveis.

Esta ata confirma a nota publicada no Diário da Tarde, não deixando nenhuma dúvida quanto à fundação da Casa do Mendigo, inaugurada em 1937, na Avenida Itabuna em terreno doado pelo Dr. Raimundo do Amaral Pacheco. A construção foi realizada com recursos públicos, ordenadas pelo Prefeito Municipal, Eusinio Lavigne, com anuência da Câmara Municipal. Esta casa não pertence mais ao Abrigo, pois sua propriedade foi perdida ao longo do tempo.

Devido ao pouco tempo que se teve para a realização da pesquisa, em que pese a soma de esforços de várias pessoas, não

houve tempo suficiente para um estudo mais apurado dos diversos livros de atas encontrados. Apenas foi feita uma rápida passagem de olhos. Nesta, pôde-se observar alguns detalhes como, por exemplo, a semelhança entre as mesmas no decorrer de um longo período de tempo.

Assim, no livro de atas que vai de 1942 a 1952, tem uma ata cujo teor é passado a seguir: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Aos 29 dias do mês de março de 1942, no lugar e hora de costume, José Pinto Brandão, secretário interino...”. A seguir estão colocadas Receita, Despesa e Saldo. É realizada a distribuição de vales. Em seguida está posto que: “Leitura espiritual, não houve”. Pode-se perceber que, costumeiramente, as atas eram feitas desta forma, seguindo este modelo.

Uma outra ata, datada de 28 de dezembro de 1952, de uma reunião realizada no salão paroquial da Igreja de São Jorge, diz que foi realizado o início dos trabalhos, comandada pelo Sr. Alcides Kruschewsky, presidente da Conferência Dom Manoel, substituto do confrade José Pinto Brandão.

Ao fim do trabalho, conseguimos compreender a existência das duas conferências, mas elas se misturam ao longo da pesquisa.

ATA N° 730ª sessão⁸. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Aos 31 dias do mês de março de 1951, no lugar⁹ e hora de costume, eram presentes os confrades José Pinto Brandão, Miguel Ribeiro do Nascimento, comigo, Domingos Kruschewsky Filho, convidado que fui, para suprir o lugar do senhor secretário José Antunes de Oliveira, por se achar doente. Rezadas as orações iniciais foi aberta a sessão. Leitura espiritual, não houve. Ata. Foi lida a da sessão anterior, sendo aprovada. Estado do caixa: pelo confrade Miguel Ribeiro do Nascimento foi assim exposto. Re-

⁸ Livro de Atas de 1942 (p. 88v).

⁹ Grafia encontrada.

ceita: coleta da última reunião, Cr\$ 29,00; oferta do conselho até esta data Cr\$ 875,00; oferta de diversos até esta data Cr\$ 750,00; coleta hoje Cr\$ 160,00; total da receita, Cr\$ 1.814,00. Despesas: pago por 356 vales para os nossos socorridos no total de Cr\$ 1.780,00, ficando de saldo para a próxima reunião Cr\$ 34,00. Distribuição. Como de costume foram distribuídos 8 vales para os nossos socorridos, tendo nesta ocasião o confrade presidente procurado se inteirar do estado das famílias socorridas e declara que, muito embora tivesse havido todo esse tempo falta de reuniões, não houve nenhum prejuízo na distribuição de vales para os nossos socorridos. E por nada mais houvesse a tratar, foram rezadas as orações finais e lavrada esta ata que, sendo lida e achado conforme, será assinada por todos os confrades presentes, comigo, Domingos Kruschewsky Filho.

Muitas atas foram lidas, podendo-se perceber que, nas reuniões, eram tratadas, com grande freqüência os assuntos financeiros da instituição que, ao longo de todo o tempo, afligiam os diretores da mesma. Era freqüente, como ainda é, a organização de campanhas com a finalidade de levantar fundos para prover as necessidades do Abrigo.

ATA DE INAUGURAÇÃO DO ABRIGO SÃO VICENTE DE PAULO¹⁰

Ata da centésima quinquagésima quinta sessão, inaugurar do novo Abrigo São Vicente de Paulo, situado na avenida Paulista, no Alto da Conquista, nesta cidade de Ilhéus, Estado da Bahia. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

¹⁰ Livro de atas de 1950 (p. 36).



Aos 25 dias do Mez de Dezembro do ano da Graça de 1951, mil novecentos e cinqüenta e um, na sala destinada a reuniões deste Abrigo, depois da celebração da Santa Missa, pelo reverendíssimo Padre José Gonçalves, com a presença de grande número de convidados pertencentes às várias classes sociais da região, tiveram início as solenidades propriamente ditas da inauguração deste novo “Abrigo”, mandado construir pela Sociedade São Vicente de Paulo, de Ilhéus, com a finalidade de recolher nele a velhice desabrigada, pelo que, feito o benzimento das várias dependências da Casa pelo reverendíssimo Padre Manuel Barreto, representando sua Ex.^a Dom Benedito Zorzi, Bispo Diocesano, proferiu ele de modo eloqüente algumas palavras alusivas ao ato, declarando ao fim e ao tempo em que cortava a fita simbólica, que estava naquele momento inaugurado o edifício para ao qual pedia e esperava as Graças de Deus. Tomando a direção dos trabalhos, o Sr. Presidente José Pinto Brandão, mandou usar da palavra oficialmente em nome da Sociedade, o confrade Miguel de Almeida Pereira, que em sucinto escrito deu cabo da incumbência que lhe foi atribuída pela Diretoria da Casa. O confrade Presidente novamente falou para dizer achar-se ainda franqueada

a palavra para quem dela quisesse usar, tendo sido solicitada pela ordem: Senhor Deraldo Bastos, em nome do Dr. Clemente Mariani. Representando a Associação Santa Isabel das Senhoras de Caridade, falou D. Maria da Glória Barreto Lira. Terminado o discurso do Sr. Deraldo Bastos, o senhor Presidente determinou o registro nesta ata, o telegrama do Dr. Clemente Mariani, sendo: Urgente Deraldo Bastos, Ilhéus. “Doutor Clemente retido fazenda onde estava desde sábado pede represental-o ato inauguração desculpando-o diante impossibilidade estar ahi amanhã. Abraços. Não mais havendo quem quisesse se fazer ouvir, o Senhor Presidente declarou que, em virtude da sessão ter uma finalidade especial, a de inaugurar o novo Abrigo, não via motivos para se tratar de outro assunto em pauta, como sejam, leitura do expediente, ordem do dia, etc. etc. Determinou também que se consignasse nesta ata, a presença muito honrosa ao ato, de autoridades civis, militares, eclesiásticas e religiosas, das mais ilustres da sociedade ilheense. Mandou também fosse lido o telegrama, pelo qual fica perfeitamente justificado o não comparecimento do ex Ministro, Snr. Dr. Clemente Mariani. Em homenagem a dedicados confrades, a Diretoria atual fez colocar nas paredes da sala de reuniões desta Casa, os retratos dos companheiros diletos, Moysés Gomes e José Pinto Brandão, tendo sido recebida a iniciativa com uma salva de palmas. Nada mais havendo a tratar, o Snr. Presidente deu por encerrados os trabalhos, agradecendo o comparecimento de todos. Pediu por fim, a assinatura de todos os presentes neste documento. Eu, Príamo Lemos, primeiro secretário, li e assino. Em tempo: Foi lido um cartão do nosso confrade Presidente, Cel. Virgílio Amorim, que não podendo comparecer a tão grandiosa festa, delegava poderes ao Engenheiro Osório de Carvalho de represental-o, por se achar acamado.

Assinaturas: O primeiro secretário Príamo Lemos, Valdemar Policarpo da Silva, Deraldo Bastos, Esther Gouveia Pacheco, Augusto Juvenal Silva, Lygia Lopes Ferreira,

Alberto Storino, Alcides Kruschewsky, Alice Nogueira Brandão, Demóstenes Vinhaes, Julita Costa Lyra, Janira Amorim de Carvalho, Antonio Amorim de Carvalho, Luiz Osório Amorim de Carvalho, Maria Marta Amorim de Carvalho, dentre muitas outras assinaturas, algumas ilegíveis. Ao todo são 95 assinaturas.

ATA DE INAUGURAÇÃO DA CASA DE RETIRO N.S. DAS GRAÇAS¹¹

Ata nº 330 de Reunião de Diretoria, realizada em 31.05.84.

Aos trinta e hum dias do mês de maio de um mil novecentos e oitenta e quatro, reúne-se na residência do confrade Fábio Araripe Goulart, a diretoria da Sociedade S. Vicente de Paulo de Ilhéus, contando com as seguintes presenças: Léviton Franco Veloso – Presidente; Wilson Pinto Nobre – Vice-Presidente; Fábio Araripe Goulart – Tesoureiro e Dalmiro de Oliveira Silva – Secretário. Presentes ainda, o Sr. Jorge Torres e os Drs. Edson Menezes e Alfredo Dantas Landim, este último, Presidente do Lions Clube de Ilhéus, Centro. Abertos os trabalhos, o Presidente passa a palavra ao confrade Fábio Goulart, que faz um relato sucinto dos últimos acontecimentos com vistas à sucessão da diretoria da Sociedade, cujo mandato vence no mês de junho próximo, informando ter sido convidado para concorrer a eleição da presidência o Sr. Raimundo Sá Barreto, pela Sra. Lindinha Lucas e, posteriormente ratificado na oportunidade da visita feita ao referido senhor, pelos confrades Léviton Veloso e Wilson Nobre. Na oportunidade ficou também definido que os demais membros da nova dire-

¹¹ Livro de Atas de 1970 (p. 87v).

toria seriam de escolha e indicação do mencionado candidato. Em respeito à letra estatutária, a eleição da nova diretoria deverá ocorrer no mês de junho, com data a ser marcada. Quanto à posse, esta terá lugar por ocasião da inauguração da Casa de Repouso N.S. das Graças, marcada para o dia 30 de junho de 1984¹². Também ficou decidido homenagear-se o Confrade Léviton Veloso e o Sr. José Haroldo Castro Vieira, dando os seus nomes, respectivamente, ao salão de entrada e ao salão polivalente do prédio construído, numa forma de reconhecimento à dedicação dos mesmos para a referida obra. De igual forma ficou definida a confecção de uma placa de metal, onde constarão os nomes de todos os atuais diretores e mais o do confrade David Albuquerque Maia e da Sra. Graziela Lucas, num preito de justiça ao interesse, esforço e amor para com a obra Vicentina em nossa cidade. E, por nada mais haver a ser tratado, o Presidente deu por encerrada a reunião e mandou fosse lavrada a presente ata, que será lida, e, se achada conforme, assinada por todos os diretores presentes na próxima reunião.

Assinaturas: Léviton Veloso, Wilson Pinto Nobre e Dalmiro de O. Silva.

Esta ata fala da inauguração da Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças, mas não foi encontrada uma ata tratando especificamente da mesma. A ata seguinte tem a data de 19 de junho de 1984. Ela trata da eleição da nova diretoria, para o biênio 84-86. Na mesma, está colocado o assunto da compra de equipamentos para a Casa de Retiro, recém-inaugurada.

¹² Na revista editada em comemoração aos 50 anos do Lions de Ilhéus, consta como data da inauguração da Casa de Retiro, o dia 1º de julho de 1984.

1.4. A ORIGEM DOS TERRENOS

De acordo com a pesquisa realizada por Alfredo Amorim da Silveira, e já transcrita no capítulo primeiro deste trabalho, a edição do Diário da Tarde, de 24 de novembro de 1931, publica um aviso, onde o Presidente do Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo convoca os ocupantes de terrenos de propriedade da mesma para procurarem seus responsáveis e, assim, cumprirem suas obrigações com a instituição. A convocação é explícita para os ocupantes dos terrenos situados na “Fonte da Cruz”. São contratos de aforamento e a nota está assinada pelo vicentino tesoureiro da instituição, Sr. Moisés Gomes.

A atual Coordenadora da Comissão de Patrimônio da Sociedade São Vicente de Paulo é a arquiteta Alana Cores, que trabalha voluntariamente. Quando da conversa que tivemos, sobre os terrenos que o Abrigo possui e sua origem, pudemos constatar que diversas pessoas da sociedade ilheense, por um motivo ou por outro, por não terem herdeiros diretos, ou por pura filantropia, deixaram bens para ajudar na manutenção da Sociedade São Vicente, até os anos trinta e, especificamente para o Abrigo, a partir dos anos 40.

Chegou às nossas mãos um documento interessante e precioso que mostra a forma como os cacauicultores e as famílias ricas da região dispunham dos seus bens e de suas riquezas, como também de seus serviços para o bem das instituições da cidade. Certamente este é um dos motivos que tornou diversas instituições ilheenses fortes, a ponto de permanecerem ao longo do tempo; algumas delas já completaram cem anos.

Encontramos uma certidão passada pelo Tabelião Raymundo Pacheco Sá Barreto, de uma escritura de doação que se encontra no livro de Escrituras número 109, às folhas 61 e 62. Pela dita escritura, aparece como doadora a Sra. Adelaide Schaun Brasil e como donatária a Sociedade São Vicente de Paula.

A Sra. Adelaide Schaun Brasil foi casada com o cacauicultor José das Neves Cezar Brasil e possuíam uma fazenda no local hoje denominado Alto do Ceará. O terreno onde foi construído o Colégio da Piedade foi doado por este cacauicultor para que o bispo construísse a sede do bispado, mas este cedeu parte do mesmo para as freiras ursulinas construírem o colégio, em 1916. Segundo José Nazal (p. 37), a propriedade de José das Neves tinha o nome de Boa Vista de Fora (Pasto de José das Neves).

Depois da morte de seu esposo, a Sra. Adelaide Schaun Brasil fez a doação dos terrenos de que ora tratamos; uma faixa de terra que começava “a partir do muro do lado direito do *chalet* do cel. João Amorim, no fundo da Rua das Quintas, até o terreno da fazenda do cel. José Soares do Amaral Pacheco, passando pela Fonte da Cruz”. A escritura foi lavrada em 20 de novembro de 1928, pelo tabelião interino João Sales Silva.

Logo após a escritura ter sido lavrada, a doadora, Sra. Adelaide S. Brasil, faz uma carta dirigida à diretoria da Sociedade São Vicente, dizendo que a doação foi para atender “aos desejos do meo falecido marido”. Mas pede aos diretores da sociedade que abram mão do terreno ocupado pelo prédio do “Grupo Espírita Amantes da Fé”, cuja área havia sido doada anteriormente. A área, segundo o documento, mede 10 metros de frente, por 20 metros de frente a fundo. Pertence até os dias atuais ao grupo espírita, e o terreno também foi doado pelo casal.

O terreno em questão é parte substancial da rua Bento Berilo, também conhecida como rua da Linha, rua por onde passava o trem. Atualmente são cerca de 40 terrenos com casas e edifícios construídos, pelo lado da Rua Bento Berilo, cujos terrenos pertencem ou pertenceram ao Abrigo São Vicente de Paulo. Na Fonte da Cruz, no lado do fundo do terreno, também existem construções cujos terrenos fizeram parte deste lote.

Recebemos da arquiteta Alana Cores a seguinte lista, cujo título é “Doações de bens imóveis à Sociedade São Vicente de Paulo”.

Os bens, a seguir relacionados, estão devidamente regularizados no Cartório do Registro de Imóveis da Primeira Circunscrição desta cidade, segundo amostragem e pesquisa elaborada pela Dra. Aída Souza Coelho e equipe do patrimônio do Abrigo.

1. Por Raymundo do Amaral Pacheco e sua mulher, no ano de 1947, em 18 de dezembro, uma área de terras medindo 8.586,00 m², situada à Avenida Itabuna, destinada à construção do abrigo São Vicente de Paulo;

2. Por Domingos Fernandes da Silva e por Joaquim Maria Brandão e Silva, em 29 de setembro de 1947, um prédio de dois pavimentos, situado à Rua Rodolfo Vieira n° 36, Centro;

3. Por Virgílio Calazans Amorim, em 28 de maio de 1951, um prédio à Rua Sete de Setembro de números 69, 71 e 75.

4. Por Adelaide Schaun Brasil, em 20 de novembro de 1928, a área das ruas Bento Berilo e Cristiano Selman, já citada em parágrafo anterior;

– No ano de 1952, um prédio residencial à Rua Carneiro da Rocha, n° 264;

– Em 30 de janeiro de 1958, uma casa à Rua Sete de Setembro, n° 9, localizada entre o Bar Guanabara e a casa de Jaime Guanaes;

– Um prédio localizado à Rua Carneiro da Rocha n° 264.

5. Por Anísia Freitas da Silveira, um prédio de três pavimentos, denominado Edifício Carlos Monteiro, localizado à Rua maior Homem D'El Rei, na Cidade Nova;

– Um prédio de três pavimentos, denominado Edifício Pinto de Aguiar, localizado na Vila Landulfo Alves, na Rua Tobias Barreto;

6. Por Maria Bárbara dos Santos e Angelina Santos, no ano de 1998, uma casa residencial, localizada à Rua D. Manoel de Paiva, nº 112, no centro da cidade.

7. Por Júlio Everaldino dos Santos, casa, à rua Rosa Amélia, Q - 30, Nelson Costa.

8. Por Adherbal da Silva Ribeiro, casa, à rua Alto da Gamboa, n. 496, no Bairro da Conquista.

No presente ano de 2007, segundo a equipe que cuida do patrimônio da Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus, continua muito difícil a situação dos terrenos onde foram construídas residências, mas que ainda pertencem à Sociedade. É necessário que as pessoas tenham bom senso para cumprir o que manda a Lei, pagar laudêmio e saber que o dinheiro que não estão pagando está fazendo falta aos velhinhos da instituição. Ainda existem muitos terrenos do Abrigo, com construções, que não estão devidamente regularizados, na Fonte da Cruz, na Av. Canavieiras, na Rua Visconde de Mauá e na Av. Itabuna.

São exceções:

– Profa. Raimunda Menezes Midlej – inquilina que, desde que o imóvel foi doado, já residia nele e é colaboradora, não se negando a fazer os reajustes necessários.

Prof. José Roberto Cidreira Júnior, que, em 2004, se propôs a realizar, com dinheiro próprio, a reforma do imóvel do qual é inquilino.

– Dr. Anúzio Lima, que paga antecipadamente seus aluguéis, pelo período anual.

CAPÍTULO 2

OUTROS OLHARES SOBRE A VELHICE

Que é ser velho?, pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.

Marilena Chauí

Escrever este livro não é algo tão simples assim, pois ele deverá obedecer a alguns rigores acadêmicos e, ao mesmo tempo, apresentar uma forma simples e agradável em sua leitura, pois deverá ter, como público leitor, a comunidade, pessoas que não estão ligadas à academia. E não pretende ser uma tese. É apenas uma monografia para registrar um capítulo importante da história de Ilhéus, o da Sociedade São Vicente de Paulo e do abrigo com o mesmo nome, que dá assistência aos idosos, não só da cidade de Ilhéus, mas de várias outras.

Quando se fala em velhos, vamos pedir permissão para assim chamá-los, e não idosos, como é a moda, posto que entendemos se encaixar melhor aos objetivos que se deseja alcançar. Idoso, velho, parece tudo a mesma coisa, pessoas com idade avançada. É possível que a substituição tenha acontecido por conta de que velho parece aquilo que já não serve e deve ser jogado fora. Na civilização ocidental, muitas vezes, é essa a idéia que se tem do velho, a de que já não presta para mais nada. Preferimos, no entanto, a postura do oriental, para o qual o velho é o experiente, o sábio, aquele que deve ser respeitado e servir como conselheiro para os mais novos. Até porque é assim que as pessoas querem ser tratadas, quando a velhice chegar. Em que pese serem muitos os grupos sociais que relegam seus velhos ao esquecimento, tanto que, segundo a pesquisa de Simone de Beauvoir no livro “A Ve-

lhice”, muitos grupos “primitivos” abandonam seus velhos para a morte.

Aqui cabe lembrar o conto de Grimm, onde o velho da família já não se sentava à mesa, porque sujava o lugar onde ficava. Foi colocado a comer sozinho, na cozinha, em uma gamela de madeira. Um dia, o pai encontra o filho de cinco anos mexendo em pedaços de madeira. Ao ser questionado pelo pai sobre o que fazia, respondeu: - estou fazendo uma gamela para você, quando ficar velho. O avô voltou para o meio da família. Podemos concluir que o velho, que não pode mais trabalhar, significa um estorvo para a sociedade, e por isso é marginalizado.

Ao escrever este trabalho e consultar várias obras, encontramos, na Introdução do livro “A Velhice” de Simone de Beauvoir, um pequeno texto que pedimos permissão para transcrever.

Quando Buda era ainda o príncipe Sidarta, encerrado por seu pai num magnífico palácio, dele escapuliu várias vezes para passear de carruagem nas redondezas. Na primeira saída, encontrou um homem enfermo, desdentado, todo enrugado, encanecido, curvado, apoiado numa bengala, titubeante e trêmulo. Espantou-se, e o cocheiro lhe explicou que era um velho: Que tristeza – exclamou o príncipe – que os seres fracos e ignorantes, embriagados pelo orgulho próprio da juventude, não vejam a velhice! Voltemos rápido para casa. De que servem os jogos e as alegrias, se eu sou a morada da futura velhice (BEAUVOIR, p. 7).

Naquele momento Buda percebeu algo que a maioria das pessoas não é capaz de enxergar. O destino de cada ser humano, se a morte não o levar antes, é a velhice. Tal qual a criança que diz inocentemente, ao escultor, não saber que existia um cavalo dentro daquele bloco de pedra, cada um de nós guarda, em si, o velho que um dia será.

A senilidade e seus desdobramentos certamente criam os

preconceitos que existem contra o velho, a tentativa de torná-lo invisível. De acordo com Verderi, “a atual sociedade brasileira é eivada de tabus e preconceitos que dificultam a participação dos ‘indivíduos envelhecidos’, de forma integral, nas atividades sociais, profissionais, físicas e de lazer” (<http://www.cdof.com/idosos11.htm>).

Uma questão que parece inerente à velhice é a da memória. Aquela que se refere a tempos antigos, parece tão fresca, tão próxima... enquanto a memória do tempo presente se torna fugaz e intermitente. É como a questão da percepção. Quem garante que o que vejo é o real? Ou é a minha interpretação do que vejo? E o que leio, é o que foi pensado pelo escritor? Ou é a minha forma de entender o que foi escrito? Não é só para o velho que há dificuldades para entender a realidade, para perceber o que está aí, mas ao moço, ao jovem, também a realidade é questionável. É a questão da “percepção impregnada de lembranças”, de que fala Bergson. O que percebemos do mundo inclui nossa bagagem cultural, isto é inevitável.

Foi então que, ao se procurar uma revisão de literatura, uma fundamentação teórica para esta monografia, o primeiro trabalho a ser consultado foi este que agora é apresentado, de Ecléa Bosi, *Lembranças de Velhos*, uma obra com 484 páginas, e de agradável leitura, que nos remete à reflexão sobre nossos conceitos a respeito da velhice, mas, principalmente, sobre nosso entendimento sobre o que é ser velho.

A autora em questão apresenta no capítulo primeiro a questão da memória, fazendo uma relação entre o pensamento de Bergson e Halbwachs. De Bergson, ela fala da memória sobre a conservação do passado, sem entrar na área da filosofia; em seu trabalho, Bosi tem, como objetivo, “a análise de memórias de mulheres e homens idosos e que, portanto, pressupõe a existência de um *estofô social da memória*” (p. 43). Bosi utiliza o livro de Bergson, *Matière et mémoire*, como fundamento para falar das

lembranças dos velhos que entrevistou, para compor sua obra. Diz Bosi:

Além disso, *Matière et mémoire*, pela originalidade tantas vezes polêmica das suas proposições, constitui o centro dos debates sobre tempo e memória, provocando reações que ajudaram a psicologia social a repensar os liames sutis que unem a lembrança à consciência atual e, por extensão, a lembrança do corpo de idéias e representações que se chama, hoje, correntemente, “ideologia” (p. 44).

Procurando fazer seu leitor entender de que forma funciona a memória no ser humano, ela descreve o fenômeno físico de como a imagem e a lembrança percorrem nosso corpo, até chegar ao cérebro, local onde, realmente, tudo acontece. Os animais também possuem memória, mas não lhes foi dada a oportunidade de dizer, já que apenas o *homo sapiens* é capaz de transformar em palavras, o que vê, ouve ou pensa. Só nós podemos verbalizar nossas memórias. Falar de um passado remoto a alguém que pode entender o que está sendo dito, é uma experiência eminentemente humana. E a percepção atual encontra-se em estágio diferente do que se chama lembrança.

Segundo Bosi, “para Bergson o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das idéias” (p. 46). Estas são experiências sensoriais ligadas ao momento presente, em nossa relação com o mundo. As lembranças pertencem às experiências exclusivas do indivíduo. São pessoais, são individuais, podem estar impregnadas da cultura, mas pertencem ao nosso próprio acervo.

Da mesma forma que o corpo envelhece porque “o sedentarismo é o inimigo número um da saúde pública”¹³, o sedentarismo intelectual também possibilita o envelhecimento dos neurônios e,

¹³ Victor Matsudo, criador do programa Agita São Paulo, 1996.

assim, possibilita a instalação de doenças tidas como da velhice, como Parkson e Alzheimer. Estas provocam lesões definitivas no idoso, comprometendo a memória e o comportamento.

O velho vive de suas lembranças. Pensar no futuro é doloroso, porque ele não sabe quanto tempo pode ter este futuro. É, de certa forma, uma angústia pensar no que representa o futuro. Quando seus amigos partem a cada dia, ele imagina, quem sabe, que pode ser o próximo. Uma queda, uma gripe, qualquer doença pode interromper o processo vital e ele sabe disso. Portanto, quando a dificuldade de locomoção e a falta de independência batem-lhe à porta, quando a autonomia já não é mais possível, o velho começa a viver de suas lembranças. E as lembranças são tristes, quase sempre dolorosas.

Em *Navegação de Cabotagem*, Jorge Amado confessa sua tristeza ao ver cada amigo que se vai. Esta sensação desencadeou no autor, de temperamento alegre e jovial, uma certa depressão.

Segundo Beauvoir, em dado momento da segunda metade do século vinte, “a América riscou de seu vocabulário a palavra morto: fala-se de caro ausente; do mesmo modo, ela evita qualquer referência à idade avançada” (Beauvoir, p. 7). Diz ainda que, na França daquele tempo, também o assunto da morte era um assunto proibido. Isso representa, sem dúvida, a negação da velhice e da morte. Naquela época as pessoas costumavam dizer: a velhice não existe, apenas pessoas menos jovens que outras. A visão da sociedade sobre a velhice é de que esta “aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar” (id; *ibid.* p.8). Este era o pensamento das décadas de sessenta e setenta do século XX. Essa realidade se expressa tendo em vista que, “sobre a mulher, a criança, o adolescente, existe em todas as áreas uma abundante literatura; fora das obras especializadas, as alusões à velhice são muito raras” (id; *ibid.*).

A constatação desta realidade faz nascer, naqueles que a enfrentam, uma necessidade de modificá-la, pois o que podemos

fazer é lutar contra uma sociedade contraditória que, ao mesmo tempo que pesquisa para aumentar a expectativa de vida do ser humano, não tem coragem de colocar o velho em seu devido lugar: alguém que já serviu à sociedade, mas que já não pode fazer tudo que sua mente deseja, pois os músculos já não obedecem.

Na sociedade capitalista de consumo, onde o que conta é o lucro, foi encontrada uma atividade para o idoso que está lúcido e em plena força: substituir o “office boy” nas filas de banco, após a vigência da Lei do Idoso, que permite ao mesmo, não entrar em fila, ou pelo menos, ter um guichê especial, nos estabelecimentos bancários. São consideradas idosas, as pessoas com sessenta anos ou mais, no entanto, isso ainda não está muito claro. O aposentado com menos de setenta anos pode realizar esta atividade para receber uns trocados que complementarão o salário que recebem da previdência social. A aposentadoria, que deveria ter duas funções: permitir ao idoso parar de trabalhar, vivendo com dignidade e, abrir espaço para os novos, no mercado de trabalho, não está atingindo seus objetivos.

“O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele. Esta, acredito, é sua tese, Ecléa” (Marilena de Souza Chauí, in BOSI, p. 18). Temos que lutar para que o velho seja respeitado em sua dignidade. Para que ele continue a ter os seus direitos, para tenha uma sobrevivência digna. Marilena Chauí, na Apresentação do livro de Bosi, questiona. “Por que temos que lutar pelos velhos?” E ela mesma responde:

Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem uma idéia inspecionada por nosso espírito – é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas. Eis por que, recuperando a figura do

cronista contra a do cientista da história, Benjamin afirma que o segundo é a voz despencando no vazio, enquanto o primeiro crê que tudo é importante, conta e merece ser contado, pois todo dia é o último dia. E o último dia é hoje (id., *ibid.*, p. 18).

A questão do tempo se torna mais forte e mais presente no velho. O tempo que lhe escapa das mãos, que foge ao seu domínio. E como diz Gibran, “do tempo, gostaríeis de fazer um rio, na margem do qual vos sentaríeis para observar correr as águas” (p. 59).

Chauí volta a questionar (p. 18): “Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista?”. E continua, respondendo. “É sobreviver.” Sobreviver à parte da sociedade, “sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é o opressor”.

É o opressor quem exige dele uma postura igual a do jovem. Que não perdoa suas ranhéticas e sua vontade de chamar a atenção, de ser visto. Que não tem paciência quando ele pergunta várias vezes a mesma coisa. Diz Beauvoir que: “com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias” (p. 8).

João Alexandre Barbosa, in Bosi (p. 11) afirma:

Deste modo, quando se fala de uma “pedagogia do oprimido” (Paulo Freire) o endereço tem nome certo: trata-se de uma pedagogia que possa dar conta de uma situação precisa, no universo das relações sociais, de uma certa camada da população subjugada pela dependência. Opressão: dependência.

Numa sociedade de classes, como a nossa, cheia de contradições, a mulher, a criança e o velho são, por assim dizer, instâncias privilegiadas da opressão exercida pelos mais fortes. Mas, de acordo com Beauvoir, o velho ainda está em desvantagem, pois “os velhos não são considerados uma categoria à parte e, por outro lado, isso não lhes agradaria; existem livros, publicações, espetáculos, programas de televisão e de rádio destinados às crianças e aos adolescentes; aos velhos, não” (p.9). Nos últimos anos, uma ressalva pode ser feita: com a criação dos grupos da Terceira Idade, uma porta se abriu para muitos idosos, mas não para todos.

De acordo com Chauí (in Bosi, p. 19), “A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam”. A sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros, destruindo os suportes materiais da memória. Disse, ainda, que “constituíam valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade), a família larga extensa (versus ilhamento da família restrita), o apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versus objeto de consumo)”.

O fazer do ser humano está diretamente ligado aos hábitos culturais transmitidos pelos antepassados, de geração a geração. Assim, afirma Bosi que, “aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada” (p. 46). Muitas vezes essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros “signos” destinados a evocar antigas imagens.

Ainda segundo Bosi (p. 60), “o adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho”. O homem moderno, que vive em meio a uma série de parafernalias, cujo maior problema é o estresse do dia-a-dia, não se dá conta de que não se preocupa nem

com o passado, nem com o futuro, ele vive apenas o momento presente. Ou seja: “para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez”, completa a autora.

O velho representa uma sobrecarga para as famílias, por isso elas o enviam para os abrigos, como para se descartar de uma “carga pesada”. Para a sociedade, ele também passa esta sensação, a de que está sendo sustentado pela contribuição previdenciária do que se encontra em atividade, sem que as pessoas percebam que um futuro semelhante os aguarda. “A sociedade de consumo, observa Marcuse, substituiu a consciência infeliz por uma consciência feliz e reprova qualquer sentimento de culpa” (Beauvoir, p. 8). A separação ocorrida entre Igreja e Estado tem provocado uma nova mentalidade entre as pessoas, onde já não há espaço para a culpa. As coisas são como devem, como podem ser. Em relação aos velhos, já não ocorre da mesma maneira, há uma forte cobrança em relação ao seu comportamento.

Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória. Devem dar o exemplo de todas as virtudes. Antes de tudo, exige-se deles a serenidade; afirma-se que possuem essa serenidade, o que autoriza o desinteresse por sua infelicidade (BEAUVOIR, p. 10).

Sem dar-lhe a contrapartida, exige-se do velho serenidade, exemplo e controle. Daí, podemos concluir que, “por sua virtude ou sua abjeção, os velhos situam-se fora da humanidade” (id; *ibid*).

A marcha que a humanidade percorre tem avançado, mas não de forma homogênea. A ciência e a tecnologia realizaram mais nos últimos cem anos, do que em toda a história da huma-

nidade, anteriormente. A ciência tem prolongado a vida das pessoas, mas a mentalidade dessas pessoas nem sempre acompanha o desenvolvimento científico. As questões políticas e econômicas exercem grande influência no comportamento humano. Assim, enquanto a produção agrícola aumenta mais que a população, é muito grande o número de pessoas que morrem de fome, nos países pobres, por falta de dinheiro para comprar comida. Isto é um paradoxo. Do mesmo modo, a ciência prolonga a vida do ser humano, mas não sabe o que fazer com seus velhos que já não podem produzir.

Beauvoir diz que: “Todos os homens são mortais; eles pensam nisso. Um grande número deles fica velho: quase nenhum encara com antecedência esse avatar. Nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisto que a velhice” (p.11).

Durante o desenvolvimento das atividades realizadas na gestão do Dr. Antonio Espírito Santo, na direção do Abrigo São Vicente, foi realizada, no ano de 2007, a comemoração do Dia do Enfermeiro - estas datas sempre são comemoradas. A Assistente Social Suêde Mayne Pereira Araújo foi convidada a realizar uma palestra para a equipe de enfermagem do Abrigo. Por ser considerado pertinente, achou-se válido transcrever, na parte destinada à fundamentação teórica, o texto da palestra proferida, por estar de acordo com uma nova visão do olhar sobre o idoso.

O DEVER DE CUIDAR – REVENDO VALORES (Suêde Mayne Pereira Araújo)¹⁴

A tarefa outorgada ao enfermeiro, de cuidar das pessoas enfermas, é uma tarefa que pode ser considerada sublime. Dar con-

¹⁴ Assistente Social – Especialista em Saúde do Trabalhador.

forto físico a quem está se sentindo mal, a quem está fora de sua casa, e de seus entes queridos, é a melhor coisa que um doente pode receber.

Cuidar do idoso sem esquecer o lado humanístico não pode ser considerado rejeição aos aspectos técnicos, nem tão pouco aos aspectos científicos. Cuidar é enfatizar a característica do processo interativo e de fruição de energia criativa, emocional e intuitiva, que compõe o lado artístico, além do aspecto moral.

O Código de Ética dos profissionais de enfermagem, por meio da Resolução nº 2000 (COFEN, 2000, capítulo 1, p. 35), estabelece que,

O profissional da enfermagem respeita a vida, a dignidade e os direitos de cada pessoa humana, em todo seu ciclo vital; a discriminação de qualquer natureza assegura ao cliente uma assistência de enfermagem livre de danos decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência, cumpre e faz cumprir os preceitos éticos e legais da profissão, exercendo a enfermagem com justiça, competência, responsabilidade e honestidade.

O Código de Ética deixa claro, em suas determinações, que “o idoso tem direito a informações claras, simples e compreensivas” (id., *ibid.*), que devem ser adaptadas às condições culturais do mesmo, “sobre as ações diagnosticadas e terapêuticas” da sua enfermidade.

A atenção, muitas vezes, fica restrita a expressões simples, tais como: “está tudo bem”, “respira fundo” ou “calma”, sem ao menos olhar diretamente para ele.

Outro aspecto abordado pelo Cofem é sobre o tratamento pessoal dado ao idoso, que “tem direito a ser identificado pelo nome e sobrenome”, não devendo, nunca, “ser chamado pelo nome da doença ou do agravo à saúde, ou ainda de forma genérica ou quaisquer outras formas impróprias, desrespeitosas ou preconceituosas” (id., *ibid.*). Verifica-se, no capítulo III, artigo

16º que é de responsabilidade da profissão “assegurar ao cliente uma assistência de enfermagem livre de danos decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência”.

As pessoas tendem a mascarar a situação dando a impressão que o idoso já não possui mais a capacidade de compreender sua realidade, portanto, “a importância da comunicação é a explicação mais eficaz sobre os variados procedimentos, pois, além de promover maior grau de conhecimento e esclarecimento, favorece sentimentos de segurança e cooperação” (id;ibid).

A humanização deve fazer parte da filosofia de enfermagem. O ambiente físico, os recursos materiais e tecnológicos são importantes, porém não mais significativos do que a essência humana. Esta sim, conduzirá o pensamento e as ações da equipe de enfermagem, tornando-a capaz de criticar e construir uma realidade mais humana, menos agressiva e hostil para os pacientes que diariamente necessitam de atendimento.

Alguns questionamentos devem ser realizados para que cada funcionário procure analisar sua conduta profissional. Tenho sido ético? Sou responsável? Conheço meus limites? Acato decisões delegadas?

Como podemos falar em humanização do paciente, se antes não podemos constatar a presença de equipes humanizadas?

Algumas considerações podem ser feitas. Idosa é a pessoa que tem idade. Velha é a pessoa que perdeu a jovialidade. A idade causa degeneração das células; a velhice causa degeneração do espírito. Por isso, nem todo idoso é velho, e há velhos que nem chegam a ser idosos.

Idosa é aquela pessoa que tem a felicidade de viver uma longa vida produtiva, de ter adquirido uma grande experiência e é uma porta entre o passado e o futuro e é, no presente, que os dois se encontram. O idoso se renova a cada dia que começa. O idoso tem plano e se moderniza, dialoga com a juventude, procura compreender os novos tempos.

É necessário refletir nossa prática profissional: você cuida do idoso ou do velho? Suas idéias são velhas? Ou idosas? Mude seus valores. Uma coisa é valor, outra coisa é ser. Quando dizemos que uma coisa vale, não dizemos nada do seu ser, da sua essência. O seu valor é demonstrado nas suas escolhas, transmitido pela cultura à qual você pertence; podemos mudar nossa prática cultural, depende do modo como vemos a vida.

(Palestra proferida em maio de 2007)

O livro “A Velhice”, de Beauvoir foi publicado, pela primeira vez, em 1970. “Lembranças de Velhos”, de Eclea Bosi, em 1979. As autoras já percebiam as dificuldades enfrentadas pelos velhos na sociedade moderna. No presente ano de 2007, pouca coisa mudou.

CAPÍTULO 3

A CONSTRUÇÃO DA SEDE ATUAL

Nada passa mais depressa do que os anos
(autor desconhecido).

A Sociedade São Vicente de Paulo foi fundada em 10 de setembro de 1916, com a finalidade de dar assistência a pessoas menos favorecidas da cidade de Ilhéus. É bom ressaltar que primeiro foi fundada a sociedade, que funcionou em diversos locais, antes que fosse definitivamente para sua sede atual, no Alto da Conquista.

Em fevereiro de 1927, no dia seis, foi instalada e inaugurada a Escola São Vicente de Paulo. O jornal Correio de Ilhéus publicou uma carta recebida da Sociedade São Vicente, comunicando que “cumprindo a missão iniciada pelo nosso patrono, resolvemos dotar a Cidade de uma Escola Popular, destinada a ministrar a luz da instrução às crianças, muito especialmente às desprotegidas da fortuna” (O Correio de Ilhéus, 05 fev. 1927).

Na matéria publicada, o jornal coloca o convite, que diz o seguinte: “Por esse motivo temos a honra de convidar V. Exa. e a Exma. Família para assistirem ao ato da instalação, que se realizará no próximo domingo 06 do corrente, às 16 horas, no arrabalde da Conquista” (id; ibid). A escola da Sociedade São Vicente foi inaugurada com a finalidade de educar crianças de classes sociais menos favorecidas; a inauguração foi um evento de grande repercussão.

No arquivo do Abrigo São Vicente estão alguns livros de presenças dos alunos da escola, bem como anotações relativas à

mesma.

O Intendente de Ilhéus, Dr. Mário Pessoa, ficou sensibilizado com a situação de dificuldade por que passava a Sociedade São Vicente de Paulo e, em conjunto com o Conselho Municipal (atual Câmara de Vereadores), promulgou a Lei nº 332, de outubro de 1927, cujo artigo primeiro determina: “Fica o Sr. Intendente autorizado a auxiliar com a quantia de um conto de réis (1:000\$) a Sociedade Beneficente São Vicente de Paulo, nesta cidade” (O Correio de Ilhéus, 04 out. 1927).

A Sociedade, àquela época, tinha como objetivo promover visitas aos presos, dando-lhes assistência religiosa, bem como aos doentes do hospital, e contribuir com alimentação de algumas famílias pobres.

O sonho dos membros da Sociedade São Vicente de Paulo era construir uma sede própria. Isto veio a ocorrer, finalmente, em julho de 1937, com a inauguração da Casa do Mendigo, cujo objetivo era dar assistência social aos mendigos da cidade. A matéria do jornal diz que: “O Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo, desta cidade, resolveu em sua última reunião, comemorar a Semana da Caridade, que hoje se inicia, inaugurando a Casa do Mendigo” (DIÁRIO DA TARDE, 19 jul. 1937).

O prédio foi construído na Avenida Itabuna, em terreno doado pelo médico Raimundo do Amaral Pacheco, desmembrado da Fazenda Opaba, de sua propriedade. O prefeito da cidade daquela época era o Dr. Eusínio Lavigne, que autorizou a construção, com recursos públicos, para atender às reivindicações da população. Segundo o Diário da Tarde, o prefeito “autorizou a diretoria de obras públicas a construir um edifício capaz de abrigar algumas dezenas de desamparados, onde seriam recolhidos os verdadeiros mendigos” (31 jul. 1937), e que os falsos mendigos, “exploradores da caridade pública” estavam proibidos de continuar na prática da mendicância.

De acordo com o jornal, o prédio dispunha de instalações

necessárias para abrigar homens e mulheres, além de possuir um terreno para ser cultivado. E diz, ainda, que a direção da Casa do Mendigo foi entregue, pela prefeitura, à Sociedade São Vicente de Paulo, “instituição que sempre esteve à vanguarda de todas as iniciativas meritórias em favor dos necessitados” (id., *ibid.*).

A partir de 1940, a Casa do Mendigo passou a se chamar Abrigo São Vicente de Paulo, sempre prestando serviço à população carente da cidade e ampliando seu raio de ação.

A partir de 1945 já começa a ser noticiada a construção de um novo prédio no Alto da Conquista, em terreno da Fazenda Carilo. No dia primeiro de maio de 1945 foi lançada a pedra fundamental do edifício, onde seria construída a sede permanente do Abrigo São Vicente de Paulo, que permanece até os dias atuais. A notícia do jornal diz que o evento ocorreu “em presença de numerosa assistência, nos terrenos da fazenda ‘Bela Visão’¹⁵, próximo a esta cidade”. O Diário da Tarde diz que, após a solenidade, as pessoas saíram em cortejo.

O cortejo aguardou a chegada dos diretores e convidados da sociedade vicentina no alto da Fazenda Bela Visão, justamente no local onde foi batida a primeira pedra para a construção do novo edifício do Abrigo, que terá 4 pavilhões, estando a construção a cargo do engenheiro civil Osório de Carvalho (01 maio 1945).

De acordo com o mapa que consta do livro “Minha Ilhéus” (SOUB, p. 37), em local onde hoje é o bairro da Conquista, ou Alto da Conquista, foi construído o Abrigo São Vicente de Paulo. Seu terreno pertencia a duas fazendas, a Fazenda Boa Sorte (Bela Visão), de Miguel Alves Dias, e a Fazenda Carilos, onde foi edificado o Abrigo.

¹⁵ A cidade de Ilhéus, àquela época, era formada pelo atual Centro. A Conquista ainda pertencia à Fazenda Bela Visão e à Fazenda Carilos.

Segundo o Diário da Tarde (09 mai. 1945), os diretores do Abrigo já tinham em mãos, as plantas e o orçamento para a construção do grupo de “pavilhões destinado à instalação da nova sede, no arrabalde da Conquista”. O jornal descreve as novas instalações que estarão alocadas em um conjunto com quatro grandes pavilhões destinados, respectivamente, “à administração, alojamentos para homens e mulheres, refeitório, duas enfermarias anexas aos alojamentos, oficina, dependências, como sejam copa, cozinha e serviços sanitários, além de uma capela e necrotério”. O editor do jornal comenta a notícia, louvando o empreendimento que os vicentinos de Ilhéus se propõem a construir. Concomitantemente, o jornal faz um apelo à sociedade local para que todos colaborem na construção da nova sede do Abrigo.

Em dezembro de 1948, segundo o Diário da Tarde (id; *ibid*), foi feito o assentamento da cumieira do primeiro pavilhão do novo abrigo. Em agosto de 1949 (segundo o Diário da Tarde), a construção vinha se arrastando com a maior dificuldade, “pois o auxílio dos poderes públicos e dos particulares não tem sido bastante eficaz para levar a termo a importante obra”. No final do mesmo ano, em dezembro, aconteceu uma reunião presidida pelo Bispo Diocesano, D. Benedito Zorzi, com a finalidade de discutir a paralisação da obra do novo prédio do Abrigo, por falta de recursos.

O Diário da Tarde diz que D. Benedito lembrou D. Eduardo, que também foi vicentino, e pediu que, os que o veneram, “em lugar de acenderem velas junto a seu túmulo todas as vezes que o visitarem, deveriam destinar a importância das velas para os protegidos de São Vicente”.

Através do Livro de Atas do Abrigo São Vicente, pode-se então confirmar que, em 25 de dezembro de 1951, com a presença de grande número de convidados pertencentes às várias classes sociais da região, foi concretizada a inauguração da nova sede do abrigo São Vicente de Paulo.



CONSTRUÇÃO DA CASA DE RETIRO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Segundo o discurso do CL¹⁶ Dalmiro Silva, na passagem dos 45 anos de existência do Lions Clube de Ilhéus, inúmeras obras de assistência aos menos favorecidos foram realizadas pelo mesmo ao longo desses anos. Uma se sobressai, entretanto, pela sua magnitude: a construção da Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças, anexa ao Abrigo São Vicente de Paulo. Segundo Dalmiro Silva,

Nosso clube interferiu no Abrigo São Vicente, preocupado em conter a derrocada que as dificuldades daquele momento prenunciavam. Se acontecesse, seriam cerca de 60 velhinhos pobres, carentes, largados ao léu. Este clube, usando do seu prestígio como instituição e o valor pessoal de seus membros, puderam virar o jogo, contornando a situação.

¹⁶ CL significa Companheiro Leão.



Ainda de acordo com a mesma fonte, num primeiro momento, o clube de serviço conseguiu ajudar a estabilizar as contas do Abrigo, mas o equilíbrio alcançado sustentava-se “na caridade do povo ilheense que não só contribuía, pagando mensalidades, como doava mantimentos e objetos de uso pessoal aos abrigados”. Entretanto, este se constituía em um suporte demasiadamente frágil para manter o estabelecimento. Era preciso pensar em algo mais firme, mais sólido, mais confiável. Foi daí que veio a idéia de se aproveitar a área existente no fundo do prédio do Abrigo para ali construir um hotel, uma pousada, destinada a hospedar pessoas de posses para gerar renda para a manutenção permanente do abrigo São Vicente de Paulo.

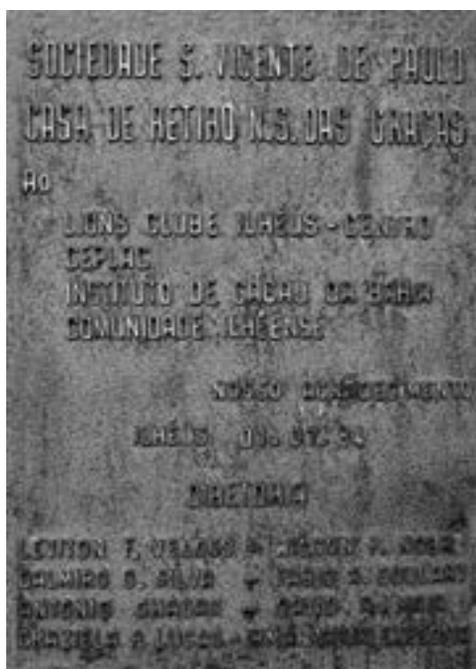
De acordo com a revista¹⁷, editada em comemoração aos 50 anos do Lions Clube de Ilhéus, a Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças “foi construída a partir de um sonho de um dos homens que mais dignificou o leonismo na cidade de Ilhéus, Léviton Franco Veloso, que presidia a Sociedade São Vicente de Paulo, entidade mantenedora do abrigo”. Como o Lions Clube tivesse um importante papel de liderança e prestígio no seio da sociedade ilheense, pela seriedade e pelo espírito solidário do trabalho realizado, a diretoria da época, com apoio de seus mem-

¹⁷ Texto retirado da Revista Lions Ilhéus – 50 anos.

bros, resolveu abraçar mais essa causa e realizar a campanha de construção, contando com os esforços e a cooperação de outras organizações.

Assim é que um grupo de “leões” assumiu a direção da Sociedade São Vicente de Paulo, com o propósito de construir uma Casa de Retiro capaz de gerar recursos para a manutenção do abrigo, através do uso de sua estrutura hoteleira, hospedando idosos com boa situação financeira. A diretoria da época era composta pelas seguintes pessoas: Leviton Veloso, Wilson Nobre, Fábio Goulart, Davi Maia, Antonio Chagas, Dalmiro Silva, Agnaldo Tavares de Oliveira, e José Negrão Pereira.

O Lions foi em busca de recursos na Ceplac, através do então secretário-geral José Haroldo Castro Vieira, no Instituto de Cacao da Bahia, na pessoa do presidente José Alves dos Santos, e da comunidade.



O projeto foi elaborado pelo arquiteto Luis Osório de Carvalho, coincidentemente filho de Osório de Carvalho, construtor dos pavilhões do Abrigo, e neto do coronel Virgílio Amorim, vicentino desde os primeiros tempos; constava de 34 apartamentos duplos, dispostos em círculo, com ampla recepção, capela, salão de refeição, jardim central, cozinha industrial, e uma semi-clausura, onde habitam as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição que prestam serviço ao abrigo de Ilhéus, desde 1955. O Mestre de Obras que atuou em sua construção foi o dedicado Mestre Braulino. Na época, foi considerada a segunda mais importante obra leonística do Brasil.

A diretoria do Lions pretendia inaugurar a obra em 1981, por ocasião dos festejos do centenário da cidade de Ilhéus, mas não foi possível atingir este objetivo por causa das dificuldades financeiras. A inauguração ocorreu no dia 1º de julho de 1984. Nos primeiros meses de funcionamento, o Lions Clube teve grandes dificuldades para encontrar mão-de-obra especializada para o atendimento aos hóspedes. Este fato preocupou a diretoria com o destino administrativo da Casa de Retiro. Percebendo que esta atividade não cabia mais à direção do clube, esta resolveu entregar a gerência da Casa de Retiro ao bispo da Diocese de Ilhéus, D. Valfredo Tepe, presidente de honra da Sociedade São Vicente de Paulo. Já que o abrigo era administrado por uma instituição religiosa, nada melhor do que a igreja administrar a Casa de Retiro.

A ex-presidente do Lions Clube Ilhéus Centro, Celeste Chalhoub, afirma na Revista Lions Ilhéus que, “o servir não significa tão somente dádivas materiais, mas se traduz, também, em idéias e apoio a projetos que contribuam com o desenvolvimento social”. Um exemplo disso aconteceu com a construção da Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças, ao lado do Abrigo São Vicente de Paulo, localizado no bairro da Conquista, em Ilhéus. A construção durou oito longos anos, “numa labuta incansável para não deixar parar no caminho” (Dalmiro Silva).

Também em discurso, o CL Wilson Nobre, que fez realizar a obra da Casa de Retiro, juntamente com Leviton Veloso, se refere à mesma com muita satisfação pela certeza do dever social cumprido.

Por ocasião do falecimento de Leviton Veloso, o CL Prisco Teixeira ocupou a tribuna do clube para louvar o companheiro que partiu, sem deixar de fazer referência à sua maior obra; a iniciativa de, junto com os companheiros e amigos, tomar para si a construção da Casa de Retiro para manutenção do Abrigo São Vicente de Paulo.

O Sr. Wilson Nobre relembra, em entrevista a nós concedida, que foi de fundamental importância, para as finanças do Abrigo, a ação do CL Davi Maia para conseguir do INSS a aposentadoria dos idosos.

Após a conclusão deste tópico do trabalho, achamos por bem convocar o Sr. Wilson Nobre para mais uma conversa que complementasse as informações já fornecidas. Sobre a importância da participação da Ceplac na construção da Casa de Retiro, o entrevistado afirmou que “não fosse a Ceplac não existiria a Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças”. Para entender esta participação, é bom dizer que este órgão participou, com dinheiro, em grande parte, de tudo o que foi construído na região. Naquela época, a Ceplac, que era um órgão mantido com verba gerada pela retenção de 15% de todo o cacau comercializado, tinha seu próprio orçamento e independência financeira. Com este dinheiro foi construída a Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna – Fespi, hoje transformada em Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Foram abertas estradas vicinais, construídas escolas e todas as instituições que solicitassem verbas, que justificassem a saída do dinheiro, como creches, no caso o abrigo, qualquer uma, se tivesse seriedade, era contemplada com a verba solicitada. Esta política possibilitou a organização de assistência social, de saúde, de educação e de cultura.

Ao Secretário Geral da Ceplac, à época, o Sr. José Haroldo Castro Vieira, o entrevistado Wilson Nobre teceu os maiores elogios. Diz ele: “José Haroldo foi uma pessoa maravilhosa que sempre nos recebeu muito bem”. O Instituto de Cacau da Bahia, dirigido pelo Sr. José Alves dos Santos, também colaborou bastante, mas nada que se comparasse à ajuda da Ceplac.

O projeto foi feito pelo arquiteto Luis Osório Carvalho, como já foi dito, e as reuniões eram realizadas na casa do “leão” Antonio (Tote) Chagas. No projeto, havia uma piscina na Casa de Retiro, pois se pensava na construção de uma pousada. Depois de analisado o projeto, a piscina foi retirada para evitar custos adicionais, mas o restante foi aprovado na íntegra. E, enquanto o dinheiro da Ceplac era administrado na região, nunca faltou verba para a construção da Casa de Retiro. De acordo com o depoimento do Sr. João Tavares, “leão” que fazia parte da diretoria do Lions à época, uma pessoa fundamental na liberação de verbas da Ceplac, para a construção da Casa de Retiro foi o Sr. Onaldo Xavier de Oliveira, que era o representante dos produtores no Conselho Deliberativo da Ceplac. Ele colocava na pauta dos pedidos da Ceplac o que deveria ser aplicado nos órgãos beneficiados, conversava com o Secretário Geral, José Haroldo de Castro Vieira, que liberava o dinheiro necessário, pois tinha toda boa vontade em atender instituições sérias de toda a região.

Posteriormente, o Ministério da Agricultura passou a administrar o dinheiro da Ceplac e aí as coisas começaram a ficar mais difíceis. As verbas passaram a ser repassadas pela Secretaria de Trabalho e Ação Social do Estado da Bahia – SETRABES; foi então que começaram as dificuldades para concluir a obra. O presidente da Sociedade São Vicente, Sr. Leviton Veloso, passou a peregrinar pelas repartições públicas de Salvador, e a obra, que tinha inauguração prevista para o ano de 1981, só foi inaugurada em 1984, assim mesmo, com a ajuda de D. Tepe, bispo diocesano, com verbas vindas do exterior.

Quando os 34 apartamentos já estavam prontos, o presidente Leviton Veloso se reuniu com seus pares, buscando resolver os problemas, que não eram pequenos. Entre os anos de 1982 e 1984, grandes mudanças ocorreram na economia local. A superiora da ordem das Irmãs Hospitaleiras, que cuidavam da administração do Abrigo, não aceitou a responsabilidade de concluir a obra, pois não era esta “a sua missão”. Foi então que a diretoria da Sociedade resolveu que deveriam transferir a responsabilidade para o bispo diocesano, que aceitou a incumbência sem pestanejar.

Com dinheiro vindo do exterior eles conseguiram: aparelhar a casa para que entrasse em funcionamento, a construção da capela, além de outras obras.

Nesta época foi feita a reforma dos estatutos da sociedade, onde foi colocado que o presidente do Conselho seria, sempre, o Bispo Diocesano, para evitar interferência política. Quando a diretoria, cujo presidente era o Sr. Léviton, deixou o cargo, quem a ocupou foi o Sr. Raimundo Pacheco Sá Barreto, pessoa muito ligada ao bispo e à igreja.

Vale lembrar de pessoas que sempre se preocuparam com a manutenção dos velhos do abrigo, como é o caso do Sr. Albino Pereira, que chegava com o caminhão e jogava mantimentos para o outro lado do muro, sem sequer aparecer. É comum as pessoas enviarem mantimentos e objetos de uso pessoal, sem dizer o nome, para permanecerem incógnitas. O espírito vicentino continua presente no Abrigo São Vicente de Paulo de Ilhéus.

Não podemos esquecer a abnegação da senhora Graziela Lucas que, juntamente com sua filha, Leolinda (Lindinha) Lucas, se empenharam ao máximo para colaborar com o Abrigo São Vicente, à época da gestão de Léviton Veloso e com a construção da Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças.

CAPÍTULO 4

AS LEMBRANÇAS

Feliz é quem foi jovem em sua juventude e sábio em sua velhice (autor desconhecido).

4.1. PESSOAS DA COMUNIDADE

1. Maria José e Paulo Veloso¹⁸

Quando se falou, em reunião, das pessoas que poderiam ser entrevistadas para falar sobre os benfeitores do Abrigo, um nome se sobressaiu, o do Sr. Léviton Veloso, antigo presidente e, reconhecidamente, grande benemérito do Abrigo São Vicente de Paulo de Ilhéus. O senhor Léviton faleceu em 1997, por isso foram procurados sua esposa, Maria José Veloso que, por sua vez, convocou seu filho Paulo Veloso para colaborar em seu depoimento.

Na entrevista, pode-se perceber um brilho intenso em seus olhares, e muito amor, ao falar do Abrigo e do trabalho do Sr. Léviton. A entrevista foi realizada como um simples bate-papo, onde eles falaram livremente, o que suas memórias lembravam.

A Sra. Maria José afirmou que, desde quando vieram para Ilhéus, no início dos anos sessenta, seu marido entendeu que era “uma obrigação do cidadão melhor aquinhoado, olhar por aqueles menos favorecidos”; e nada melhor do que se preocupar com

¹⁸ Depoimento dado em 16 de maio de 2007.

o idoso, aquele que já deu tanto à sociedade.

As maiores ações realizadas pelo Sr. Léviton, em relação ao abrigo São Vicente, ocorreram quando ele fazia parte do Lions Clube de Ilhéus, e o que realizou foi uma ação conjunta, do clube; as esposas “dos leões” foram as primeiras a atuar nas portas dos supermercados da cidade, pedindo a cada pessoa que fazia compras, um quilo de alimento, pois a instituição sempre viveu da caridade da população ilheense.

Paulo, um jovem senhor, agricultor, como o pai, lembra que, quando ficou rapaz, o pai começou a colocá-lo para prestar serviços ao Abrigo; que seu pai utilizava o caminhão que possuía para os serviços de sua fazenda de cacau, para diminuir os custos das obras realizadas no Abrigo, como, também, trazia da fazenda areia e pedra. Muitas vezes mandou buscar material de construção fora do município para diminuir o custo da obra para o Abrigo, como também determinou que seu caminhão fosse buscar madeira em municípios do Extremo Sul do estado, época em que estava sendo realizado amplo desmatamento e muitas madeiras se instalaram na região. As esquadrias utilizadas na construção da Casa de Retiro, por exemplo, vieram de lá. “Na época da construção ele procurava administrar aquilo com o menor custo possível, procurava disputar preço para beneficiar o Abrigo, que não tinha recursos”, diz Paulo.

Diz, também, que seus irmãos menores, muitas vezes, cobravam as ausências paternas em casa, pois o mesmo não media esforços em se reunir com seus pares para resolver os problemas do Abrigo São Vicente.

Muitos nomes foram lembrados por Paulo Veloso e sua mãe, no que se refere à construção do anexo denominado Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças, cuja finalidade maior foi dar certa autonomia à instituição para que, assim, ela não dependesse somente da caridade das pessoas. Entre os nomes citados, com temor de estar esquecendo alguns, Paulo lembrou de muitos “le-

ões” que atuaram com toda dedicação na construção da Casa de Retiro. Dentre eles, citou os senhores Fábio Goulart, Antonio Chagas, Davi Maia, já falecidos, Anúcio Lima, Dalmiro Silva e Wilson Nobre, que também foi entrevistado.

A senhora Maria José lembra que, àquela época, o Abrigo era um local muito simples, humilde até; e a igreja era pequena, em nada se parecendo com o que existe hoje. O Sr. Léviton foi se aproximando aos poucos, tentando ajudar as irmãs por quem tinha grande apreço. Quando vinha da fazenda trazia frutas e outros produtos da terra para ajudar na alimentação dos idosos.

Diz, também, que seu marido “procurava ajuda do governo do Estado, e ficava horas esperando para ser atendido”, que ele costumava largar seus afazeres para buscar as coisas do abrigo, e que, muitas vezes passava vários dias sentado numa cadeira “esperando a boa vontade deles” somente para tentar a liberação de verbas da Secretaria de Bem Estar Social do Estado. Chegava em casa exausto, afirmando que “só pelo Abrigo faria aquilo”.

Os entrevistados afirmaram também que, por conta da sua estreita relação com padres e freiras, o Sr. Léviton “tinha uma ligação muito grande com a Casa de Retiro São Francisco”, de Salvador. Que quando os meninos eram pequenos, era freqüente eles irem passear por lá, ficando hospedados na casa.

O Sr. Léviton Veloso foi amigo do bispo diocesano, D. Valfredo Tepe, por quem tinha grande admiração e não fazia nada de mais importante no Abrigo, sem consultá-lo. “D. Tepe foi um esteio e tudo ele consultava D. Tepe”, diz Maria José. Segundo Paulo, “ele procurava trazer D. Tepe para o Abrigo, por ser o bispo, a autoridade maior da igreja”. Para o então presidente da Associação São Vicente de Paulo, o bispo era um conselheiro e ele queria que o mesmo o orientasse sobre como deveria funcionar a Casa de Retiro depois que terminasse a construção, “como pousada, como hotel, local para retiros e encontros”, laicos ou religiosos.

Ainda de acordo com os entrevistados, “tudo que ele fez pelo abrigo, como para outras entidades, ele queria anonimato e pedia muito isso”. O presidente achava que era obrigação de cada um, “não queria homenagens, placas. Em vida não aceitava de forma alguma, era uma exigência dele, enquanto estava vivo. Não queria holofote”.

No final da entrevista, diante do rumo que a conversa tomou, nos lembramos de que, certa feita, necessitamos trazer uma pessoa do Rio, que tinha sido doméstica na casa de minha mãe, Maria José, a quem carinhosamente chamávamos de “Vovó Preta”, também conhecida como “Dudé”. Ela não tinha para onde ir, não tinha parentes, e foi através de Cremilda Figueiredo, nossa tia, que intercedeu junto a Léviton Veloso, que ela foi trazida do Rio e viveu seus últimos anos no Abrigo São Vicente de Paulo, tendo sido muito bem tratada. “Dudé” pôde terminar seus dias com dignidade. Nesta ocasião pudemos criar fortes laços com Irmã Jerônima, que sempre ligava solicitando alguma coisa, como margarina e outros alimentos para atender às necessidades dos velhinhos.

2. Regina Lino Vieira¹⁹

Essa disciplina que a gente está ministrando (Saúde Coletiva) é o momento da prática; eles já tiveram a parte teórica em sala de aula, aqui a gente se utiliza desse campo de prática para que os alunos possam compreender melhor como é que vivem os idosos asilados em abrigos ou albergues; aqui, em abrigo. O objetivo dessa prática é que eles conheçam, compreendam que algumas

¹⁹ Enfermeira, professora de Enfermagem da Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC, que leva seus alunos para fazerem estágio no Abrigo. Entrevista em 22.05.2007.

afecções que esses idosos trazem, alguns transtornos, é por eles morarem em um local que não é a residência deles. De fato, passa a ser, a partir de um determinado momento, essa residência, esse lar, mas é um lar coletivo. Não é um lar individual, onde ele construiu aquela família. É um lar aconteceu pelas consequências da própria vida deles. Então a gente procura, como na realidade, isso às vezes afeta, de alguma forma, a auto-estima, eles se deprimem muito, por se sentirem abandonados, ou distantes da família de origem; para eles poderem trabalhar exatamente isto. Levantar, melhorar essa auto-estima desses idosos e interagir com eles na questão da socialização. Para se socializarem melhor, verem que são capazes de também se distrair, ter uma alegria, aquele momento de lazer e de divertimento, não só a tristeza de estar em num local onde eles talvez não gostariam de estar, mas, com os familiares de fato. É a forma de vida deles. Para eles sentirem a realidade É só para a gente compreender, porque a gente não pode questionar e nem querer dar um outro rumo à questão. É preciso fazer com que eles sejam felizes aqui, no local onde estão vivendo.

3. Ana Flávia Paraíso²⁰

O trabalho que nós realizamos aqui, dentro da enfermagem, de acordo com as perspectivas atuais, funciona como estar fazendo a reiteração do ser de forma holística, do idoso, nesse caso. Porque tanto da parte fisiológica, que compreende o envelhecer, que faz parte desse processo de envelhecimento, tem a questão de um ser humano desintegrado por conta desses processos que são somatizados. Ele abandona seu lar, ele abandona seus vínculos familiares, para viver num lugar que não é o seu, num ambiente

²⁰ Estudante de enfermagem da FTC, em aula de estágio no Abrigo. Depoimento dado em 22.05.2007.

que não é o seu. Há uma desintegração, além de física, de toda essa parte somatizada. Histórias de vida diferentes trouxeram estas pessoas para aqui, o que torna esse envelhecer muito mais problemático.

Na verdade nosso trabalho aqui também está voltado para o cuidar da saúde de forma geral, re-introduzindo esse indivíduo para ele buscar novamente, de certa forma, se reconstruir, voltar a descobrir o que ele é mesmo, de fato; esta cisão que acontece do seu eu, tanto por conta do processo do envelhecimento, onde você se desfigura, você não se reconhece mais, também pelo fato de você não se reconhecer nem no seu próprio ambiente. Essa busca que se faz, é de reintegrar socialmente o idoso e trabalhar os seus potenciais intelectuais, sem infantilizar o idoso, nem trazer o estigma de estar cuidando como se fosse uma criança ou um bebê, mantendo sua dignidade, buscando sua reintegração; isto didaticamente é fantástico, porque você consegue visualizar, na prática, a saúde unindo o físico e o psicológico.

4. Maria Albertina Pacheco²¹

Em Ilhéus, o pessoal mais antigo não tinha esse gosto por preservar as coisas. Eu tiro pela casa de minha tia. Quando nós chegamos, ela tinha mudado a sala de jantar toda, da mobília antiga só tinha a mesa grande e a sala de visita que tinha essa mobília, duas mobílias iguais e um quarto que chamavam “a alcova”. Era para receber as pessoas, não sei o que fizeram daquela mobília antiga; o resto tudo era moderno. E acabaram com a casa que era de meu avô. Era a única casa que tinha janelas nos corredores, do

²¹ Depoimento dado em 12.06.2007.

lado de fora. As casas daquela rua são estreitas. Eu acho que era a rua mais importante de Ilhéus, a Conselheiro Saraiva (hoje Antonio Lavigne de Lemos). Agora é que estão dando importância às coisas antigas. As gerações mais novas.

A Casa do Mendigo ficava nas imediações de onde está a Maçonaria da Avenida Itabuna, do outro lado da rua; o terreno pertencia à fazenda Boa Vista, meu pai doou o terreno. Também pertenciam à fazenda, os terrenos da Tapera. Até onde é Julio Baganá era Boa Vista. Meu pai deu muitos terrenos, porque papai achava que tinha muita terra e doou muitos terrenos. A maioria dos terrenos foram doados. Ele deu o terreno para o Clube Social. Nós nem sabíamos, foi Seu Watson (Negreiros), quando foi presidente, que descobriu e fez uma festa em homenagem a meu pai. Mamãe certamente sabia, porque ela deve ter assinado. Ele não tinha apego às coisas, era outra época, outra mentalidade. Esses morros todos têm doações. O Convento foi José das Neves que doou o terreno. Os terrenos da Boa Vista emendavam com o do Convento, entrava metade da rua da Jaqueira. Os morros eram presos (não havia rua entre eles). O terreno da Maternidade Santa Isabel foi meu pai que doou.

Dr. Eusínio, pra mim, foi o melhor prefeito que Ilhéus já teve, a cidade é ingrata com ele. Lembram muito pouco dele, eu acho. Eu não me esqueço do dia que ele veio pedir a papai para fazer o corte para ligar a avenida Canavieiras com a avenida Itabuna. A mesa era solta e não podia apoiar, quando ele sentou para almoçar e botou o cotovelo, os pratos subiram, mas ele nem ligou... (risos). Era muito desligado.

Lembro do abrigo em 1937, quando aquela turma que fundou a Sociedade São Vicente, conseguiu que o prefeito construísse a sede do Abrigo.

A Associação das Senhoras de Caridade foi fundada por causa da Sociedade São Vicente. Foi Lisete Amorim junto com mamãe. E mamãe trabalhava muito em obras sociais, lá em Avaré,

onde ela morava. Nós viemos pra cá em trinta, eu tinha sete anos. A Boa Vista foi herança de meu avô; o advogado dele foi o Coronel Pessoa. Minha tia (Iná) queria que ficasse tudo junto. Mas o Coronel Pessoa disse: “- Pacheco, de forma alguma! Você tem filho, ela tem filho, não”.

Meu avô, José Gomes do Amaral Pacheco, tinha feito um testamento deixando a terça parte para os netos e o resto para dividir entre os dois filhos. E então, meu pai disse: Iná, escolhe o que quer - a casa ou a Boa Vista. Como não tinha valor a terra... Ela escolheu a casa e ele ficou com a Boa Vista.

Também a Cidade Nova era nossa. Aí foi repartido entre os dois e os netos de meu avô. Tanto que a Boa Vista, como Marici não era nascida, ela não entra. Somos nós e os meninos de Melinha.

Eu pensava que São Vicente tivesse sido fundada nessa época. Eu não sabia que era mais antiga, que era de 1916. Era um trabalho assim, que eles faziam, davam assistência à cadeia e aos mendigos. Tanto que as Senhoras de Caridade seguiram esse exemplo deles, faziam Páscoa, Natal na cadeia, faziam visitas.

Houve um período que o trabalho diminuiu, mas não chegou a ter uma paralisação do trabalho, porque teve uma pessoa, que chamavam de Ioiô dos Pobres, não lembro o nome dele, que ajudou na manutenção da São Vicente, para o trabalho não parar. Eles faziam um trabalho muito bonito.

(“Tia Berta” foi professora de Educação Infantil, de muitas gerações de homens e mulheres desta cidade, de pessoas que já são avós. Está próxima de completar 85 anos, lúcida e atuante. Mora sozinha na casa da antiga fazenda Boa Vista e se orgulha e agradece a Deus, por lhe permitir que ainda possa fazer, diariamente, seu próprio café e de ajudar os sobrinhos, cuidando dos seus filhos, seus sobrinhos-netos).

5. Maria Amélia dos Santos Farias – idealizadora e coordena-

dora do Projeto e Curso para Cuidadores de Idosos.²²

Em 2001, a enfermeira e professora da Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC, Sr^a Maria Amélia dos Santos Farias, veio se juntar ao grupo de colaboradores voluntários do Abrigo São Vicente de Paulo de Ilhéus, com o objetivo de retribuir à sociedade ilheense todo o carinho, apoio e respeito que ela recebeu ao longo da sua vida profissional.

Chegando ao Abrigo, reestruturou o serviço de Enfermagem, em consonância com a administração e em atenção às determinações e diretrizes do Conselho de enfermagem e a Política Nacional do Idoso. O quadro de Recursos Humanos foi aumentado com aquisição de Técnicos de Enfermagem e Cuidadores de Idosos.

Os atuais atendentes de enfermagem foram incentivados a se profissionalizar como auxiliares de enfermagem; para isto, suas escalas de trabalhos foram adequadas para atender às necessidades do curso e da instituição.

Para atender às necessidades da Instituição, foi planejado e coordenado pela depoente, o Primeiro Curso de Higienização do Abrigo São Vicente de Paulo de Ilhéus, ministrado pela Enfermeira Estela Sodré, atendendo a um pedido da colega e amiga enfermeira Maria Amélia.

Vale salientar a participação de 100% dos funcionários, independente da sua função na instituição; também compareceram outros colaboradores. Neste curso foi discutida toda a Normatização do Ministério da Saúde sobre a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar, com apresentação de técnicas de higienização e limpeza.

A partir de 2002, comemora-se todos os anos, a Semana da Enfermagem, de 12 a 20 de maio. Nessa semana, sob a coordenação da voluntária, são promovidas palestras, com assuntos perti-

²² Depoimento concedido em 19.07.2007, por internet.

nentes à Gerontologia e à Geriatria, além de temas relacionados aos direitos e deveres dos funcionários, sempre com a temática do Cuidar Humanizado. Vale salientar que há a participação dos idosos durante esta semana, com homenagens e momentos especiais e emocionantes, realizados por um grupo da enfermagem.

Com a aquisição de novos funcionários, entre eles, Auxiliares, Técnicos de Enfermagem e Cuidadores de Idosos, sentiu-se a necessidade de capacitação deste pessoal, e com o apoio total e irrestrito da diretoria do SSVP, na pessoa da Ir. Raimunda e do presidente, Antonio Carlos do Espírito Santo, sob a Coordenação da Enfermeira Dr^a Maria Amélia dos Santos Farias, aconteceu o 1º Curso de Cuidadores de Idosos do SSVP de Ilhéus, entre os dias 22 de julho e 27 de agosto de 2005.

O Curso teve como objetivo capacitar os Recursos Humanos da Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus para o cuidar humanizado, tendo como clientela, funcionários e colaboradores da instituição, além de funcionários do Núcleo de Atenção Especializada (NAE), perfazendo um total de 45 participantes.

O curso foi ministrado por profissionais convidados, por amigos dos idosos e da coordenação, sendo estes profissionais, enfermeiras, fisioterapeutas, assistentes sociais, nutricionistas, professores da UESC e FTC, além da coordenadora e do presidente da Casa.

Os temas ministrados versaram sobre diversos assuntos, dentre eles o cuidar especializado e humanizado ao idoso, mudanças estruturais e funcionais do envelhecimento, importância do lazer, mobilização e fisioterapia do idoso e sua sexualidade. Foi dado destaque especial para os *Is geriátricos*²³, além da Política Nacional do Idoso, bioética e envelhecimento com uma abordagem sobre violência a maus tratos ao idoso. Também foi tema do

²³ **Is geriátricos** são síndromes que acometem o idoso, tais como incontinência urinária e insuficiência cardíaca ou respiratória, dentre outros.

curso, o cuidado com o Cuidador.

A participação foi de 100% de todos os inscritos, com emissão de certificado de frequência.

Mensagem da enfermeira Maria Amélia: “nessa oportunidade agradeço à SSVF de Ilhéus, à sua direção, ao presidente e a todos os idosos, a oportunidade de poder, com este trabalho, contribuir para substituir o abandono pelo aconchego, carinho, e ajudar o idoso que aqui reside a resgatar sua dignidade e cidadania”.

6. João Tavares²⁴

A idéia principal do Lions, na época, era que se fizesse uma casa, uma dependência no abrigo, com a finalidade de alojar pessoas idosas com recursos, para que o abrigo ficasse independente. Com recursos da Casa de Retiro, a instituição poderia manter o abrigo antigo. Foi contratado o arquiteto Luis Osório Amorim de Carvalho para fazer o projeto.

Naquela época a Ceplac tinha muito dinheiro e utilizava-o na região. Investiu no Cemitério e Fórum de Itabuna, na Rodoviária, no Hospital Manuel Novais e em muitos outros lugares, por intermédio de Onaldo Xavier de Oliveira, que era o representante dos produtores no Conselho Deliberativo da Ceplac, e colocava na pauta dos pedidos da Ceplac o que deveria ser aplicado nos órgãos beneficiados. Quem descobriu esta possibilidade, a de conseguir verbas da Ceplac e aplicar bem, foi Calixto Midlej Filho, provedor da Santa Casa de Misericórdia de Itabuna.

Em Ilhéus também veio dinheiro para os hospitais, Santa Isabel e São José, como também para o Abrigo São Vicente. Onaldo

²⁴ Depoimento dado em 21.08.2007.

Xavier levava as solicitações para José Haroldo Castro Vieira que, juntamente, com o Conselho, determinava a liberação das verbas necessárias, que eram fiscalizadas por agrônomos da Ceplac. Eles vinham ver se as obras estavam sendo realizadas, olhavam as notas fiscais. Normalmente estava tudo correto e eles liberavam novas verbas. Esta obra enorme da Casa de Retiro nunca teria sido feita, se não fosse com o dinheiro da Ceplac.

O depoente presta, então, uma homenagem ao Secretário Geral da Ceplac, Sr. José Haroldo Castro Vieira que, honestamente, geriu o dinheiro da instituição, canalizando parte das verbas oriundas da retenção da venda de todo o cacau produzido para ações sociais, hospitais, escolas, estradas e pontes, servindo a toda a população.

4.2. MORADORES DO ABRIGO

Quando se passa dos sessenta, são poucas as coisas que nos parecem absurdas (autor desconhecido).

1. “Seu” Paulino²⁵

Em um determinado momento do desenrolar da escrita do livro sobre os 90 anos da Associação São Vicente de Paulo de Ilhéus, houve um consenso sobre a necessidade de se fazer entrevistas com os idosos, moradores do Abrigo, pois, afinal, são eles o motivo da existência do mesmo. É à fala deles que deve ser dada ênfase. Foi então que Mônica Mendonça, secretária da instituição, foi acionada para direcionar a entrevistadora para os possíveis entrevistados. Das entrevistas foram transcritos depoimentos.

²⁵ Depoimento dado em 09.05.2007.

O primeiro deles foi um senhor de 89 anos, seu Paulino, que reside no Abrigo desde 2001. É um senhor simpático, muito falante, que nos recebeu da melhor maneira possível. A forma de entrevista foi livre, deixando que ele falasse o que sua memória lembrasse. Apenas algumas perguntas foram colocadas, como vetor de direcionamento.

Seguindo a linha de Ecléa Bosi, em Lembranças de Velhos, vai-se transformar em texto, o depoimento do Sr. Paulino.

Eu não sou daqui, sou de lá, da comarca de Santo Antonio de Jesus, nasci e me criei lá, numa cidadezinha que chama Nova Laje. Vim praqui dar uma trabalhadazinha, porque lá é um lugar bom, mas é fraco. A primeira vez que eu vim pra aqui... Aqui é um lugar rico, como diz o povo, era cacau, era cacau... (risos).

Eu vim mais umas oito pessoas. Entramos numa fazenda, lá, perto de Ubaitaba. Oito... Viemos na canela, porque não tinha transporte. Isso foi em 38, eu estava com 19 anos. Viemos tudo na canela, dormindo aí por algum lugar...

Até que chegou aí no Rio de Contas, em Ubaitaba. Saltamos pro lado de cá. Isso foi em 38, eu estava com 19 anos de idade. Saltamos pro lado de cá e ingressamos numa fazenda. Fui trabalhar lá dois anos. Pedi minha conta. Quando veio o pagamento dos que estavam pedindo a conta, veio pra quem pediu e pra quem não pediu. Era o tempo de paradeiro.

Saí, dei uma trabalhadinha numa fazenda, uns cinco dias e disse, aqui não dá não. Eu tava com dois anos na fazenda que eu trabalhava. Entrei em outra fazenda, tudo lá no Catolé. Passei um mês. O velho não queria que eu sáisse, trabalhei um mês. Depois ingressei em outra fazendinha e trabalhei dois anos. Tudo lá no Catolé, perto de Santa Cruz. Quando saí fui pra casa.

Lá que fica na divisão de Valença. Valença, Laje, Mutuípe. Lá eu fiquei... peguei a trabalhar... Meu pai era laborioso, trabalhava em roça; fiquei trabalhando com ele. Vim em 38 e fui em 42. Passei quatro anos.

Quando foi no 50, eu comecei a vir outra vez. Vim a primeira vez a pé, porque não tinha transporte. Quando fui, fui a pé. Não existia carro, não existia nada. Voltei a pé. Não tinha transporte. Saía daqui, ia para Ubaitaba, passava na Faisqueira, lá vai, lá vai, ia sair em Valença. E aí, ia pro lado da mata.

Vim em 50. Foi uma temporada difícil, que foi um paradeiro. Foram três verão. Aí eu não conto os trabalhos que trabalhei. Qualquer trabalho que me jogasse eu trabalhava, o trabalho que encontrava, eu fazia. Trabalhava em cacau. Roçando, colhendo... secar cacau, eu sequei, o trabalho que encontrasse, eu pegava. Da primeira vez passei quatro anos. Fui pra lá, passei... parece que dez anos. Quando eu vim, nos primeiros de 50, trabalhei aqui até 56. Depois eu voltei pra casa.

Cheguei lá, peguei a trabalhar. Plantar mandioca, fumo, cereais, apanhando um cafezinho... Lá no meu pessoal, 56 pra 57.

Trabalhei, trabalhei, trabalhei, depois vim. Sim... Eu tinha sido casado.

Questionado sobre se tem filhos, respondeu que tem seis, três mulheres e três homens. “Dois trabalha aqui, mora no Igua-pe. Tenho uma filha no Teotônio Vilela, tenho um filho em Salvador, tenho uma filha em São Paulo e tenho uma filha que mora em Colônia de Una, casada com um seringueiro do serviço da borracha”.

Resultado, meus filhos já criados, eu fiquei lá, eu gostava de trabalhar a roça. Foi aí que adoeci. Fazia consulta com um médico, outro. Nunca descobria.

Resolvi mudar, fui pra Ubaíra. Doía o pé, doía o osso e dava câimbra. O médico disse que era circulação. Me deu remédio, mas aí já estava sentindo a vista. Deixei tudo e fui cuidar da vista, já tinha uma perdida. Já tinha uma perdida. Só enxergo com uma vista, com uma lente que foi botada aqui. No Hospital Santa Luzia, em Salvador, fiz a cirurgia da vista. Mas aí, voltei e continuei a trabalhar. Mas, enxergando pouco. Na vista, senti uma dor

muito forte. Aí melhorou e quando melhorou a gente pensa que sarou. O problema é este.

Continuei a trabalhar, perdia a noite, torrava farinha, secava café no jirau, eu não parava. Como piorei, parei de torrar farinha, de secar café no jirau.

Fui ficando ruim, quando tudo piorou, vim pra aqui, que meus filhos moravam aqui. Cheguei aqui já com a receita de amputar a perna. Quando amputou a perna, não demorou de sarar. Eu sentia dor de cair de riba da cama. Depois da cirurgia melhorou mais da dor. A perna sarou e foi então que fui pra Colônia de Una, pra casa da filha, andando de muleta e vinha aqui pra fazer revisão. Passei dois anos lá. Depois, adoeci da outra vista. Usava colírio, mas fiquei sem enxergar, porque não tinha o colírio sempre.

Fiquei sem enxergar. Só via o vulto. A pessoa chegava assim, eu só via o vulto. Não decifrava. Não conheço leitura, que não tenho escola. Aí, quando fiquei sem enxergar, me apeguei com o Criador, pra ver tudo, a floresta, tudo. Quando nada, ver um número, olhar pra pessoa, conhecer a pessoa.

Quando estava pra me levar, veio um mutirão. Aí me levaram para o mutirão. Ainda escutei (o médico dizer) assim “É... se tiver no meu alcance”. (O olho) ficou tapado, eu andava por aqui, ia ao sanitário. Quando tirou... Limpou mais, peguei a enxergar tudo mais desenvolvido.

Na clínica passaram um colírio que tinha que usar três vezes. Tinha que usar o colírio três vezes ao dia, mas usava assim como dava, uma vez, outro dia, três vezes...

Eu uso água boricada que eu peguei pelo rádio, quando estava em casa, na Rádio Sociedade, que pode usar. Eu já tinha que era para lavar a perna, aí passei a usar no olho.

Ao ser indagado se gosta do Abrigo, sua resposta foi nostálgica.

“Que jeito... eu vim praqui porque não posso trabalhar; foi para desempatar meus filhos. E eu digo sempre que, com a marginalidade que está aí, o melhor lugar é ficar aqui. Se eu soffro é

porque converso até demais”...

Seu Paulino está com 89 anos. De tudo, o que ele mais sente é não poder continuar trabalhando.

2. D. Maria²⁶

Tem seis anos que estou no Abrigo, desde 2001. Tenho 65 anos. Contar a vida propriamente, a gente quase não pode contar, porque no meu caso é muita coisa.

Nasci em Ilhéus, vivi em Coaraci, Itapitanga, é uma história muito longa, fiquei viúva em 1996. Tive uma vida a dois, mas não casada. Depois, me casei em 96 com um senhor viúvo, daqui de Ilhéus mesmo. Fui uma pessoa muito sofrida, criada pelas casas. Trabalhei muito de doméstica, tive também algumas coisas, depois tudo caiu.

Depois da morte de meu marido tive a decisão de vir para o abrigo. Nunca tive filhos, já ajudei a criar umas crianças, quando tive uma certa condição, humilde, mas tinha... Ajudei a criar sobrinhos. Mas foi quase um nada e destruí tudo que eu tinha. Entrei numa depressão muito forte, só tenho a Casa São Vicente, onde fui acolhida. Não pretendo sair. Já passei muito problema na vida. Fui muito sofrida, tive casa, tive tudo, trabalhei muito de doméstica. Não tenho saudade dessas coisas, que tudo já passou. A casa me acolheu muito bem, principalmente no tempo da Irmã Jerônima. Irmã Jerônima; quando eu falo nela, eu sinto. Conversava com ela, desabafava. Pretendo ir até o final, não pretendo sair, que já tive oportunidade de sair, mas não quero.

Já passei muito problema na vida, a gente fica desiludida de muita coisa. Agora na idade madura é que estou me encontrando,

²⁶ Depoimento dado em 22.05.2007.

me libertando, fui muito sofrida. Agora me sinto realizada aqui, posso sair, passar o dia fora, a casa me acolheu muito bem. Posso sair, andar e depois voltar.

Quando eu cheguei logo eu fazia atividade assim, cozinhava, lavava. Quando nasci foi na pobreza muito grande, cresci na cozinha. Agora, por causa das minhas mãos, que fiz cirurgia de tendão, estou perdendo as forças. Ajudei um pouco na cozinha, fazia o que precisava. Agora o que faço é olhar um idoso, conversar, ajudar, um banho, dar uma comida na boca.

Questionada sobre as atividades realizadas pela artista plástica Márcia Menezes, perguntamos se ela também participou. Ao que respondeu que chegou a pintar, mas agora está parada. Por causa das mãos.

Por causa desta pequena cirurgia estou parada e também não tenho condições de eu estar comprando tela. Quando melhorar, vou pedir a algumas pessoas uma tela ou duas para eu poder pintar. O que entendo mais é de cozinha, fazer um doce, mas agora estou me dedicando ao abrigo.

Gosto de ler; quando tenho tempo, eu gosto. Meu estudo é pouco, nem completei o segundo ano primário. Mas sei ler e escrever, fazer uma carta, disso eu entendo. Se eu tivesse 35 anos eu ia estudar e me formar.

Fui criada e trabalhava em casa de família. Minha mãe morreu, eu fiquei com quatro anos e sete meses. Meu pai me botou numa casa de família. Muitas coisas a gente tem que passar e não gosta nem de lembrar, a gente fica escravizada.

Quando fiquei moça, saí dessa casa e fui para outra na Soares Lopes. Quando tive o primeiro marido fui para o Rio e saí fugida, por causa de muito maltrato. Quando ele faleceu, eu retornei.

Hoje dou palavras de conforto a muitos que estão aqui, porque muitos não aceitam estar aqui, a gente sente o drama de cada um. Às vezes a família deixa ele aqui e ele não aceita. Tem idoso que conversa comigo, a lágrima descendo.

A gestão de Dr. Antonio foi muito boa, melhor não podia ser. Ele batia nas paredes para ver se estava fofo e botava tudo embaixo; tudo que tem aqui foi tudo feito por ele. Tem que pedir muito a Deus por ele.

3. D. Antonieta²⁷.

Nasci em Faisqueira, abaixo de Ubaitaba, e estou no Abrigo desde 2003, tem quatro anos. Tenho 68 anos. Eu morava na roça. Depois que fiquei viúva, fiquei na roça por muito tempo. A roça fica na estrada que vai pra Itacaré, no meio do caminho, no meio das roças. De lá foi que eu vim praqui. Fiquei viúva, ficou me olhando meu sobrinho, depois ele faleceu. Eu fiquei em Uruçuca. Antes eu ouvia falar no abrigo dos velhos. Mas eu já cansada, a enchente dentro de casa, dava muito trabalho; aí eu disse: agora eu vou pro abrigo dos velhos.

Ao ser perguntada se gosta do abrigo, respondeu:

- Gosto! Eu pensei assim, sem ter uma pessoa, não tenho filhos, viúva, a gente ficar numa casa sozinha, precisando, pedindo, uma coisa, outra... uns têm boa vontade, outros não. Então eu consegui, estou aqui.

A senhora trabalhava na roça?

Trabalhava em roça, modo de dizer, pra mim mesmo. Morava com o marido, a gente morava na roça. Meu serviço, sabe o quê? Fazer quintal, plantar caqueiro, era isso que eu fazia. Meu marido não trabalhava na roça.

No tempo que era de todos os irmãos, ficou uma parte pra ele, negócio de herdeiro, ficou uma parte pra ele; tinha pessoas que colhiam o cacau, dava seco, e ele mais por fora, não era insistente assim na roça trabalhando. Também, ele nunca trabalhou

²⁷ Entrevista realizada em 19.06.2007.

pra ninguém, em fazenda, nada.

Como era a roça naquele tempo?

Tinha dinheiro pouco, mas servia bastante. Mas esse negócio de herança, cada qual pega o seu pedacinho pequeno, sabe como é, cada qual ficou com um pedacinho para ir vivendo.

Aqui eu vivo bem. O que faço aqui é crochê. Ajudo também na cozinha, a secar os pratos. Ajudo em alguma coisa, uma pessoa me pede um copo de água, dar comida na boca de um, é isso que faço aqui. E gosto de fazer crochê.

O abrigo é organizado, tudo limpinho, gosto daqui.

4.3. A ORDEM RELIGIOSA

A ordem religiosa das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição está administrando o Abrigo São Vicente, desde 15 de agosto de 1955. Procuramos saber como se deu a transição, já que quem realizava esta administração eram os vicentinos, mas não encontramos esta passagem; nem em atas, nem através de informação verbal. Após a pesquisa, pudemos compreender que a mudança aconteceu, certamente, porque os vicentinos, pessoas da sociedade que trabalhavam como voluntários, criaram uma obra maior do que poderiam controlar e, assim, solicitaram a presença de uma ordem religiosa.

Sobre a Ordem, realizamos uma entrevista com a Irmã Raimunda Landim Fernandes, atual administradora do Abrigo, que passamos a transcrever²⁸.

A entrevista foi livre e pedimos que ela falasse sobre como veio para o Abrigo, como vê o trabalho e a importância da Ordem para a administração da instituição.

²⁸ Depoimento dado em 19.06.2007.

Palavras da Irmã Raimunda Landim Fernandes

Eu trabalhava no Convento da Sagrada Família, em Salvador, com minhas idosas: lindas lições de vida me ensinaram...

Fui enviada para o Abrigo São Vicente para dar continuidade ao trabalho bonito que a Irmã Jerônima realizava, e que foi transferida para Salvador por motivo de saúde. Vim porque o trabalho do Abrigo São Vicente está de acordo com a nossa preferência pelos pobres; esta missão preferida por Jesus, é também nosso carisma: a opção pelos mais pobres.

Substituir a Irmã Jerônima foi, para mim, um grande desafio, em vista da sua conquista social, sua luta, seus talentos. Acabei abraçando o chamado. Ele nos chama e nos envia para a missão.

Cheguei aqui em setembro de 2004. Na comunidade religiosa, somos quatro irmãs: Virgínia, Erundina, Maria José e eu.

O trabalho, como em toda missão, é grande e questionador, mas a gente não está sozinha. Contamos sempre com as pessoas e a ação do Espírito Santo, que nos orienta e conduz. Nessa ajuda pude ter a felicidade de contar sempre com a compreensão de minhas Irmãs de comunidade, de Dr. Antonio, pessoas enviadas por Deus para dar continuidade a seu projeto... Dr. Antonio fez de sua vida uma linda oferenda, derrubando barreiras para que hoje o Abrigo pudesse mostrar seu rosto bonito.

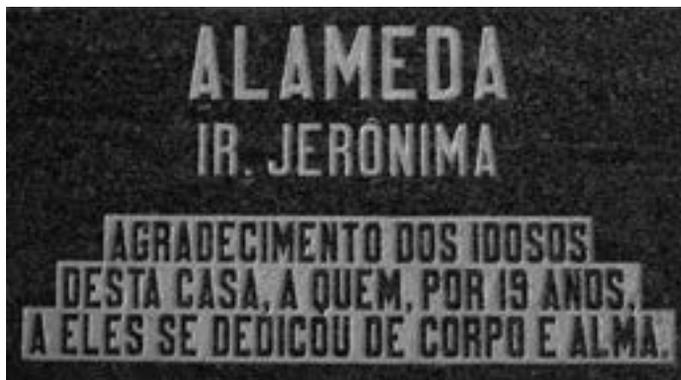
Agradeço à comunidade de Ilhéus pelos gestos concretos e fraternos. Que Deus abençoe a todos!

Irmã Raimunda Landim Fernandes

A Irmã Raimunda Landim veio para Ilhéus substituir Irmã Jerônima, que trabalhou no Abrigo São Vicente por cerca de vinte anos. Hoje ela mora em Salvador. Não seria possível deixá-la sem participar do livro, tamanha foi a importância do seu trabalho para o Abrigo. Pedimos-lhe então, que enviasse uma mensagem

para ser colocada no corpo do trabalho. Abaixo transcrevemos a sua mensagem.

A Maturidade do Presente: seremos o que somos!



O povo de Ilhéus - a quem louvamos pela presença, zelo, carinho e veneração demonstrada aos Idosos e que sempre desperta nas crianças - os homens de amanhã - o mesmo amor e entusiasmo pelos "Vovozinhos e Vovozinhas" que ali residem, é notório nas festas, Semana do Idoso, São João e Natal, a presença das crianças, levando presentes, doces etc., ao lado das Irmandades que ofertam lençóis, cobertores, travesseiros, colchões, peças de vestuário etc, fazendo um Idoso, uma Idosa sorrirem. Parabéns, povo valoroso! Finalmente, deixei para o fim, o ilustre geriatra e Presidente do Abrigo, Dr. Antonio Carlos do Espírito Santo, presença fidelíssima, dedicação ímpar, cruzamento vivo do zelo com a ciência em favor da Terceira Idade.

Muitos idosos não conheceram nem viveram o amor de uma Família constituída; no Abrigo, na pessoa do Dr Espírito Santo - nome que significa "fogo abrasador, impulso caritativo, zelo personalizado, luz de uma causa nobre", eles vivem e sentem o que é o amor e como vivê-lo.

O grande médico geriatra não escolhe nem se furta, quando a necessidade, a dor, ou a doença do idoso batem à sua porta, quer de dia ou de noite. É presença sempre presente, desde o amanhecer até o anoitecer, quando não entra pela noite. Não conhece folga nem feriado. Sua dedicação é sua força! A ele, o Abrigo deve a grande reforma por que acaba de passar. O ambiente está totalmente mudado e os idosos se sentem muito amados. O Abrigo São Vicente é considerado um modelo de todos os congêneres.

Dr. Espírito Santo já se sobressaía em bondade, acolhimento e atenção, e quando o Sr. Roberto Leal completava o 1º triênio de administração do Abrigo, dei meu voto para que a nova diretoria tivesse como presidente o Dr. Espírito Santo e o meu voto teve total acolhimento. Juntos, assumimos a Casa. Foi um tempo de muitas lutas, mas de muita compreensão, ajuda mútua e grande paz.

Agradeço a Deus e peço muito por todos aqueles que olham e ajudam o Abrigo - tesouro muito amado por Deus e pérola do coração de São Vicente - lembrando-lhes que nesta vida, tudo passa e só na eternidade chegaremos a compreender a significação de uma mão aberta e quanto vale a generosidade dispensada a um pobre.

A direção da Casa organizou um modo de vida que, graças a Deus, avança no tempo, sem recuar.

Santa Missa - todos os dias. Novena solene em louvor a S. Vicente, na preparação do Dia do Idoso, quando as manifestações da infância e juventude dos colégios se manifestam com brincadeiras, poesias, cantos, além de presentes, merendas e outras coisas necessárias ao bem-estar do Idoso.

A Sessão solene de abertura e encerramento conta sempre com a presença de nosso Bispo Diocesano, assim como com a presença da Banda de Música. Durante o Novenário, há muitas recreações por parte dos alunos de nossos colégios, associações religiosas, grupos de dança etc.

Contamos sempre com a presença da família ilheense - nota dez, em todos os eventos pela fidelidade e amor às grande causas.

No final, louvo e agradeço a Deus os **vinte anos** que vivi em

Ilhéus, numa convivência bem familiar de ajuda e perfeita harmonia.

Aqui deixo meu afeto e a certeza de minhas orações.

Aos idosos queridos, à família ilheense que sempre favoreceu a felicidade do idoso, fazendo-o rir e se considerar gente, o meu abraço. Que os ilheenses não deixem de amparar os idosos necessitados, certos de que só na Eternidade é que terão a alegria de receber a recompensa prometida a quem guardar fidelidade no amor e socorro aos pobres.

Salvador, julho de 2007.

Irmã Jerônima

Uma aliança em Jubileu de Ouro

Falar da presença das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição no Abrigo São Vicente de Paulo, da cidade de Ilhéus, é tocar numa história de amor.

Desde o ano de 1955, gerações de Irmãs nossas vêm encarnando aí o carisma da Hospitalidade, na convivência amorosa com as pessoas idosas, na sintonia e colaboração com a Direção, com os outros servidores desta Casa abençoada, com familiares e amigos dos idosos.

Na seqüência anônima dos dias e das noites, elas prestam um serviço de amor samaritano à vida fragilizada e ferida. Isto vem acontecendo porque, através da palavra e do exemplo dos nossos Fundadores, escutaram o envio do Senhor: “Vão, em meu nome, para o meio dos pobres...”

Como na parábola do Bom Samaritano, contada por Jesus, o Lar São Vicente encontrou e abraçou esses idosos e idosas e vem cumprindo o pedido do Senhor: “Cuide bem deles”.

Trazendo na alma a mesma decisão de servir amorosamente à vida dos idosos, o Abrigo São Vicente de Paulo de Ilhéus e as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição

firmaram uma aliança feliz, que já alcançou o seu Jubileu de Ouro.

Como Irmã Franciscana Hospitaleira, afirmo que, para a nossa Família Religiosa, é um privilégio poder servir aos preferidos do Senhor. É, também, uma grande alegria exercermos esse serviço em parceria com uma obra de amor como é o Abrigo São Vicente de Paulo.

Sintonizamos na busca de proporcionar aos nossos idosos e idosas um ambiente de lar, onde se sintam reconhecidos em sua dignidade humana e acolhidos como filhos e filhas bem-amados de Deus.

Que assim continue sendo!

Salvador, 15 de julho de 2007.

Irmã Maria da Conceição Galvão Ribeiro²⁹

A Congregação das Irmãs Hospitaleiras está presente em grande parte do mundo. Possui casas em Salvador, como o Colégio São José, o Hospital da Sagrada Família, a Casa de Retiro São Francisco, que não é da Congregação, mas esta trabalha lá; o Patronato, que é uma casa de acolhimento, o Abrigo Santa Isabel, que também não lhe pertence, mas as religiosas trabalham lá. Isso em Salvador. Possui também a Ação Fraternal de Itabuna, dirigida pela Irmã Dalvani. Em Campo Formoso, possui o Hospital São Francisco e um colégio. Também possui casas em Penedo e Arapiraca, Alagoas, Propriá e Estância, em Sergipe, Campina Grande, na Paraíba, Mossoró, no Rio Grande do Norte. São muitas casas, na Bahia e em outras partes. A estrutura da Ação Fraternal de Itabuna é da congregação, que abriga uma escola particular. A

²⁹ Superiora Provincial da Congregação na Bahia. Já serviu no Abrigo São Vicente.

congregação nasceu em Portugal.

Para saber mais sobre esta ordem religiosa, que tem um compromisso com os pobres, decidimos buscar *sites* das *web*. Ao pesquisar na internet sobre a ordem, encontramos uma carta do Papa João Paulo II, escrita em 27 de março de 2001, quando a congregação completava 125 anos, que pode responder aos nossos questionamentos.

CARTA DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II³⁰ ÀS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Reverenda Irmã
MARIA ISILDA DE FREITAS
Superiora Geral das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada
Conceição

Há cento e vinte e cinco anos, o Bem-aventurado Papa Pio IX concedia a essa Congregação a aprovação pontifícia, através do rescrito «Sanctissimus Dominus» de 27 de Março de 1876; não quero deixar passar a efeméride sem exprimir a minha viva gratidão pelo esplêndido rasto evangélico que a Família religiosa da Irmã Maria Clara do Menino Jesus soube gravar nestes anos com a sua multiforme actividade caritativa. Não desiludiram a confiança que lhes foi outorgada pelo meu venerado e santo predecessor!

Na segunda metade do século XIX, os ventos da história sopravam contrários e borrascosos, com naufrágio de esperanças sem conta e o bom Deus a fazer dos próprios naufragos salva-

³⁰ Encontrada em www.intratext.com, acessado em 10.jun.2007, escrita em português de Portugal.

-vidas, como no caso da Irmã Maria Clara. Nasceu ela em 1843, recebendo no baptismo o nome de Libânia do Carmo; viveu os seus primeiros anos no aconchego dum lar feliz e nobre em todos os sentidos, mas uma epidemia arrebatou-lhe a mãe aos sete anos e o pai aos treze. Conhece a orfandade, sendo recolhida com outros órfãos no Asilo da Ajuda, podendo lá admirar e beneficiar da materna solicitude das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo que procuravam reatar o crescimento daqueles botões de vida assustados; mas uma perseguição religiosa expulsa as Irmãzinhas de Portugal, e Libânia vê desabar novamente o «tecto familiar» que a resguardava.

Encontra então abrigo no palácio duma família amiga. Aqui é testemunha do fausto e das alegrias da vida mundana, vendo-as tão ruidosas como vazias; e, no vazio que deixam, ouve ecoar cada vez mais forte certos apelos secretos que murmuram no seu coração. Vencendo oposições várias, pelos vinte e cinco anos deixa o palácio e vai entregar-se a Deus no Pensionato de S. Patrício, que nascera do coração apostólico do Padre Raimundo dos Anjos Beirão com o duplo intento de facilitar a formação da juventude e remediar a penúria de meios no convento adjacente das Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição: nasceram estas em 1710 como irmãs terceiras seculares de S. Francisco de Assis, sendo um dos seus votos confessar, pública e particularmente, a Imaculada Conceição da Soberana Mãe de Deus. Libânia é acolhida na comunidade, com o nome de Irmã Maria Clara do Menino Jesus.

Dado que a perseguição impedia a profissão religiosa em Portugal, ela e mais duas foram até França para fazer o noviciado na casa que a Ordem Terceira Regular de S. Francisco de Assis tinha em Calais. «Tendo examinado e conhecido as grandes obras de caridade» que lá realizavam, a Irmã Maria Clara e suas companheiras, ao regressarem a Portugal, «adoptaram com a maior perfeição possível a mesma Regra, os mesmos costumes e o mesmo hábito»: lê-se na súplica de aprovação feita pela fundadora

à Santa Sé, que a acolheu favoravelmente concedendo às Irmãs Hospitaleiras de Portugal «os mesmos privilégios espirituais de que legitimamente goza a supramencionada Congregação francesa» (*Rescrito Pontifício*).

Para as leis portuguesas, que sofriam então de miopia, a nova entidade era apenas mais uma «associação de beneficência»; mas, aos olhos do Pai celeste, é «a presença amorosa e salvadora de Cristo, (...) um prolongamento da sua humanidade» (Exort. ap. pós-sinodal *Vita consecrata*, 76), pois «as pessoas que seguem Cristo pelo caminho dos conselhos evangélicos também hoje se propõem ir até onde Cristo foi e fazer o que Ele fez» (*Ibid.*, 75). E que fez Jesus? - «Veio procurar e salvar o que estava perdido» (*Lc* 19, 10), e fê-lo à custa da própria vida. Este desígnio eterno que abraça as sucessivas gerações humanas é visível no carisma da hospitalidade oferecida aos pobres e abandonados: vidas truncadas que clamam vida.

Há uma página bíblica, do tempo dos Patriarcas, que pode ser lida como parábola da missão das Irmãs Hospitaleiras, parecendo um contraponto do itinerário e carisma da Irmã Maria Clara. Ei-la: «Isaac abriu novamente os poços que tinham sido abertos no tempo de Abraão, seu pai, e que os filisteus entulharam após a morte de Abraão (...). Os servos de Isaac, prosseguindo as suas escavações no vale, descobriram uma nascente de águas vivas, mas os pastores de Guerar entraram em conflito com os pastores de Isaac, e disseram: "Esta água pertence-nos". Isaac, então, deu a esse poço o nome de Esek, por lhe terem impugnado caluniosamente a sua propriedade. (...) Partiu imediatamente dali, e, mais adiante, abriram um poço, a respeito do qual não houve discussões, e deu-lhe o nome de Rehobot, porque ele disse: "O Senhor agora colocou-nos ao largo, e havemos de prosperar nesta terra"» (*Gn* 26, 18- 22).

O texto traz à mente a força de Deus que moveu a Irmã Maria Clara a tirar do estado de abandono em que se encontrava

a comunidade das Capuchinhas de Nossa Senhora da Conceição elevando-as a Instituto, «a fim de se unirem mais intimamente a Deus, que as chamava a coisas mais altas» (a citada súplica de aprovação, 28-XI-1875); ou então quando a Congregação retoma, como próprio nome e desafio de santidade, o voto que aquelas faziam: confessar a Imaculada Conceição que hospedou o Verbo de Deus; ou quando, após a morte da última Religiosa Trinitária no Convento das Trinas, Irmã Maria Clara tem de lutar pela posse do mesmo, como aliás lhe estava prometido pelo Governo, vindo a tornar-se a segunda Casa-Mãe da Congregação; ou quando a varíola espalhou o terror entre a população de Goa (Índia) que não sabe fazer mais nada senão descarregar para o Lazareto dos Reis Magos os atingidos pela epidemia: ninguém se aproxima das vítimas; e as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras oferecem-se voluntárias ao Governador para tratar daqueles infelizes, fiéis à norma que a si mesmas se deram: «Onde houver o bem a fazer, que se faça».

A confiança ilimitada na providência do Pai celeste manterá a paz no coração das suas filhas, ocupadas hoje como ontem a desentulhar «os poços humanos» que a sorte maltratou. Sabem que Deus os deixou abertos para o Céu, e quer que eles «tenham vida e a tenham em abundância» (*Jo* 10, 10).

Perante os numerosos problemas e urgências que parecem às vezes comprometer e até mesmo transtornar a vida consagrada, as filhas da Irmã Maria Clara procurem «ler em profundidade os desígnios da Providência. Ele chama a vida consagrada a elaborar novas respostas para os problemas novos do mundo actual. São solicitações divinas, que só almas habituadas a procurar em tudo a vontade de Deus conseguem captar fielmente e, depois, traduzi-las corajosamente em opções coerentes seja com o carisma originário, seja com as exigências da situação histórica concreta» (*Vita consecrata*, 73). Uma das ocasiões propícias para tal leitura são os Capítulos Gerais, aproximando-se o XXIV dessa Congregação:

sobre as capitulares imploro abundantes dons e luzes do Alto para um trabalho fraterno, ousado e fecundo segundo Deus.

Enquanto dou graças ao Senhor pelo bem imenso que semeou, ao longo destes 125 anos, através das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, renovo à Congregação inteira a confiança do Sucessor de Pedro e concedo a cada um dos seus membros, extensiva a quantos são objecto da sua solícitude, a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 27 de Março de 2001.

JOHANNES PAULUS PP. II

Foi esta Congregação centenária, que os vicentinos foram buscar, para administrar o Abrigo São Vicente de Paulo de Ilhéus, em 1955, quatro anos após a fundação do mesmo. Ainda que haja dificuldade quanto a novas vocações, as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus estão firmes neste trabalho de manter cada vez mais atuante o Abrigo São Vicente, Lar dos Idosos, de Ilhéus.

CAPÍTULO 5

GESTÃO DO DR. ANTONIO ESPIRITO SANTO

É muito pouco ofertar o que tenho.
Um pouco mais é ofertar o que faço.
Melhor ainda é ofertar o que penso e digo.
A grande e válida oferenda
é dar aquilo que acredito que sou:
o EU que reluta em se dar.

Hermógenes



No ano de 2002, tomou posse, como presidente da Sociedade São Vicente de Paulo, o médico geriatra Dr. Antonio Carlos Espírito Santo, um homem que pode ser considerado um médico especial, pois pode ser encontrado a qualquer hora e por qualquer paciente. Caracteriza-se, também, por ser um homem de visão,

um empreendedor.³¹ Sua gestão começou no ano de 2002 indo até 2004, quando foi reeleito para o triênio 2005 a 2007.

Não temos o discurso de posse do Dr. Antonio Espírito Santo, mas quando da sua reeleição, em janeiro de 2005, o Presidente da Sociedade São Vicente de Paulo proferiu as palavras que se seguem.

DISCURSO DO DR. ANTONIO ESPÍRITO SANTO (1)

É grande o meu contentamento por estarmos aqui, comemorando o resultado de uma acertada decisão, que foi cuidar bem dos nossos idosos. Devemos fazer isto, até por amor a nós mesmos, pois estamos criando uma cultura de valorização e respeito ao idoso e, quando formos mais velhos, ainda, teremos quem cuide de nós, porque, assim, ensinamos com nosso comportamento.

Por isto, senhores, o meu discurso só poderá ser de agradecimentos: em primeiro lugar e sempre, a Deus, por tudo da nossa história de vida e por esta oportunidade. Agradecemos de coração à comunidade de Ilhéus como um todo, aos doadores regulares e àqueles que nos ajudam pontualmente. Agradecemos a todos os voluntários sem exceção; àqueles que nos ajudam na arrecadação de doações, nos cuidados gerais com os idosos, corte de cabelos e unhas, banhos, passeios, troca de roupa, troca de roupa de cama, oferecimento de alimentação na boca, oferecimento de mingau e sopa à noite, lanches, pequenas festinhas, comemorações de aniversários, a todos aqueles que têm se empenhado para vender os bilhetes do sorteio do carro e no trabalho para aumentar o número de sócios contribuintes, organização e realização de

³¹ A opinião está aqui expressa pela coordenadora da confecção do livro – Maria Luiza Heine. Em que pese ser esta a opinião de todos os pacientes do dr. Espírito Santo.

shows e almoços beneficentes, nutrição, arquitetura, decoração e arrumação de *Buffets*, organização de brechós, engenharia, enfermagem, fisioterapia, setor de patrimônio, escolinha, os que ouvem as estórias dos idosos e seus delírios e lhes fazem companhia, acompanhamento dos idosos à capela, aos que nos ajudam divulgando o nosso trabalho e na arrecadação de cupom e notas fiscais. Agradecemos a todos os estabelecimentos que arrecadam cupom e notas fiscais, a toda as agências bancárias de Ilhéus, Câmara de Vereadores, CDL, Associação Comercial, Diocese de Ilhéus, Comércio, Empresariado...

(Neste ponto Dr. Antonio lista uma série de pessoas e empresas que já foram citadas na primeira parte, dedicada aos agradecimentos. Achamos por bem, omitir estes agradecimentos, para não repetir o que já foi dito).

Na nossa caminhada, no Abrigo São Vicente, tivemos a feliz oportunidade de conviver com pessoas que partilharam conosco sua sabedoria, suportaram nossa falhas e fraquezas com muita paciência e nos enxergaram através delas, vendo o melhor.

Pessoas que, em sua aceitação de nós, assim como em sua recusa em aceitar nossas características menos apreciáveis, por sabermos que não tínhamos escolhido, fizeram-nos crescer, ficar de algum modo, maiores e melhores. Além da minha amada e querida esposa, Ana Rita, e todos os meus filhos, Carlo Márcio, Larissa, Ana Verena, Jorge Fabrício e Rebeca, que suportaram ainda minha ausência durante estes três anos e me permitiram, por todo amor que me têm, e aos velhos desta Casa, que eu permanecesse por mais três anos, que suportaram meu cansaço e minhas angústias. As pessoas que me apoiaram deste jeito foram os meus pares de Diretoria, amigos, voluntários e funcionários (cujos nomes estão citados em outra parte do trabalho); também a D. Mauro e ao Conselho de Curadores, Irmã Jerônima, em seguida Irmã Raimunda Landim, sem a ajuda dos mesmos, provavelmente, as coisas não teriam tomado o mesmo caminho, por isso, quero

agradecer de forma muito especial a todas estas pessoas.

Queremos encerrar nossas palavras, mais uma vez agradecendo a Deus, e a todos vocês, rogando ao Pai Celestial que nos permita cumprir as metas que foram colocadas para o próximo triênio, com a costumeira importante e imprescindível ajuda de vocês.

Quando Dr. Antonio tomou posse, verificou que o Abrigo precisava de reformas. A construção que foi inaugurada em 1951, foi sendo modificada e ampliada, tendo crescido aos poucos, e o tempo, por si só é implacável, sobretudo nestas terras de São Jorge, onde há grande umidade, por causa das chuvas freqüentes.

A idéia era realizar um grande projeto de revitalização e renovação. Este grande projeto recebeu o nome de “Rejuvenescimento do Abrigo São Vicente”. A diretoria iniciou as obras de reforma com a melhoria dos aposentos, banheiros, pisos, enfermaria, telhados e outros, mesmo sem condições financeiras. O trabalho contou com o apoio da comunidade através de jantares, feijoadas, festivais de tortas, brechós, sorteio de carro e outros; foram aumentados os vínculos de doações em dinheiro, a partir de R\$ 5,00 (cinco reais) mensais, de alguns contribuintes, chamados de sócios contribuintes, para compra de materiais de construção.

Foram realizadas muitas campanhas para angariar fundos, muito se conseguiu, muito foi feito, mas não o suficiente para dar segurança aos idosos abrigados pela instituição. Foi com muita ousadia e empreendedorismo que a diretoria eleita arregaçou as mangas e pediu socorro à comunidade, “porquanto os idosos já não estavam abrigados, e sim expostos a danos morais e físicos, pois as condições de acolhimento começaram a ficar precárias”.

A Instituição chegou a investir, inicialmente, mais de R\$700.000,00 (setecentos mil reais), ficando com um débito de aproximadamente R\$100.000,00 (cem mil reais) no mercado. As obras foram paralisadas e foram implementadas campanhas de arrecadação de alimentos, vestimentas e outros. As necessidades

continuaram, e mesmo com os cofres ainda no vermelho, a diretoria, comandada pelo médico geriatra Dr. Antonio Carlos do Espírito Santo, e pela Diretora Administrativa, Irmã Raimunda Landim Fernandes, juntamente com 02 tesoureiros e 12 diretores (todos sem nenhum tipo de remuneração, pois são voluntários), reuniu uma equipe de voluntários para dar início a uma nova campanha.

Foi levado em consideração que o ano de 2006 era especial, pois a Sociedade São Vicente de Paulo estaria completando 90 anos; foi tomada a decisão de lançar a campanha “ADOTE UM VELHINHO”, entre os meses de março e dezembro de 2006, com o intuito de conscientizar a comunidade para os cuidados com o idoso. Assim, poderiam arrecadar verbas para aumentar o quadro funcional, para cuidados específicos e criar condições de espaço e material para os voluntários desenvolverem atividades diversas, tais como: arte, pintura, costura, recreação e lazer, bem como para o término de obras imediatas.

O Abrigo São Vicente de Paulo de Ilhéus trabalha, também, com a finalidade de prestar serviços à comunidade, disponibilizando suas instalações para serem utilizadas para festas e reuniões, na realização de eventos diversos, como encontros religiosos, assistência à comunidade, cedendo o espaço para atendimento médico ambulante, odontológica, reuniões de bairro, palestras, cursos, jantares beneficentes, encontros de classes trabalhistas etc.; por esta utilização é cobrada, apenas, uma taxa de manutenção.

OBRAS REALIZADAS

Nesta gestão foram realizadas as seguintes obras: ambulatório médico e posto de enfermagem, aplicação de 1.600 metros quadrados de piso antiderrapante, aplicação de 2.000 metros quadrados de azulejo branco, climatização ambiental com

lajes e telhados cerâmicos, construção de vestiários para funcionários, reforma e ampliação do refeitório, reforma da cozinha, construção de uma sala de fisioterapia, dormitórios masculino e feminino, dois dormitórios para pacientes frágeis, com 22 leitos, construção de 10 leitos dormitórios para ambos os sexos, além da construção de 13 sanitários comunitários, com aplicação de corrimão e barras de segurança. Também foi construído um complexo administrativo, composto de diretoria, secretaria e tesouraria, sala da assistente social e sala de coordenação de eventos. Foram realizadas reformas das redes elétrica, telefônica, de água e esgoto.

Outras obras foram realizadas, como o Salão de Eventos e o Salão de Integração Social, anexo ao Recanto dos Pássaros. Foram construídos 120 metros de rampas e passarelas com aplicação de corrimão e barras de segurança; corrimão de madeira na área interna e de ferro zincado, na área externa. Foi realizado, ainda, o aterramento da antiga horta, para transformação em área de lazer, onde alguns membros das famílias Albagli e Chicourel estão transformando em um grande jardim com caramanchão, em homenagem a D. Rosa Albagli, a matriarca da família.

Uma obra que merece ser destacada foi a reforma da fachada da Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças e a construção da portaria de entrada do Abrigo, um oferecimento da Casa Brasil, de Albagli e Cia., numa comemoração aos 70 anos de existência de Albagli e Cia., e aos 90 anos do Abrigo.

No local onde os carros eram estacionados, um simples pátio, foi construído um estacionamento. Nos telhados, de construção simples, foram construídos beirais, bem como foi feita a colocação de calhas, para proteção das paredes, num total de 980 metros lineares de bicas de alumínio. Foram construídos 420 metros de muro ao redor do Abrigo, e nele, aplicado 350 metros de cerca elétrica.

Também foi construído um sanitário para funcionários e um para visitantes na área externa, um almoxarifado geral de

alimentos e um depósito de cadeiras; além de um depósito de material para higiene pessoal, um depósito para material de manutenção e um depósito de alimentos da cozinha. Foi realizada a reforma completa de um apartamento da Casa de Retiro para servir de protótipo e de um quarto na casa das irmãs. Foi criada uma área para beneficiamento de alimentos, com as construções necessárias. Nas áreas de luz, entre os pavilhões, foram colocados pisos e jardineiras. Toda a área livre foi transformada em jardim.

Foi adquirido um computador com impressora, para a sala de coordenação de eventos e 42 caixas coletoras para cupons e Notas Fiscais; foi feita a reforma completa de chaparia e de motor, do veículo Corsa e a reforma da Kombi.

Outras obras eram pretendidas, porque necessárias, mas não foi possível realizá-las. São elas: reforma total da Casa de Retiro, reforma geral da Capela, da padaria, de três reservatórios para água, construção da oficina de manutenção, de um complexo contendo lavanderia, rouparia, depósito de roupas e tecidos, como também a fábrica de fraldas, cuja máquina foi doada pela *Human Network*. Além disso, é necessária a construção de um salão de beleza e de um necrotério, como também há necessidade de aquisição de equipamentos para lazer.

PROJETOS PARA OS IDOSOS

Para o entretenimento dos idosos, são programadas pequenas festas, onde é realizada a comemoração dos aniversários. O Abrigo conta, também, com ajuda de voluntários nas sessões de recreação, onde os mesmos participam, com execução de música, realizam leitura para aqueles que se interessam; alguns gostam de assistir televisão. Há, ainda, o projeto de contação de estórias e esquetes de teatro, dentre outros.

Existe uma constante preocupação em desenvolver, com o

idoso, a interação, diversão e lazer, proporcionando-lhe um dia-a-dia prazeroso, para, assim, assegurar-lhes desenvolvimento nos aspectos físicos, emocional e cognitivo.

Para atender aos objetivos da campanha “Adote um Velhinho”, foi criado o projeto “Movimento e Alegria”, que foi concebido para atender aos internos do Abrigo; este projeto conta com a participação, voluntária, de representantes da Casa da União de Ilhéus, das arte-terapeutas Maria Vitória Campos Bittencourt e Marlove Quadros e da artista plástica Márcia Menezes, com resultados visíveis no cotidiano dos idosos em termos de aumento da auto estima e alegria, tão fundamentais na qualidade de vida do ser humano.

Os principais objetivos deste projeto são:

- Oportunizar aos idosos, do Abrigo São Vicente de Paulo, ocupação de tempo com atividades prazerosas, além de bom relacionamento social e afetivo.
- Compreender a necessidade de lidar de maneira positiva com o estresse e as perdas bio-psico-sociais.
- Conseguir com a comunidade, empresários e pessoas generosas, os recursos materiais e outros para a continuidade do Projeto “Movimento e Alegria”.

O material necessário para a realização do projeto foi doado pela comunidade e por comerciantes locais.

Os resultados esperados com estas atividades são:

- Reconciliação dos conflitos de adaptação do idoso consigo mesmo.
- Estabelecimento de fácil convivência dentro da harmonia e alegria.
- Reabilitação física e mental através das expressões artísticas.
- Facilitação da auto-percepção.

- Prevenção dos distúrbios emocionais.
- Valorização do contato inter-humano, sem pré-concepção de qualquer ordem.
- Um novo olhar nessa fase da vida com ALEGRIA E ESPERANÇA.

A avaliação do projeto prevê a realização de diálogo com os idosos sobre a sua satisfação pessoal, levando-se em consideração os resultados previstos no mesmo.

As atividades realizadas, durante o ano de 2006, para efetivação da campanha “Adote um Velhinho”, constou das seguintes ações:

- Lançamento oficial da Campanha, no mês de março.
- Edição de VT para televisão.
- Shows artísticos.
- Jantares beneficentes.
- Balaio junino.
- Cesta natalina.
- Vendagem da camisa da campanha “ADOTE UM VELHINHO”.
- Primeiro encontro de conscientização de motoristas e cobradores de transporte coletivo da cidade.
- Comemoração dos 90 anos do Abrigo, em setembro.
- Fundação do Clube de Leitura do Abrigo São Vicente.
- Captação de verbas de apoio com empresários locais;
- Encaminhamento à Câmara Municipal de Projeto de Lei para captação de verba de apoio.
- Primeira exposição dos trabalhos de artes dos idosos.
- Projeto Movimento e Alegria (em andamento).

No lançamento da Campanha, ocorrido em março de 2006, o Dr. Antonio Espírito Santo proferiu o seguinte discurso:

DISCURSO DO DR. ANTONIO ESPÍRITO SANTO (2)

Boa noite a todos.

Conversei com Deus e com meu subconsciente, pensei muito e meditei sobre o que dizer a vocês nesta noite; logo me veio uma sensação de paz, tranqüilidade, e um sentimento de prazer, conforto e segurança, pois me lembrei que estava entre amigos. E, assim sendo, deixei que meu coração comandasse.

Sinto-me muito honrado e até orgulhoso, no bom sentido, de estar dirigindo este Lar de Idosos, onde tenho aprendido muitas lições sobre a velhice, sobre a vida, sobre a amizade. E como tenho feito amigos! E o coração quando fala, fala de amor, fala de gratidão, fala de reconhecimento, fala de afeto, fala de carinho. Portanto, quero agradecer a Deus, todas as oportunidades a mim oferecidas, para que eu me torne melhor filho, pai, amigo, profissional, companheiro e cidadão.

Obrigado Deus por este momento maravilhoso, obrigado por este lindo encontro de gerações, esta manifestação de solidariedade, esta consciência de cidadania, esse gesto de amor ao próximo dirigido para aqueles que não mais têm condições de viver, ou sobreviver sozinhos, que seguindo o inexorável ciclo da vida, venceram suas dificuldades e necessidades básicas de afeto, atenção, alimentação, proteção e cuidados, quando criança, e tiveram a sorte de não morrer quando adultos e voltaram a estas necessidades, agora como velhos, carentes e fragilizados pela doença e pela pobreza.

A minha satisfação, Senhor, é imensa, de presenciar o ecumenismo religioso, a responsabilidade social de pessoas e empresas, traduzidas não só como ajuda direta, mas, também, no trabalho voluntário. O entendimento e a assunção das responsabilidades legais, morais e sociais de cuidar dos seus velhos pelas instituições e governantes de cada gestão, mas, também, isto feito de boa vontade, vontade de ajudar e valorizar o idoso.

Aqui estão representados os poderes municipal, na pessoa de excelentíssimo Sr. Prefeito Valderico Reis, e várias secretarias, o poder legislativo, representado pelo vereador Raimundo Veloso e o poder estadual, representado pelos diretores da Dires, enfermeira Sonilda Melo e diretora da Direc, Zoêmia Núbia Sampaio. E aqui vai o nosso agradecimento ao governador Paulo Souto pela ajuda, já prometida, ao abrigo São Vicente.

Noventa anos de história, noventa anos abrigando, acolhendo e resgatando a dignidade dos idosos carentes da nossa querida cidade. Como em toda vida, há tropeços, erros e acertos. Uma coisa, porém, sempre foi constante, o amor por aqueles por quem abriga.

Ao contrário de nós, os anos lhe trouxeram força, experiência e melhores condições de acolher e abrigar; teve tempo de mudar paradigmas, reformular conceitos sobre o velho e a velhice, e se adaptar às orientações gerontológicas e exigências da vigilância sanitária. Com a ajuda de vocês poderá ser o melhor e maior aparelho social desta cidade, um orgulho para o seu povo e referência de casa de longa permanência.

Em um momento como este, não poderia deixar de agradecer, e lembrar, dos fundadores desta obra, os senhores Moysés Gomes, Virgílio Amorim, Osório de Carvalho, José Brandão Filho, Paulino Jaguaribe, José Mendonça e Raimundo do Amaral Pacheco, dentre outros. Agradecer a todas as diretorias que me antecederam, ao Lions Clube de Ilhéus, que completa agora, seus 50 anos de bons serviços a esta terra, entre os quais, a construção da Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças, obra esta que ajuda financeiramente o Abrigo. Vai aqui, portanto, para o Lions, os nossos parabéns e mais uma vez, nossos agradecimentos.

Agradecemos, também, ao Rotary Clube de Ilhéus, ao Interact Clube e às Lojas Maçônicas, pelo companheirismo, carinho e interesse pelas causas dos idosos e, em particular, pelo Abrigo São Vicente.

Agradecer a toda a comunidade ilheense, como um todo, pela sua generosidade. Aqui incluindo a população, o empresaria-

riado, o comércio, as associações de classe, UNIMED, UNIODONTO, associações de aposentados, clubes de terceira idade, aos meus amigos, instituições e autoridades, aos sócios doadores, incluindo nosso agradecimento e reconhecimento à Sra. Cremilda Maltez e suas equipes, pela incansável luta no recolhimento das doações, aos voluntários, sem os quais nada aconteceria no Abrigo, inclusive neste evento, aos funcionários e às Irmãs Hospitalleiras, aos meus colegas, hospitais e pessoal de saúde.

Queremos agradecer, ainda, à Prefeitura Municipal de Ilhéus, nas pessoas do excelentíssimo prefeito Valderico Reis e sua Secretária de Governo, a Sra. Luciana Reis, e seu assessor de imprensa, Robson Hamil e todos aqueles não nomeados por mim, devido à emoção que me domina, e a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para este evento e para a melhoria do abrigo São Vicente. À Câmara de Vereadores, na pessoa do Dr. Raimundo Veloso, pelo carinho com que esta casa legislativa sempre tratou os assuntos relacionados aos idosos.

Gente, vamos ter aqui uma festa maravilhosa, oportunidade de diversão e alegria que farão bem estar ao corpo e ao espírito.

Quero, portanto, agradecer particularmente a este grupo maravilhoso que comigo trabalhou como voluntário e, muito acima dos seus limites, concebeu, formatou, produziu e realizou este evento, e a todos os parceiros e patrocinadores que além da Prefeitura Municipal de Ilhéus, que serão gradativamente nomeados.

Neste momento não poderia deixar de agradecer, de todo o meu coração, à minha família: Ana Rita, minha esposa, Rebeca e Fabrício, meus filhos, pela paciência pelo sacrifício da minha ausência, e por continuar acreditando que, no dia seguinte, vou trabalhar menos. Quero dizer a você três que os amo muito! Sem a ajuda de vocês, eu jamais poderia fazer o que faço.

Aos artistas e atrações que se apresentam nesta noite, e a vocês, sem os quais esta festa não aconteceria, **o nosso muito obrigado!**

A CAMPANHA

A partir do lançamento da campanha, as coisas começaram a acontecer, os eventos, as festas, os balaios e tudo o mais.

Dentro da campanha “Adote um Velhinho”, foi realizado o evento denominado “Projeto um Beijo e uma Flor”, quando aconteceu o I Encontro de Motoristas e Cobradores de Ilhéus. A finalidade do mesmo foi conscientizar, sensibilizar a comunidade, para melhor tratamento ao idoso. O encontro foi realizado nos dias 13 e 14 de julho de 2006, com os funcionários da Viação São Miguel, e no dia 15 do mesmo mês, com a empresa Viametro. A expectativa do Abrigo São Vicente foi atendida, alcançando uma participação de mais de 60% do total de motoristas e cobradores, dos ônibus coletivos de Ilhéus, considerando que é grande a dificuldade de reuni-los em dois turnos, por conta da carga horária de três turnos de funcionamento, das linhas que cobrem o transporte coletivo na cidade de Ilhéus. A carga horária do encontro foi de três horas para cada turno.

O encontro teve a abertura com um momento religioso, onde foi feita leitura da liturgia pela Irmã Raimunda, e coreografias por funcionários do Abrigo, contando com a presença de alguns idosos, que foram abraçados pelos motoristas e cobradores com muita emoção. Os temas abordados foram: **Objetivo do Encontro**, desenvolvido por Telma Moura, idealizadora e coordenadora do projeto, voluntária, produtora e coordenadora da Campanha Adote um Velhinho; **Expectativa do Encontro e Dinâmicas de Grupo**, desenvolvido pela professora Maria de Lourdes Teles, pedagoga, sensibilização, com o Tema “O Idoso e Você”, desenvolvido pelas psicólogas Dra. Maria da Glória N. Lacerda e Dra. Aparecida Darci da Silva Santos, e **Alterações Biológicas do Envelhecimento**, com Dr. Antonio Carlos Espírito Santo. Esteve presente ao evento a psicóloga Dra. Maristela Botega Soares, coordenadora responsável pelo Departamento de

Recursos Humanos da empresa São Miguel, como também o Sr. Vilcemar, gerente da empresa Viametro.

Outro evento, realizado, para angariar fundos foi o **Jantar Nordestino**, coordenado por Neneu Mendonça e sua equipe e Sarinha Albagli. O mesmo teve a animação da Banda Xote Pegado, em ambiente decorado, com sorteios de quadros e celulares, apresentação do coral dirigido pela Irmã Raimunda e figurino da voluntária costureira, D. Albertina, com grupo de dança, formado pelos filhos e funcionários do Abrigo; a coreografia foi do Prof. Jujuba, sempre presente nestes eventos, mostrando sua criatividade e colaboração como amigo do Abrigo. Colaboraram com o evento as lojas Esquina 170 e Casa Brasil.

COMEMORAÇÃO DOS 90 ANOS

Para que os objetivos da campanha fossem atingidos, foi necessário um planejamento bem estruturado, com ações simultâneas e consecutivas. Caso contrário os objetivos finais não seriam totalmente atingidos, gerando, conseqüentemente, frustração com geração de débitos para a próxima diretoria. Assim foi criado um projeto de Sensibilização, que está transcrito a seguir.

PROJETO DE SENSIBILIZAÇÃO (Idealizado por Marcos Mendonça)

Abrigo São Vicente de Paulo – Escolas – Faculdades - UESC

1. Objetivos:

- Sensibilizar alunos das escolas públicas e privadas de Ilhéus para melhorar a qualidade de vida dos idosos e envolvê-los em trabalhos comunitários;

- Indiretamente, motivar os pais, de modo a induzi-los a pensar e agir como cidadãos solidários, contribuindo financeiramente e/ou como voluntários;
- Criar um filme/áudio, que aborde o tema Qualidade de Vida na Velhice, inserindo o abrigo São Vicente de Paulo, sua história, presente e o futuro;
- Criar um folder colorido abordando todos os aspectos citados acima a serem distribuídos à população de Ilhéus;
- Criar spots para rádio e televisão de modo a massificar/sedimentar a imagem do Abrigo perante a sociedade ilheense;
- Distribuir para todas as Escolas Municipais que possuam recursos áudio-visuais uma fita VHS ou CD Rom para que todos conheçam a Instituição;
- Envolver as Faculdades de Ilhéus e Madre Thaís.

2. Metas:

- Atingir aproximadamente 5% dos alunos entre a 5ª série do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, ou seja, 3.200 pessoas no ano de 2006;
- Finalizar os projetos audiovisuais e gráficos, para distribuição nas escolas e faculdades, ao começar o ano letivo.

3. Estratégias:

- Negociar com a Transportes São Miguel a cessão de um ônibus com capacidade para até 40 passageiros, duas vezes na semana, para o deslocamento da escola até o Abrigo;
- Selecionar, entre as escolas, alunos de todas as salas e séries, para que todos participem;
- Negociar o cronograma de visitas com as escolas privadas, com a Secretaria de Educação e escolas públicas e com as faculdades da cidade;

- Envolver a Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC – e/ou Agências de Publicidade locais, na elaboração dos projetos áudio/vídeo e gráfico;
- Utilizar, se necessário, alunos do curso de jornalismo, rádio e comunicação da UESC, na elaboração do projeto;
- A Profa. Baísa Nora, diretora da Editus e atual presidente do Rotary Clube de Ilhéus, deverá atuar, como negociadora da participação da UESC, no projeto.

Considerações:

Este projeto faz parte das comemorações do aniversário de 90 anos da Sociedade São Vicente de Paulo, que precisa comunicar, urgentemente, à sociedade ilheense, a grandiosidade da obra, toda ela construída pela comunidade e gerida por abnegados cidadãos de Ilhéus. Não são poucas as realizações conseguidas nas últimas nove décadas. É preciso, sim, que a comunidade valorize esta Instituição sem fins lucrativos de modo que ela se perpetue em nossos corações.

Colaboração de Marcos Mendonça – cidadão de Ilhéus, em 26 de novembro de 2006.

Para retribuir as doações e homenagens feitas pela família Albagli, a direção do Abrigo São Vicente mandou publicar no jornal Diário de Ilhéus, em 5 de agosto de 2006, a seguinte matéria:

HOMENAGEM À CASA BRASIL

70 anos - 05 de agosto

1936-2006

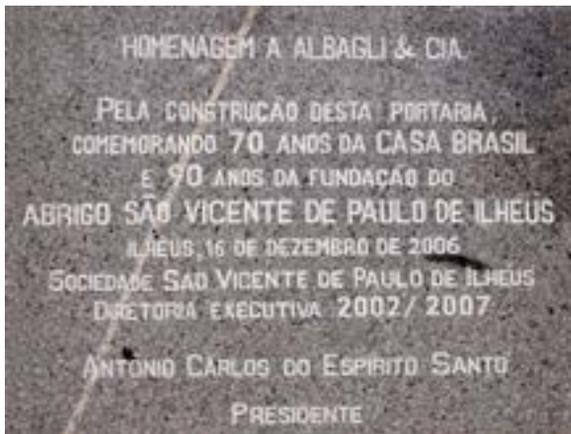
O Abrigo São Vicente de Paulo de Ilhéus, representado por sua diretoria executiva, administração, voluntários, funcionários e idosos residentes, vem de público parabenizar a CASA BRASIL, que comemora seus 70 anos, de bons serviços prestados à nossa terra.

A Casa Brasil sempre demonstrou alto nível de responsabilidade social aliado à grande sensibilidade humanística e generosidade dos seus proprietários Alberto, Júlia e Rodolfo Albagli.

Nas comemorações dos 50 anos, a empresa presenteou Ilhéus com a escola Vovô Isaac, localizada na Rua Esperanto, que é pública e gratuita. Hoje, aos 70 anos, oferece aos nossos velhinhos a construção da portaria do Abrigo São Vicente de Paulo e a reforma da fachada da Casa de Retiro N. S. das Graças.

Seremos sempre agradecidos e rogaremos a Deus pela sua saúde, longa vida, felicidade, segurança e êxito nos negócios dos seus donos, para que essa empresa se perpetue. Que continue trabalhando pela prestação de bons serviços, lutando pelo seu lucro justo e honesto e distribuindo parte dele para melhorar tantas necessidades sociais.

**OBRIGADO,
PARABÉNS!**



PROGRAMAÇÃO DE ANIVERSÁRIO DOS 90 ANOS DA SOCIEDADE SÃO VICENTE DE PAULO DE ILHÉUS

30 DE SETEMBRO DE 2006 – DIA DE SÃO VICENTE DE
PAULO

16 HORAS –

CAPELA DE SÃO VICENTE DE PAULO

**MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS - CELEBRAÇÃO DO BISPO DIO-
CESANO DE ILHÉUS – DOM MAURO MONTANGNOLLI**

17 HORAS –

**INAUGURAÇÃO DO SALÃO DE EVENTOS DO ABRIGO SÃO VI-
CENTE DE PAULO –**

**SOLENIDADE EM HOMENAGEM AOS FUNDADORES DO ABRI-
GO SÃO VICENTE DE PAULO**



ROTEIRO:

1 - ABERTURA – FORMAÇÃO DA MESA

Foram convidados o presidente da Sociedade São Vicente

de Paulo, Dr. Antonio Espírito Santo, o presidente do Conselho de Curadores, o Bispo Diocesano, Dom Mauro Montagnolli, a administradora do Abrigo, Irmã Raimunda Landim, os diretores Marileide Souza, Hugo Magalhães e a tesoureira Célia Lemos, que proferiu as palavras de boas vindas.

2 - FALA DAS IRMÃS - DRAMATIZAÇÃO

Palavras da representante da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Ir. Belmira Brandão, alagoana de nascimento e baiana de coração, tem 60 anos de vida religiosa, e já prestou serviços a esta Casa, durante 18 anos. Foi secretária particular dos Cardeais Arcebispos Dom Eugênio Sales e Dom Avelar Brandão Vilela. Foi secretária da escola de enfermagem da Sagrada Família. Atualmente, é catequista e trabalha na Paróquia Nossa Senhora da Penha de França.

3 - HOMENAGEM AOS FUNDADORES

Saudação feita pela Diretora do Abrigo, Profa. Marileide Oliveira Souza.

4 - DESCERRAMENTO DA PLACA

A Profa. Marileide Souza convidou os representantes das famílias dos fundadores, a Sra. Ivanize Simas e o Dr. Moisés de Souza Gomes, para o descerramento da placa em homenagem aos fundadores do abrigo.

FUNDADORES



5 - HOMENAGEM AO LIONS CLUBE ILHÉUS-CENTRO

A homenagem ao Lions Clube Ilhéus Centro foi feita pela secretária do Abrigo, Mônica Mendonça, que convida a Sra. Maria José Veloso para entregar a placa ao representante do Lions Clube, Sr. Wilson Pinto Nobre.

6 - PALAVRAS DA IRMÃ RAIMUNDA

A Irmã Raimunda Landim Fernandes, da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, foi

aluna das irmãs do Colégio São José, em Salvador. Além de ser administradora deste Lar de Idosos, totalmente dedicada aos internos, ela é uma verdadeira artista, estimuladora das iniciativas culturais e dona de um grande talento. Fé, arte e solidariedade, são as palavras-chave de seu dia a dia.

MÚSICA – AMIGO – ROBERTO CARLOS

7 - A palavra de Telma Moura sobre a Campanha dos 90 anos.

8 - Palavra de Dr. Antônio Espírito Santo.

9 - Bênção do Bispo Diocesano, D. Mauro Montagnolli.

10 - Confraternização

A HOMENAGEM DAS IRMÃS

Para comemorar a magna data, a Irmã Maria Belmira Brandão proferiu um discurso, do qual vai transcrito um resumo:

O Abrigo São Vicente de Paulo celebra hoje seus noventa anos de fundação. São 90 anos de lutas interminas, para colimar um ideal de grande porte, que é o auxílio e proteção à Terceira Idade, de Ilhéus e das cidades vizinhas.

Em festa está esta casa e em festa estão todos os corações ilheenses, que vibram com o avançar do bem estar dos nossos idosos, beneficiados pelo constante exercício do amor-caridade de São Vicente de Paulo que, no perpassar do tempo, cada vez mais se impregna em corações generosos e plenamente devotados aos necessitados de amor e de compreensão.

Esta casa, desde a sua fundação, quando se tornou “Bom

Samaritano” para os desprotegidos de recursos e de família, vem cumprindo aquilo que São Vicente pregava e, a seu exemplo, desperta e exercita a nobreza escondida no coração deste povo querido e devotado, em favor do pobre que aqui se abriga. São Vicente assim se expressou e para nós, é um testemunho de amor que destila ternura e compreensão:

“Não basta ter ternura nas palavras e no coração! Ela deve manifestar-se, também nas ações: À medida que gera amor nos corações, torna-se perfeita e chega a ser fecunda”. Aqui, o fogo do amor se manifesta claramente e se transmuta em ação.

São Vicente, da parte de Deus, que é Pai de bondade e misericórdia, providenciou um médico que, cheio de humanidade, sabe auscultar os corações sofridos e, cuidadosamente, procura curar os corpos debilitados pela doença, unindo a palavra animadora e encorajadora das religiosas que aqui labutam pelo bem-estar de todos os recolhidos, ajudadas por eficiente corpo de enfermagem, cujo coração é toda sensibilidade para com os que sofrem.

Nossa congregação assumiu esta casa, impulsionada pelas palavras animadoras e decisivas de nossa fundadora, Madre Maria Clara do Menino Jesus: “Onde houver um bem a fazer, que se faça!”

Reflexo daquelas palavras insinuantes e encorajadoras do Divino Mestre: “O que fizerdes ao menor dos meus irmãos, é a mim que o fazeis”.

Todos aqui usufruem do pão, que é um alimento de significado muito rico, gerador de paz e de alegria; da paz, que é um sentimento de bem-estar com todo ser humano.

(A Irmã lembrou e agradeceu a todos que, durante estes 90 anos cuidaram dos idosos e lutaram pelo crescimento e engrandecimento do Abrigo São Vicente de Paulo).

Quem também se manifestou, na comemoração dos 90 anos da Sociedade São Vicente de Paulo, foi a Irmã Raimunda Landim, com as seguintes palavras:

PALAVRAS DA IRMÃ RAIMUNDA LANDIM

EXMO. E REVMO. SR. DOM MAURO, NOSSO PASTOR
E PAI.

Prezados Senhores e Senhoras aqui presentes.

Indicada para dirigir a palavra a quem, no hoje, cabem os louros da vitória desta casa, quero enaltecê-lo no seu objetivo de vida e vocação, cuja finalidade é construir um mundo cada vez melhor, firmando a paz entre os menos favorecidos de fortuna e saúde, promovendo a alegria e o bem-estar entre os estigmatizados pela doença, fazendo-os esquecer o acúmulo de achaques com sua vigilante atuação.

As palavras que brotam do meu coração proclamam a grandeza daquele a quem me dirijo neste momento.

Dr. Antônio, permita-me retratá-lo como pessoa amiga e irmão que é, usando a tinta do coração e a música do louvor e agradecimento. Eis, em poucos traços, o que a graça de Deus fez em sua existência, exuberante de compreensão e amor.

O senhor sabe que “caminhar é preciso, o caminho é longo, mas é preciso chegar ao fim... sabe que o caminho é pedregoso e toma cuidado para se desviar das pedras, quebrar as rochas e seguir avante. Não lhe falta a coragem, a audácia no correr dos riscos, no enfrentar os perigos... sabe que o caminho não está feito e procura construí-lo a cada amanhecer. Sabe que, às vezes, as trevas cobrem a estrada, mas, não se descuida de levar sempre a lanterna do amor para aclará-lo. Tem no coração aquela esperança que nunca decepciona. Tudo empreendi para que “todos tenham vida e vida em abundância” como disse Jesus, e que esta promessa se cumprirá e a alegria dos idosos será permanente...”.

Parece-me ouvir seu coração exclamar: “caminho sempre; não importa que haja quedas, maus tempos, espinhos e pedregulhos em abundância, não importa que às vezes o sol se esconda e

o azeite da lâmpada chegue ao fim... Caminho sempre em busca de algo maior que é Cristo, e com ele procuro cumprir minha missão de médico dos corpos junto ao médico das almas”.

Meu caro irmão, falo também em nome dos nossos queridos idosos que não sabem como agradecer sua presença nesta casa.

Para que esta data de 90 anos de existência do Abrigo São Vicente e 6 anos de sua atuação como diretor e bom samaritano, dois idosos, representando a “idade da sabedoria”, vêm agora oferecer-lhe a concretização de seu agradecimento.

Que Deus sempre o abençoe e guarde!

Assim Seja!

Um outro projeto, desenvolvido pelo Abrigo São Vicente e seus voluntários, dentro da Campanha Adote um Velhinho, foi o **Projeto de Leitura**, utilizado como recurso terapêutico. Para contemplar este projeto foi criado o Clube de Leitura do Abrigo São Vicente. O lançamento do mesmo aconteceu em dezembro de 2006. A coordenação do projeto ficou a cargo de Siomara Castro Nery, bacharela em Letras com Especialização em Rádio e Televisão, e Mestre em Língua Portuguesa na linha de Literatura.

No lançamento do Projeto de Leitura, Dr. Antonio Espírito Santo, durante a festa realizada, proferiu as seguintes palavras:

DISCURSO DO DR. ANTONIO ESPÍRITO SANTO (3)

Autoridades aqui presentes, ou representadas, senhoras, senhores, caros idosos, funcionários, irmãs religiosas, Irmã Raimunda, nossa administradora e mãe do Abrigo, voluntários, parceiros, companheiros de diretoria.

Há 5 anos, quando começamos a trabalhar as reformas arquitetônicas, mudanças de paradigmas em relação aos idosos desta Casa, e à velhice em geral, mudanças de procedimentos,

normas e atitudes se faziam urgentes e necessárias e, deste modo, a tudo isto demos prioridade. No entanto, sempre tivemos a preocupação de como alimentar o espírito dos idosos, além da religião, como ocupar suas mentes e como fazê-los mais ativos, felizes e sadios.

Todos compartilharam comigo essas preocupações: o desejo e o sonho de conseguir um meio para burlar a carência de recursos e assim, conseguirmos atingir o maior nível de desenvolvimento.

Por falta de recursos, perdemos uma ótima musicoterapeuta, mas, quando queremos verdadeiramente alguma coisa, **os astros conspiram a nosso favor e nosso subconsciente providencia.**

Não nos esqueçamos de que somos privilegiados, pois além de Deus, contamos com a ajuda de São Vicente e Nossa Senhora das Graças. E as coisas começaram a acontecer. Primeiro foi a musicoterapeuta cedida pela Prefeitura, e o material para sala de Fisioterapia, doado pelo Estado, através da Secretaria de Saúde; logo veio o projeto Movimento e Alegria com a artista plástica Márcia Menezes e as arte-terapeutas Vitória Campos e Marlove Quadros; em seguida um educador físico também cedido pela Prefeitura. Aproveitamos este momento para agradecer ao Prefeito Valderico Reis e as secretárias Maria de Fátima e Luciana Reis que, além dos profissionais citados, ainda nos agraciaram com uma assistente social e uma enfermeira.

Neste “Burburinho de Desejos”, preocupações e reuniões nos horários esdrúxulos da Campanha dos 90 anos, o nosso companheiro Miguel Soares externou a vontade de ler para os idosos e criar um Clube de Leitura; logo abraçamos a idéia, ampliamos os seus limites, vendo não só a possibilidade de oferecer aos idosos, entretenimento, lazer e informação, como também a oportunidade de a Instituição e seus residentes, interagir com a comunidade, envolvendo não só os leitores que não o são por prazer, como também, envolver escolas, professores e alunos de níveis médio e superior. Por outro lado, esta idéia oportuniza, ainda, um retorno

de serviços à comunidade à guisa do que fazemos com a semana da enfermagem com palestras de esclarecimentos sobre vários temas de saúde, o curso de primeira comunhão e o Curso de Sensibilização e Conscientização de Motoristas e Cobradores em relação à pessoa idosa, ministrado por nós, as psicólogas Maria da Glória Lacerda, Aparecida Darcy da Silva Santos e a pedagoga Maria de Lourdes Teles Alves, Irmã Raimunda Landim Fernandes, coordenado pela promotora de eventos, Telma Moura, às quais muito agradecemos.

Aqui estamos, pois, fundando o nosso Clube de Leitura, e as vantagens deste deixarei para a nossa psicóloga Geovana Borges e a mestra desse assunto, a professora Siomara Castro Nery.

Para que tudo isto acontecesse, contamos com a substancial ajuda, dedicação, desprendimento de toda equipe de coordenação da Campanha dos 90 anos, equipe esta com a qual tenho a honra e muito orgulho de trabalhar, composta pelos empresários Marcos Mendonça, Carlos Lessa e Eduardo Chalhoub, professora doutoras Dalva Beltrami e Maria Izabel Lopes, publicitários Rildo Mota, Marcos Lessa e Mariana Seixas, representando respectivamente a Maximídia e a M-21, a Coordenadora de Eventos, Telma Moura, à qual quero fazer um agradecimento especial, os jornalistas Zé Carlinhos e Valério Magalhães e a Secretária Maria Mônica Mendonça.

Contamos, ainda, com as importantes colaborações das professoras Renné Albagli Nogueira, Maria Luiza Heine, Maria Luiza Nora, Maria de Lourdes Teles, mais uma vez, Rosane Cabuz e da mestra em Leitura, nossa mestra, Siomara Castro Nery, que é autora do projeto que será apresentado.

O acervo da biblioteca do Projeto será doado pela comunidade, instituições de ensino, editoras, livrarias, empresas etc. A UESC, com a interferência e prestígio de Baisa Nora, já nos doou 35 títulos em duplicata.

Não pretendemos parar por aqui; logo abriremos uma cam-

panha para arrecadação de instrumentos musicais, inclusive piano e órgão para que tenhamos trabalhando conosco musicoterapeuta e terapeuta ocupacional.

A todos vocês de corações generosos, que doaram aos nossos idosos e a esta Casa, amor traduzido pela doação do conhecimento, entusiasmo, trabalho e tempo, que já lhes é tão escasso, o nosso Muito Obrigado.

A importância da leitura para o idoso (Por Geovanna Borges)

(Sobre a importância da leitura para o idoso, em seu processo de envelhecimento, a psicóloga Geovanna Borges, voluntária do Abrigo, escreveu o seguinte texto):

A leitura individual ou em grupo proporciona ao indivíduo benefícios bio-psico-sociais, estimula a atividade neurológica (memória, percepção e cognição), trabalha as emoções através da projeção, onde o indivíduo vive a fantasia e estabelece novas relações. O hábito da leitura relaxa, forma opinião, oferece novas perspectivas e estimula a capacidade de pensar e aceitar o novo e o diferente, bem como funciona como higiene mental.

Dentre as várias alterações fisiológicas advindas do processo de envelhecimento, estão as funções do sistema nervoso, principalmente as de origem neuropsicológicas, envolvidas no processo cognitivo, como aprendizado e memória. Essas alterações, próprias do idoso, geram insegurança e comprometem o bem estar psicológico do mesmo, trazendo prejuízo físico e mental.

O isolamento é uma característica do idoso, que já não se sente capaz de interagir e trocar idéias com outras pessoas, estando suscetível a transtornos como depressão e demência, comprometimento cognitivo e da memória.

A leitura exerce papel importante em qualquer estágio da vida, pois oferece ao leitor um encontro consigo mesmo, uma catarse dos conflitos e da agressividade, uma segurança espiritual, sentimento de amor, ação diante dos desafios e superação das

dificuldades. Diante do tema abordado neste projeto, a leitura, aliada à psicologia, trará subsídios ao tratamento de transtornos mentais, através da biblioterapia, uma técnica que utiliza a leitura como coadjuvante do tratamento físico e mental do indivíduo. Através da leitura, o idoso estará informado do seu processo físico e psíquico de envelhecimento, reajuste ocupacional, atualização educacional e socialização.

Em grupo, a leitura favorece a interação, a expressão de sentimentos de receio, angústia e anseios, bem como a partilhar de valores, problemas e troca de experiências. Os resultados psicológicos visados são: lazer, aumento da auto-estima, desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e estímulo à criatividade.

A biblioterapia age de forma interdisciplinar, unindo de forma dinâmica, a literatura, a medicina, a psicologia, a enfermagem e a educação. O pluralismo interpretativo dos comentários do texto deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão de mundo; o texto abre espaço para os comentários e a interpretação, propondo uma escolha de pensamento e comportamento.

A sociedade deve estar preparada para enfrentar os novos desafios político-sociais de atenção ao idoso, criando condições que possibilitem um envelhecimento saudável. Atender a este segmento da população é imprescindível e inadiável. Vale lembrar que o jovem de hoje é o idoso de amanhã.

O projeto foi lançado em dezembro de 2006 e, no dia 8 de janeiro de 2007, aconteceu a primeira edição do Clube de Leitura do Abrigo São Vicente de Paulo. A noite foi comandada pela professora Siomara Castro Nery, que contou a estória “A moça tecelã”, de autoria da escritora Marina Colassanti. O projeto contou com a participação da atriz e cordelista Janete Lainha, e do contador de histórias Sidney Moreira Santos, cuja performance fez as pessoas rirem bastante.

Em outra edição do Clube de Leitura, a professora Siomara contou “História de Amor”, de Regina Rennó. Em seguida, foi contada uma estória, por uma voluntária, aluna do Curso de Leitura da UESC, Leila Raposo, que utilizando encenação teatral e linguagem sertaneja, leu “Sertão” de Wilame Lima Silva. Como de costume, os idosos participaram com atenção e entusiasmo, fazendo muitas perguntas e, ao final, aplaudiram entusiasticamente as professoras, dizendo: “ela merece, ela merece!”. As professoras, além de fazerem a leitura como voluntárias, também levaram um bolo para o lanche dos idosos. A comunidade participa com simpatia e entusiasmo da visita aos idosos.

O sucesso do projeto é evidente. Aos poucos, a comunidade participa, pois além dos idosos do Abrigo, pode-se contar com algumas senhoras, voluntárias visitantes, que participam espontaneamente. Na edição realizada em 08 de fevereiro, foi contada a estória “Urubu queria ser passarinho”, de Antonieta Dias de Moraes, por Ednéa de Menezes Leal. O evento contou com a presença de voluntários e da coordenadora do projeto, professora Siomara Nery, que anunciou sua próxima leitura: “Minha irmã é diferente”. Aconteceu também uma sessão de cinema, com o filme “História de Amor”.

A seriedade e a transparência com que estão sendo desenvolvidos os projetos dentro da campanha “ADOTE UM VELHINHO”, em benefício dos idosos e do Abrigo São Vicente de Paulo, sensibilizam, cada vez mais, a comunidade ilheense. Por conta disso, o abrigo tem recebido contribuições diversas, através de espetáculos como o encontro de corais, no Teatro Municipal, realizado em 22 de novembro de 2006, com doação de leite em pó, produzido por Nilson Valença; a entrega do troféu “Destaque do ano – Cacau de Ouro 2006”, realizado pelo radialista Quinto de Souza, também com doações de alimentos; a entrega de certificados com apresentação de ballet clássico e sapateado da escola de ballet Dinâmica e Movimento, ocorrido em

dezembro de 2006, também no Teatro Municipal, com direção da bailarina Dulce Drumonnt, que repetiu o espetáculo alguns dias depois, em benefício do Abrigo, com a doação de dois quilos de alimentos. Também em dezembro de 2006 foi realizada a “II Feira do Lar – Nossas Mãos”, com mesas decoradas para o Natal, um colírio para os olhos, apresentadas com a colaboração de Ana Barreto, Alana Maron, Celeste Chalhoub, Lolô Mendonça, Márcia Menezes, Magnair Oliveira, Simone Flores e Taty Bonfim, além da boutique Maria Maria. A idealizadora do projeto foi a Sra. Djalma Rosemberg e, para assistir ao espetáculo, foi vendido um convite, cujo custo foi de R\$10,00 com direito a lanche. O evento ocorreu no Alto da Boa Vista.

Não podemos esquecer a iniciativa da Srta. Terezinha Albagli, que, ao comemorar seu aniversário, em Salvador, pediu que os amigos não levassem presente. Na entrada da festa havia uma urna para ser colocada a contribuição em dinheiro. Foram arrecadados mais de cinco mil reais, que foi entregue à direção do Abrigo São Vicente. Também a Sra. Marlene Landim que, na comemoração do seu aniversário, pediu a suas amigas que não levassem presentes, mas duas latas de leite em pó, cada uma, que foram doadas para o Abrigo.

Ainda foi realizado um outro evento de importância, na “insana” luta para arrecadar verbas e assim, saldar os compromissos assumidos, na necessária reforma das instalações do Abrigo e proporcionar lazer aos idosos, que foi a realização da 1ª Exposição de Artes dos idosos da casa, sob a orientação da artista plástica Márcia Menezes, que vem desenvolvendo um expressivo trabalho voluntário de aulas de pintura para os idosos. Estes demonstram criatividade e bom gosto. O evento foi realizado no dia 09 de dezembro, no salão de eventos do Abrigo.

A instituição encerrou o ano de 2006 com um sorteio de uma Super Cesta de Natal, incluindo duas entradas para o reveillon 2007 no Canabrava Resort Hotel, gentilmente cedidas

pelos proprietários, Sr. Ednei Espírito Santo e sua família. O custo do bilhete da cesta foi de R\$5,00 (cinco reais) e o sorteio foi realizado no dia 22 de dezembro, no Salão de Eventos do Abrigo.

(É bom que fique registrado que a Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus, sob a direção do Dr. Antonio Espírito Santo e administração da irmã Raimunda Landim, tem sido acolhida pela comunidade, com muita simpatia e boa vontade; tudo isso associado à seriedade e responsabilidade dos trabalhos desenvolvidos, pelos que ali prestam serviços, sejam estes voluntários, funcionários ou diretores, que buscam dar o melhor de si, para que os idosos tenham conforto, segurança e dignidade).

O trabalho voluntário de Márcia Menezes

A artista plástica Márcia Menezes, comerciante bem sucedida, resolveu doar parte do seu tempo, uma tarde por semana, ensinando os idosos a pintar. Sua experiência foi um sucesso.

Márcia Menezes nasceu em Valença, no interior da Bahia, e mudou-se ainda adolescente para Ilhéus, onde se casou e reside até hoje. Apaixonada pelas artes plásticas, Márcia decidiu mergulhar de cabeça em um mercado que expressa o belo, usando muita criatividade e emoção.

Sua primeira exposição, realizada em janeiro de 2006, no Bataclan, em Ilhéus, foi um verdadeiro sucesso. Inspirada na beleza incomparável da Mata Atlântica, a maior parte de suas obras retrata o tropicalismo. Os pontos altos de suas telas são a sensibilidade e a facilidade com que consegue retratar as plantas nativas e as flores tropicais, fielmente reproduzidas em telas individuais ou dípticas. Apesar do pouco tempo como artista, as pinturas de Márcia Menezes chegaram a várias partes do mundo. Ela já vendeu telas para países como Itália, Portugal e Alemanha; no sul da Bahia, é muito comum encontrar suas telas decorando paredes de residências, escritórios, clínicas e os mais diversos locais.

Demonstrando que, por trás da paixão pelas artes, também

se destaca a responsabilidade social, a artista plástica decidiu ampliar seus horizontes e ajudar a alegrar a vida das pessoas. Sua primeira ação está sendo a de ministrar um curso de pintura em telas para um grupo de idosos do Abrigo São Vicente de Paulo. No mês em que a instituição comemorou seus 90 anos de atuação na cidade, a artista decidiu dar sua contribuição.

O curso teve início no dia 4 de outubro e, desde então, uma vez por semana, a artista se reúne com os idosos do abrigo, para estimular neles o gosto pela arte. A artista conta que, há muito tempo, sonha realizar ações como esta, por acreditar que todas as coisas boas que tem recebido em sua vida devem ser repassadas àqueles que necessitam. Ela acredita que uma pessoa só é plenamente feliz quando consegue levar alegria para o próximo e praticar ações que possam trazer benefícios para os que mais precisam.

Márcia Menezes considera que o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais dentro dos abrigos, é capaz de liberar o potencial criativo, exteriorizar idéias, desenvolver a habilidade motora, aguçar o senso estético e aumentar a informação cultural e a auto-estima dos idosos. “Queremos também despertar o contentamento e a alegria deles, neutralizando sentimentos de tristeza e abandono”, afirma. Outro ato de solidariedade da artista foi doar uma de suas telas para o abrigo, a fim de que possa ser vendida e o dinheiro revertido para a instituição. “Quanto mais me sinto satisfeita e feliz com o meu trabalho, mais sinto vontade de ajudar o próximo”, conclui.

Foi uma experiência muito válida, avaliam as pessoas que lidam com os idosos, e, principalmente, os próprios idosos. Segundo os observadores, “a alegria ficou estampada no rosto dos idosos que participaram do curso de pintura com Márcia Menezes”.

Para dona Maria Luiza, de 79 anos, que já estava há quatro anos no abrigo, foi uma experiência única e muito positiva. “Eu fiquei muito feliz, pois nunca tinha pintado nada antes, e as pessoas elogiaram muito a minha tela”. Ela pintou um vaso com flo-

res e dentro dele as palavras: Felicidade e Amor. “São sentimentos positivos que traduzem como estou me sentindo agora”, contou. Ela foi o grande destaque da primeira aula. A artista plástica se surpreendeu com o que viu. “Não dá nem para acreditar que ela nunca pintou. Tinha um dom escondido, que só precisava ser estimulado”, disse.

Seu Júlio José, de 75 anos, carpinteiro aposentado, disse que nunca teve a oportunidade de pintar, mas adorou a experiência e ficou entusiasmado, na expectativa da próxima aula. “Já vou começar a pensar no que pintar, da próxima vez”, disse eufórico. Dona Celcina Santos, de 66 anos, demonstrou ser uma aluna muito especial. Ela pintava e, depois de um tempo, dava uma volta e retornava a pintar com novas idéias. “Pintei uma casa para eu morar. Acho a arte uma coisa muito bonita”, afirmou.

Márcia Menezes se mostrou bastante surpresa com o resultado. “Não esperava que eles fossem ter tanto interesse pela pintura, nem que houvesse tantos talentos por aqui”. A artista se emocionou por diversas vezes e explicou que há muito tempo tinha vontade de fazer algo desse tipo, mas por falta de tempo, acabava adiando. “Deixamos pra depois muitas coisas que podem fazer um bem imenso, não só para as pessoas, mas para nós também”. Ela acredita que, com ações simples como essa, é possível levar alegria e carinho aos idosos. “Eles merecem e precisam dessa atenção”.

A idéia de Márcia era realizar uma exposição com as telas pintadas pelos idosos, o que foi concretizado no mês de novembro de 2006. “Isso vai ajudar a elevar-lhes a auto-estima, pois saberão que têm um enorme potencial, e que as pessoas admiram o que eles fazem”. Os profissionais que trabalham com os idosos ficaram bastante satisfeitos com os resultados obtidos, e elogiaram a ação de Márcia Menezes, afirmando que os idosos necessitam de interação e recreação. “É preciso estimular o cérebro deles, mantendo-os em atividade sempre que possível”, afirmou Telma

Moura, coordenadora da Campanha “Adote um Velhinho”.

Em conversa conosco, Dr. Antonio fez questão de ressaltar a importância de pequenos gestos da administradora do Abrigo, Irmã Raimunda Landim. Ela gosta de ficar idealizando, imaginando formas de deixar o Abrigo mais bonito. Foi assim que mandou construir o Paineiro de São Vicente, pintura em azulejo, realizada pelo artista plástico de Salvador, Prentice, que está localizado em uma das alas da morada dos idosos. Representa o acolhimento do santo padroeiro da instituição, São Vicente que, com uma criança nos braços, acolhe também um idoso.

Outra obra é o poço da Samaritana, que simboliza a água que Jesus oferece. Quem beber aquela água jamais terá sede.

Além dessas, tem a fonte luminosa, um pequeno santuário com Maria de braços abertos, acolhendo, com suas graças, a todos os que ali chegam. E também a imagem de São Vicente, que tem o simbolismo do desprendimento, como nosso protetor, em lugar de destaque, sobre pedras naturais e no jardim iluminado, que simboliza as luzes do Espírito Santo atuando sobre o Abrigo e sobre os que ali chegam.

Saúde, arte e lazer para o bem estar do idoso – realizada por alunos da UESC

Enquanto trabalhávamos o livro, fomos, muitas vezes, ao Abrigo, para recolher material, fazer entrevistas, tirar fotos, participar de reuniões. Numa destas reuniões, Dr. Antonio nos chamou para apresentar a uma estudante de medicina, Christiane Pádua, que, juntamente com seus colegas realizavam um trabalho lúdico com muitos idosos. Eles pareciam brincar, enquanto cortavam papel, distraíndo, divertindo aqueles velhinhos. Pedimos, então, que eles nos passassem um texto que narrasse o trabalho que eles desenvolvem, como voluntários, com os idosos do Abrigo São Vicente de Paulo. Na seqüência, está o texto enviado pelos voluntários:

“A vida na 3ª idade não é tão fácil e tranqüila quanto parece. Infelizmente na sociedade ocidental, a identidade do idoso é construída pela contraposição à identidade de jovem, imputando-lhe características como inativo, fraco, demente, feio, impotente, chato, o que afeta profundamente sua auto-estima, gerando sentimentos de auto-depreciação. Tais sentimentos negativos se tornam intensificados pelas perdas das funções sociais, dificuldade de locomoção, redução da memória e do potencial laborativo.

Com respaldo no conceito ampliado de saúde como completo estado de bem estar físico, mental e social, um grupo de estudantes da UESC se reuniu e decidiu tentar amenizar estes aspectos negativos presentes no cotidiano do ser idoso. O grupo almeja resgatar o sentimento de cidadania do ancião e, conseqüentemente, melhorar sua qualidade de vida ao valorizar e explorar o seu potencial por meio de atividades físicas, culturais, criativas, manuais, intelectuais e sociais. O grupo é composto por quatro estudantes de medicina, Christiane Pádua, Fernando Dias, José Daniel Sousa e Rafael Rechtman; dois estudantes de educação física, Enderson Sena e Crystine Nascimento, e uma estudante de direito, Mariana Lima: são auxiliados por uma bacharela em psicologia, Geovanna Borges, e dois médicos, Dr. Antônio Espírito Santo e Dra. Mônica Moura Costa, apoiados pela Universidade Estadual Santa Cruz. Eles iniciaram o projeto “Saúde, arte e lazer para o bem estar do idoso” em maio de 2007.

O projeto consiste na realização de atividades físicas e de artes, as quais fazem parte da experiência do lazer. A livre expressão artística, em oficinas de desenhos, pintura, colagens, recortes e fotografias, estimula a mente e ajuda a manter sua higidez. As atividades físicas, como alongamento e dança, visam restituir parte dos movimentos e do cuidado com o próprio corpo. Assim, esperamos que o idoso adquira uma postura positiva frente à velhice e que aprenda a valorizá-la.

A experiência de trabalhar com estes idosos tem sido mui-

to gratificante, não se resumindo ao simples auxílio à população institucionalizada, e, sim, a uma valiosa troca de ensinamentos, conhecimentos e experiências.

Muita coisa tem sido feita na gestão de Dr. Antonio Espírito Santo, como presidente da Sociedade São Vicente de Paulo. Quem conheceu o abrigo e o visita agora, tem uma grande surpresa. Mas, sem dúvida, sua maior obra não pode ser vista, que é a capacidade de aglutinar pessoas que, voluntariamente, passam a atuar como amigos dos idosos, a valorizá-los, a restituir-lhes a auto-estima.

CAPÍTULO 6

ENVELHECER É VIVER

Maria Izabel de Souza Lopes

Não se está morto enquanto se deseja seduzir e ser seduzido (Charles Baudelaire)

Pode-se morrer em qualquer idade, mas para envelhecer é preciso viver.

Um começo

O envelhecimento é uma síntese de vida. O envelhecimento de uma pessoa é uma história única. Traz consigo a dialética das decisões tomadas num longo percurso que molda o corpo e o caráter. O envelhecimento de uma população é uma história coletiva. Traz consigo a dialética dos conflitos humanos, sociais, culturais econômicos e políticos. O envelhecimento da pessoa sempre foi uma questão pensada desde os filósofos gregos. Sempre foi trágica. Mas todas denunciavam ora as condições materiais em que as pessoas viviam, ora as perdas da capacidade física ou mental.

O envelhecimento de uma população é uma questão atual, é deste século XXI. Tragédia coletiva? Não. Conseqüência do avanço da medicina, das condições de vida urbana, das lutas contra as doenças, medicamentos preventivos, de outras tantas tecnologias que buscam tornar a vida mais longa e qualificada. Tecnologias essas que estão ao alcance dos povos porque seu conhecimento se tornou de domínio público e as condições para que tais tecnologias fossem desenvolvidas e produzidas também. Portanto, a humanidade já domina o conhecimento sobre longevidade ainda que nem todos os povos tenham acesso a ela.

No Brasil, estamos atingindo rapidamente o padrão de expectativa de vida dos países desenvolvidos, mas não temos a qualidade de vida necessária aos últimos 15 anos de vida da maioria da população com idade acima de 60 anos. Ao contrário dos países europeus mais avançados, não temos ainda o problema de reposição populacional. Os nascidos vivos ainda superam, em quantidade, os que têm 60 anos ou mais. Temos, assim, uma vantagem relativa. Relativa porque as primeiras informações do IBGE no senso em andamento no ano de 2007 mostram que nas cidades mais avançadas do país há uma tendência de aumentar a população idosa se contrapondo a uma tendência de diminuir a população jovem. O mesmo ocorre nas cidades pequenas cuja economia principal é a agricultura. Mas, no geral, não corremos o risco de ser um país de velhos, embora estejamos envelhecendo com vida bastante prolongada.

Já há, no Brasil, uma política de atendimento ao idoso tratada no Estatuto do Idoso em vigor desde janeiro de 2004. É um avanço e, embora nascida sob os auspícios da cidadania, sua prática ainda é predominantemente assistencialista.

O envelhecimento ainda é marcado pelo preconceito, pela discriminação e pelo medo da solidão e do abandono. Ao mesmo tempo, viver bem e bastante é um desejo do homem que quer testemunhar, por longo tempo, a sua própria construção neste mundo. É nesse confronto de medos e esperanças que vamos mergulhar nossas reflexões.

O tabu do envelhecimento e o mito da juventude eterna

Envelhecimento é um tema tabu. Mais um tabu a ser vencido nesta sociedade que decretou a juventude como valor universal. Faz sentido. O mundo moderno consumista carrega a idéia de que tudo deve ser renovado ou substituído rapidamente. A noção de juventude está associada à noção de utilidade, enquanto que a noção de envelhecimento está associada à idéia de inutilidade.

Assim é no mundo coisificado. Substituímos os móveis velhos, o carro velho, as roupas e sapatos velhos porque se tornaram pouco úteis para sua finalidade. Essa idéia foi transposta também para o mundo dos seres humanos: jovens substituem os velhos. A noção de velho varia conforme a atividade profissional. Hoje, entre os modelos profissionais, já está velho quem tem um pouco mais de 20 anos, salvo as exceções de sempre. Já está velho quem atingiu a idade de 40 anos no mercado de trabalho competitivo que busca renovação permanente combinando novas idéias com custos mais baixos. A vida produtiva fica condicionada a critérios também renováveis. As explicações para tal fato estão bastante difundidas pela mídia especializada e fazem parte de uma destruição não construtiva porque não oferece alternativa. Os propósitos têm o tempo de um copo de papel.

Há uma inversão de valores. Coisificamos as pessoas e as relações humanas. O dia a dia nos revela isso mostrando como estamos ficando selvagens com nossa juventude supostamente eterna. Esquecemos que as coisas são os resultados das ações humanas e de sua incrível capacidade de transformação da matéria. Não se pode separar e nem inverter o construtor e a coisa construída. Há uma fetichização das coisas. Damos às coisas uma importância vital que retiramos das pessoas.

Que ironia! Aplaudimos as tecnologias de saúde que diminuíram o número de crianças que morriam ao nascer, ou que tivessem um breve tempo de vida, mas lhes dificultamos a longa vida. Ainda estamos na fase de “só vale nascer”. Aplaudimos também as tecnologias que melhoraram as condições de vida das pessoas, controlaram e erradicaram doenças, incorporaram sistemas urbanos de higiene e bem estar. Avançamos em melhores condições de trabalho, melhoramos as pesadas tarefas domésticas, as distâncias foram vencidas com transportes modernos e as pessoas se aproximaram com o acesso à informática. O outro lado do mundo ficou do nosso lado. Tudo isso com o propósito de dar às

pessoas condições de viverem mais e melhor.

Assim os que tiveram a sorte de nascer, de driblar as doenças, escapar de acidentes e de outras agressões da vida natural e social, prolongam suas vidas, mas se deparam com a assustadora idéia de envelhecer.

A modernidade nos pregou uma peça. Permitiu uma vida mais longa, mas condenou o envelhecimento. Criou o mito da juventude eterna, velho sonho da fonte da juventude. Interessante: a criança quer ser jovem muito cedo e os adultos não querem sair da juventude. A juventude se tornou um valor universal e deixou de ser apenas um momento da vida. Isso mesmo, um momento. A vida é rica de momentos, mas transformamos o envelhecimento num tabu, numa recusa, num sofrimento.

O mundo ocidental nunca soube lidar com isso. Sempre houve velhos e muitos velhos na sociedade em todos os tempos, mas a diferença é que nunca houve tantos velhos ao mesmo tempo na sociedade. Essa é a novidade deste século. Teremos muitas gerações juntas. Pais e filhos, avós, bisavôs e tataravôs vivendo no mesmo tempo provocarão mudanças na estrutura familiar, e as relações sociais serão inovadas.

A velhice é um segredo vergonhoso e tema proibido, alerta Pellissier, abordando o modo como o mundo trata a velhice. Mas ele também nos diz que é necessário romper com a conspiração do silêncio. Teremos que reinventar a velhice da mesma forma que no século XIX reinventamos a infância.

O envelhecimento como perda

Temos medo de envelhecer. Por que? Há perdas da boa visão, da boa audição, do bom paladar, do bom olfato. Perdemos a firmeza da força muscular, a agilidade, o viço da pele. Perdemos a resistência e nos tornamos vulneráveis às doenças, que pela incidência na idade, dá-se o nome de doença de velhos. Nosso corpo é o primeiro alvo e muito visível.

Perdemos nossos familiares ascendentes, amigos contemporâneos. Perdemos nossos colegas de trabalho quando dele saímos. Perdemos o respeito de outrem.

Perdemos a memória, a vontade e os sonhos. A natureza biológica segue seu curso implacável. Mas os homens também não perdoam. Ao viver uma vida como se nunca fossem envelhecer, destroem-se e aos outros numa luta pela eterna juventude usando de todas as artimanhas possíveis.

Tratar do envelhecimento como perda não é difícil. É o que mais se encontra na literatura especializada. A história do pensamento humano sempre tratou desse tema. E a história das mentalidades sempre o viu de forma preconceituosa. Diferente do que o saber popular prega, os velhos sempre foram maltratados em todas as sociedades. A reverência aos velhos só se deu pela força, pela tradição e pelo carisma. Hoje se incluem os que estão economicamente bem situados.

A literatura de ficção também não foi e não é muito gentil com a velhice, embora sempre haja personagens velhos nas histórias. Também são reconhecidos se o personagem representar alguma posição na estrutura societária do enredo.

As artes plásticas tiveram o mérito de expressar as imagens de personagens do cotidiano. Mas o tratamento dado ao velho nas imagens midiáticas ou publicitárias são insensíveis.

Doenças como Alzheimer e Parkinson são doenças fantasmas que assombram as pessoas no processo de envelhecimento, mas nem todas as pessoas idosas são ou serão portadoras do mal de Alzheimer e Parkinson. Utilizando a metáfora de Pellissier, à noite, nem todos os velhos são cinza.

O envelhecimento como ganho

Hoje muitos estão envelhecendo. Então, há ganhos. As ciências e tecnologias avançaram para manter o homem vivo e bem por tempos cada vez mais longos. As conquistas sociais também

permitiram que a expectativa de vida se estendesse. Cada geração constrói um legado que deixa para a geração seguinte. Nessa construção somos testemunhas ativas ou passivas. Por ação ou omissão participamos da construção do mundo no qual vivemos.

A geração que hoje envelhece é a geração que deu novo sentido ao mundo do pós-guerra. Foi revolucionária nos idos anos 60. Houve muita ação no mundo, principalmente nos países ditos de terceiro mundo. Foi agitadora levantando a bandeira do feminismo. As mulheres ganharam vez e voz. Depois, todas as minorias: movimento negro, de homossexuais, índios, portadores de deficiência. Defendeu Paz e Amor com os Híppies. O Rock ganhou força e os Beatles explodiram cantando “Help”. A ciência avançou com a ousadia dessa geração que possibilitou a invenção do computador pessoal, o celular. Mas, principalmente, essa geração rompeu com tabus e preconceitos. Mudou a maneira de pensar e usufruir a vida. Deu um novo sentido ao ser jovem.

Essa geração envelheceu, mas não está descartada. Tem nova tarefa. Precisa romper um novo tabu, dar novo sentido ao ser velho. Essa geração que envelheceu aprendeu a lutar mostrando que os jovens queriam viver e seguiram por muitos anos enfrentando essa luta: os jovens querem viver a vida. E se o sonho não acabou, essa geração envelhecida vai ter que lutar para viver e deixar como herança o direito dos jovens de hoje envelhecerem amanhã.

Envelhecer é isso. É fazer história. É um fazer história pessoal e coletiva.

O mundo envelhece: geração *baby-boom*

O envelhecimento da população mundial vem ganhando visibilidade já há algum tempo, entretanto, só depois da realização da Assembléia Mundial sobre Envelhecimento – AME, em Viena/Áustria, no ano de 1982, organizada pela Organização das Nações Unidas – ONU, é que a magnitude do fenômeno ganhou repercussão no mundo e também nos países desenvolvidos. Essa

nova geografia demográfica desafia pesquisadores, educadores e políticos a darem tratamento de inclusão social e econômica a esse segmento populacional que cresce de forma desigual, social e economicamente, acima e abaixo do Equador.

Esse fenômeno originado no século XX acabou por constituir um dos grandes temas do século XXI, ao lado do meio ambiente. Uma população que envelhece quantitativamente e um planeta que morre um pouco a cada desastre ecológico precisam de um tratamento qualitativo porque estão intrinsecamente articulados. A não atenção compromete as gerações futuras e o direito de envelhecer, com qualidade de vida, das novas gerações.

Esse fenômeno é conhecido como “geração *baby boom*” e faz parte dela a população nascida entre 1946 e 1964. Hoje, 2007, essa população tem entre 43 e 61 anos de idade, portanto todos na fase de maturidade e do envelhecimento. De acordo com os estudos realizados, temos, nesse período, a maior explosão demográfica concentrada conhecida na história da demografia humana.

As primeiras avaliações foram alarmantes, entre elas a que ficou mais conhecida foi a teoria do inglês, pastor e economista do século XVIII, Thomas Malthus, um estudioso de demografia que afirmou que enquanto a produção de alimentos crescia em progressão aritmética, a população crescia em progressão geométrica. Foi o primeiro a fazer um estudo relacionando o crescimento populacional e a produção de alimentos. De acordo com sua teoria, ocorre uma superpopulação quando uma sociedade tem alta taxa de natalidade e baixa taxa de mortalidade, quando ocorre o que ele chamou de crescimento anormal no ambiente. O crescimento populacional nesses termos provocaria a morte por fome e destruição do ambiente decorrente da guerra por comida.

A única forma de controle são os predadores que, no caso da população humana, são as doenças, as guerras, a fome e a miséria.

Entretanto, para Malthus, não é justo que a população humana seja controlada por esses predadores. É necessário que haja maior empenho dos meios científicos, médicos e ecológicos para um controle populacional. Seus estudos não levaram em conta o avanço tecnológico implementado no setor agrícola e industrial e diante disso sua teoria perdeu força. No entanto, é verdadeira a existência dos predadores como limitadores do crescimento populacional embora profundamente antiéticos. Doenças tais como o câncer, o diabetes, doenças cardiovasculares decorrentes de estilos de vida modernos são os novos fantasmas. A AIDS na África está solapando populações inteiras que sequer chegam a ter 40 anos de idade.

O século XX foi notável nos programas de controle da natalidade e das descobertas de tecnologias de combate a doenças, principalmente as endêmicas e epidêmicas, além de outras descobertas científicas de defesa e prolongamento da vida.

Associado ao índice de natalidade, o alto índice de mortalidade infantil foi derrubado nos países mais desenvolvidos e controlado nos países menos desenvolvidos. A mortalidade foi distribuída nas faixas etárias de jovens e de adultos mais vulneráveis a agressões sociais do que a doenças, já que muitas foram controladas e mesmo erradicadas. Ainda assim se defendeu a política de controle da natalidade posto em prática em grande parte dos países cuja resistência religiosa e cultural era mais fluída. Na passagem para este século encontramos um outro desdobramento decorrente das políticas de controle da natalidade e dos avanços da tecnologia de promoção e manutenção da vida: o sonho de viver mais se tornou real, uma vitória da produção humana na busca da longevidade.

Mas o resultado que emerge da combinação das políticas de “nascer menos” e “viver mais” decorrentes dos programas de controle da natalidade e melhoria das condições de vida material e intelectual é visto com alarme nos meios econômicos e nos meios políticos. De

forma sutil ou declarada defendem a “escolha trágica” de quem deve viver ou morrer, já que os predadores históricos se tornaram ineficazes e politicamente incorretos. Não por acaso o tema “eutanásia” está em evidência e por causas bem pouco humanitárias.

A ONU informa que o grupo populacional com mais de 80 anos é o que mais cresce no mundo e que hoje há aproximadamente 90 milhões de pessoas com essa idade e que em 2050 já serão 400 milhões. Hoje somos 670 milhões de pessoas com mais de 60 anos e em 2050 já seremos mais que um bilhão. O que deveria ser visto como uma conquista, está sendo apresentado como tragédia porque o principal argumento é que se corre um sério risco de não renovação da população visto que na ponta do nascimento os índices apresentados são negativos para os países mais avançados. O mesmo risco não correm os países menos desenvolvidos e nem mesmo para o Brasil.

Está na hora de globalizar as pessoas, repensar a idéia de nação. Redistribuir a população mundial não para os espaços geográficos, mas para o acesso às condições de melhoria da qualidade de vida para que haja um envelhecimento saudável e não sustentável. Não podemos decidir quem vai envelhecer e quem não vai, assim como não podemos responsabilizar o sujeito idoso pela decisão sobre se deve ou não viver mais.

A vida é um direito inalienável. Não se pode apostar na miserabilidade do idoso para que ele viva menos. Entretanto é um mecanismo predatório que está em curso para controlar a quantidade de pessoas idosas que está povoando o mundo. Esse mecanismo está sendo construído mediante restrições aos benefícios assistenciais, aposentadorias e planos e sistemas de saúde para a população idosa. Os homens querem viver mais, mas ainda não estão preparados para ver todos os homens viverem mais porque as gerações passadas não construíram um mundo para isso. Caberá à geração atual, jovens e velhos, fazer isso ou não haverá futuro para os jovens de hoje.

O Brasil envelhece

A população brasileira também está ficando mais velha. Em 2006, o Brasil tem 19 milhões de pessoas com mais de 60 anos, o que significava 10,2% da população total. Em 2040, serão 14,5% da população total. Significa que estamos rapidamente ingressando no conjunto dos países que têm mais idosos no mundo. A expectativa de vida ao nascer passou de 70,5 anos, no ano 2000, para 71,9 anos em 2005. Em 2006, a expansão da população com 75 anos ou mais é mais um indicador atribuído ao avanço da medicina moderna. Decorrente disso, em 2010, a população centenária poderá chegar a 45,4 pessoas, segundo o IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Já estão em curso muitos estudos sobre os impactos sócio-econômicos da demanda da população idosa. Diferentemente dos países mais avançados, o crescimento da população idosa não se deu de forma gradativa, mas na forma de salto. Os avanços tecnológicos permitiram assimilar resultados quantitativos imediatos, mas comprometeu a face qualitativa. Significa que nem bem se conseguiu resolver a questão da explosão demográfica ocasionada pela boa natalidade, ou talvez, pela demora em dar respostas rápidas ao fenômeno, já temos essa mesma população envelhecendo e exigindo respostas sociais e econômicas também urgentes. À primeira vista, o que se observa é que todo o sistema de atendimento assistencial, securitário e de saúde entrou em colapso. As avaliações econômicas feitas conduzem a um caminho assustador. Nas entrelinhas dos discursos pragmáticos sobre a relação velhice e sociedade permeia a dúvida quanto ao direito de as pessoas viverem muito.

Envelhecimento e cidadania

É muito difícil definir a velhice. Como diz Veras (1996, p. 384), *a velhice é um termo impreciso, e sua realidade, difícil de perceber. Quando uma pessoa se torna velha? Aos 50, 60, 65 ou 70*

anos? Nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social. Uma pessoa é tão velha quanto suas artérias, seu cérebro, seu coração, seu moral ou sua situação civil? Ou é a maneira pela qual outras pessoas passam a encarar estas características que a classifica como velha? Não é possível estabelecer conceitos universalmente aceitáveis e uma terminologia também globalmente aceitável para o envelhecimento. Inevitavelmente, há conotações políticas e ideológicas associadas ao conceito, que pode ser melhor visualizado dentro de sociedades específicas.

No Brasil, as políticas sociais dirigidas ao segmento idoso vêm caminhando por força das reivindicações de movimentos sociais. Reflexo disso é a Constituição Federal de 1988 que passou a tratar da Seguridade Social não mais sob o enfoque pobre de assistencialismo e sim sob a noção de cidadania. Mas ser velho é o que forja a consciência de um novo e inquietante segmento social, mesmo que, muitas vezes, o tratamento pareça ser diferenciado. Os artigos 20 e 21 da Lei nº 8742/93, que trata da Lei Orgânica da Assistência Social, em cumprimento ao art. 203 da Constituição Federal, dispõe sobre a garantia de pagamento de um salário mínimo mensal à pessoa portadora de deficiência severa ou profunda e ao idoso com 70 anos ou mais, que comprovem não possuir meios de prover sua subsistência, nem tê-la provida por sua família. Nesta Lei, considera-se idoso a pessoa que tem 70 anos ou mais, conflitando com as convenções internacionais estabelecidas pela ONU que considera velho aos 65 anos as pessoas do Primeiro Mundo e aos 60 anos as pessoas do Terceiro Mundo.

Na década de 70, mais precisamente, no período de 1976 a 1988, o movimento da Terceira Idade se consolidou. O Ministério incumbiu ao Instituto Nacional de Previdência Social a responsabilidade de formar profissionais especializados para trabalharem com grupos de idosos, tendo um apoio no ano seguinte, contando com a assessoria do SESC, São Paulo. Várias associações foram formadas, entre elas, em 1987, a Associação Nacional

de Gerontologia, que tinham por objetivo entender e ver o idoso.

Todas estas realizações tiveram sua importância e colaboraram na implantação de novos projetos, culminando na inserção do artigo 230 da Constituição de 1988 que diz o seguinte: “*A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas*”. Isto pôde ser considerado um marco histórico no que se refere à legislação e aos direitos dos idosos no Brasil.

De acordo com o art. 2º da Lei nº 8842/94, regulamentada pelo Decreto Federal nº 1948/96, *considera-se idoso (...) a pessoa de sessenta anos de idade*. Esta Lei dispõe sobre a Política Nacional do Idoso no Brasil e criou normas sobre o exercício dos direitos sociais do idoso. A determinação do indicador de idade está afeita a estudos anátomo-fisio-psicológicos que se modificam na medida em que os organismos políticos e científicos nacionais e internacionais regulam, mediante novas pesquisas e tecnologias, a longevidade qualitativa. Tais indicadores são monitorados e regulados pela ONU e por organismos internacionais a eles vinculados.

Em 2003, o governo federal promulga a Lei nº 10.741 que trata do Estatuto do Idoso com vigência a partir de janeiro de 2004. O Estatuto aglutina todas as questões que estão previstas na Constituição Brasileira, na Política do Idoso, Código Civil, Criminal, LOAS e outros. O Estatuto assegura proteção às pessoas com 60 anos ou mais. Garante o direito à vida e afirma que o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção é um direito social.

Se for um direito personalíssimo, as políticas públicas devem garantir essa condição, pois não é dado a ninguém o direito de dispor do tempo e da vida de outrem. Assim, não cabe a escolha trágica de quem deve morrer ou pode viver. Mas não bastam os direitos de papel. As condições para que possam ser exercidos são fundamentais. Trata-se de um processo educativo em que a população, seja jovem, adulta ou idosa, precisa aprender, reivindicar e

fiscalizar para poder garantir tais condições para os atuais jovens e para os que ainda vão nascer. Esse será um dos maiores legados que as gerações atuais deverão deixar.

Já é de conhecimento da sociedade brasileira e dos poderes públicos que a população idosa brasileira tende a crescer. Há tempo para se preparar, mas não muito tempo. Esse é o nosso desafio.

Caminhando

Hoje já há muitos estudos apontando para a necessidade de estarmos atentos à velocidade do processo de envelhecimento da população no mundo, embora cada país caminhe nessa direção com diferentes ritmos e situações. A literatura política e econômica, muitas vezes rude e pessimista, nos desafia a pensar na necessidade de soluções, pois, outra não há ou haverá se o direito à vida não estiver eticamente garantido e inquestionado.

Em 2002, o art. 6º da Declaração Política do Plano de Ação para o Envelhecimento, das Nações Unidas, diz que *quando o envelhecimento é entendido como um êxito, o aproveitamento das capacidades e das experiências dos idosos é naturalmente reconhecido como um fator valioso para o crescimento de sociedades maduras, plenamente integradas e humanas.*

Quer dizer, quando o envelhecimento agregar valor, seja ele cultural ou social ou econômico, teremos uma nova concepção de velhice no mundo e no Brasil. Já sabemos o caminho, urge avançar.

Referências Bibliográficas

- GARCÍA, A. V. M. Educación y vejez: aproximación y justificación conceptual. In: YUBERO, S. et al. (org.) **Envejecimiento, sociedad y salud**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1999, p. 11-41.
- HILLMAN, James. **A força do caráter e a poética de uma vida longa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOPES, M. I. S; BELTRAMI, D. M. Controversias sobre ocio y humanización bajo la visión del trabajo y de la tecnología. **Anais do 6º Congresso Mundial de Ocio**, Bilbao/Espanha, de 03 a 07 de julio/2000, CDROM E:\DOC\PO7311.doc.
- MONTELLO, Josué. **O Largo do Desterro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PELLISSIER, Jérôme. **La nuit, tous les vieux sont gris**. La société contre la vieillesse. Paris: Bibliophane-Daniel Radford, 2003.
- RAMAYANA, Marcos. **Estatuto do Idoso Comentado**. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2004.
- SCHIRRMACHER, Frank. **A revolução dos idosos. O que muda no mundo com o aumento da população mais velha**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SEMINÁRIO INTERNACIONAL “**Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século**”. Política Nacional do Idoso. Perspectiva Governamental. Brasília, julho de 1996.
- VERAS, Renato P. “Atenção preventiva ao idoso – uma abordagem de saúde coletiva”. In: PAPALÉO Netto, Matheus (org.) **Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 1996, p. 383-393.

Ilhéus, BA 30 de outubro de 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está feito. Não foi fácil aceitar uma empreitada deste porte, mas o desafio não intimidou a equipe, pelo contrário, tornou seus membros mais fortes e céleres, para vencer o maior obstáculo que se apresentou – o tempo. Este, que não perdoa e que é igual para todos, e que não pode ser encurtado, nem muito menos esticado.

Pode-se dizer que foi uma experiência enriquecedora e gratificante. Conviver com os voluntários que trabalham unicamente pelo prazer de servir, deixa a certeza de que ainda há esperança na construção de um mundo melhor.

Logo no início, após as primeiras reuniões, surgiram questões importantes: o Abrigo São Vicente de Paulo está completando 90 anos? Os fundadores do Abrigo são aqueles nove homens citados na placa de inauguração? Quem eram os vicentinos? Por que “sumiram”, não se tem mais notícias deles? A Sociedade São Vicente e o Abrigo são uma coisa só?

Ao final, tivemos muitas surpresas e conseguimos desvelar o que não era visível naqueles dias em que começamos o trabalho. Quase todas as perguntas encontraram suas respostas.

O pesquisador Alfredo Amorim da Silveira questionou a presença de seu pai, Renato Leite da Silveira, em 1916, por conta da data do seu nascimento. Foi então que, a partir das pesquisas realizadas, ficou esclarecida a questão, que assim se coloca: em 1916, foi fundada a Sociedade São Vicente de Paulo, para dar assistência à população pobre que vivia pelas ruas, pedindo ajuda, os mendigos, como também para cuidar espiritualmente dos presidiários, dando-lhes, além do conforto espiritual, apoio material. Os fundadores da Sociedade São Vicente de Paulo foram os vicentinos, uma organização que congrega leigos católicos que trabalham movidos pela justiça e caridade, buscando aliviar os sofrimentos do próximo, mediante o trabalho coordenado de seus membros.

Esta organização foi fundada em Paris, França, no ano de 1833, por Antonio Frederico Ozanam, que na época estava com 20 anos de idade, juntamente com alguns companheiros. O intelectual francês Ozanam decidiu transformar o discurso das Conferências de História na Universidade de Sorbonne (França), em práticas e ações concretas, chamadas Conferências de Caridade. Seus ideais se espalharam pelo mundo, aportando na cidade de São Jorge dos Ilhéus no segundo decênio do século XX, culminando com a fundação da sociedade, em 1916. Durante muito tempo eles trabalharam sem ter sede própria, reunindo-se no salão paroquial da Igreja de São Jorge.

No ano de 1927, a instituição fundou uma escola para meninos pobres no alto da Conquista, àquela época ainda dividido em fazendas, arredores da cidade.

Finalmente, em 1937, um grupo de jovens senhores ilheenses, que se incomodava com os pobres que perambulavam pelas ruas, com a presença de velhos desassistidos socialmente, dedicando-se à mendicância, construíram a Casa do Mendigo, contando com a ajuda da Prefeitura Municipal e da população ilheense. A sociedade, que não possuía sede, recebeu a doação de um terreno, por um dos seus membros, Dr. Raimundo do Amaral Pacheco; nele a Prefeitura de Ilhéus construiu a Casa do Mendigo, primeira sede da instituição. Esta casa ficava situada na Av. Itabuna, onde hoje está localizado o prédio da 6ª Dires, ou em suas imediações. No final da década de vinte e início dos anos trinta, começa a aparecer o nome dos nove homens, citados como fundadores, como pessoas dedicadas à SSVP e à Casa do Mendigo. Foram eles os responsáveis pela construção da sede do novo Abrigo, no alto da Conquista, em terreno da Fazenda Carilos, pois a Casa do Mendigo logo ficou pequena, tendo a capacidade de acolher cerca de 30 pessoas.

Em 1951, a SSVP ampliou seus horizontes, construindo, no alto da Conquista, o Abrigo São Vicente de Paulo para dar apoio,

em todos os sentidos, aos velhos de Ilhéus e da região.

Em agosto de 1955, as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição chegaram a Ilhéus com a incumbência de administrar o Abrigo São Vicente de Paulo, em sua nova sede, então com maior capacidade de abrigar os idosos e com uma estrutura maior. Em que pese muitas pessoas deixarem bens, em herança, para ajudar na manutenção do Abrigo, a situação financeira do mesmo nunca foi de folga, a instituição sempre necessitou da ajuda de campanhas para suprir suas necessidades.

Esta situação levou o Sr. Léviton Veloso, que se tornou presidente da Sociedade, no final dos anos setenta, do século vinte, a convocar seus companheiros do Lions Clube de Ilhéus, para buscarem uma solução definitiva para os problemas financeiros do Abrigo. Juntamente com seus pares, este homem que, desde sua chegada a Ilhéus, entendeu que fazia parte de sua missão ajudar na manutenção dos velhos do abrigo, resolveu construir a Casa de Retiro Nossa Senhora das Graças, com a finalidade de gerar renda para manter a instituição funcionando. Contou com o apoio da Ceplac, órgão mantido pelo dinheiro de todo o cacau produzido na região, do Instituto de Cacau da Bahia, da Diocese de Ilhéus, e dos homens e mulheres de boa vontade de toda a região.

O Abrigo São Vicente de Paulo dá assistência a 97 idosos e pode ser considerado um modelo na assistência ao idoso. É considerado um dos melhores do Brasil. Ao assumir a presidência da SSVV, o médico geriatra, Dr. Antonio Carlos Espírito Santo, deu à instituição sangue novo. Chegou sonhando alto e elaborando projetos ousados, cujas metas poderiam parecer utópicas. Mas ele conseguiu atingir seus principais objetivos, transformando o “velho” abrigo em um Lar para os Idosos. Para isso reformou as instalações antigas, provendo-a de mais e melhores recursos humanos e tecnológicos para que os velhos tenham um fim de vida mais digno.

Este trabalho não pretende, de forma alguma, esgotar a

história da Sociedade São Vicente de Paulo de Ilhéus, nem do seu Abrigo, o Lar de Idosos. É necessário que esta história seja conhecida da população para que esta ajude sempre na sua manutenção, independente de quem seja o seu presidente. Esta é uma instituição da cidade de São Jorge dos Ilhéus, foi construída por cidadãos ilheenses e por eles tem sido mantida, ao longo do tempo.

Aprendemos muito nestes quatro meses de trabalho; foi tudo muito corrido, mas, podemos dizer que cumprimos nossa missão, podemos até arriscar a dizer que, o resultado a que chegamos, foi muito mais do que esperávamos. Aprendemos que não é fácil para o idoso estar numa casa que não é a sua, e que não fazia parte dos seus planos estar lá - questões levantadas pela enfermeira Regina Lino e sua aluna Ana Flávia. Isto nos faz olhar para estes homens e mulheres de forma mais condescendente. Aprendemos com os depoimentos dos moradores, de “tia Berta”, que lembra das ações de seus pais, mesmo sendo ainda muito pequena, do amor demonstrado pelos voluntários e colaboradores.

Esperamos, com este livro, contribuir para ajudar no sucesso do Abrigo São Vicente de Paulo, cuja finalidade maior sempre foi e será a de cuidar da melhor maneira possível, dos idosos que lá estão.

Que Deus abençoe a todos os que colaboraram e que São Vicente continue aabençoar esta casa de caridade.

REFERÊNCIAS

JORNAIS CONSULTADOS

- Correio de Ilhéus, de 21 de julho de 1925 n.º 623 1ª p.
Correio de Ilhéus, de 20 de agosto de 1925 n.º 636 2ª p.
Correio de Ilhéus, em 19 de dezembro de 1925 n.º 688 2ª p.
Correio de Ilhéus, de 31 de agosto de 1926 n.º 792 2ª p.
Correio de Ilhéus, de 21 de setembro de 1926 n.º 800 2ª p.
Correio de Ilhéus, em 5 de fevereiro de 1927 n.º 852 2ª p.
Correio de Ilhéus, em 28 de junho de 1927 n.º 910 3ª p.
Correio de Ilhéus, em 4 de outubro de 1927 n.º 951 2ª p.
Correio de Ilhéus, em 24 de novembro de 1927 n.º 973 2ª p.
Correio de Ilhéus em 6 de dezembro de 1927 n.º 978 2ª p.
Correio de Ilhéus, em 15 de março de 1928 n.º 1020 2ª p.
Correio de Ilhéus em 11 de dezembro de 1928 n.º 1129 2ª p.
Diário da Tarde, 20 de novembro de 1930 n.º 805 1ª p.
Diário da Tarde, em 1º de julho de 1931 n.º 981 4ª p.
Diário da Tarde, em 25 de setembro de 1931 n.º 1051 1ª p.
Diário da Tarde, em 9 de outubro de 1931 n.º 1063 1ª p.
Diário da Tarde, em 24 de novembro de 1931 n.º 1100 4ª p.
Diário da Tarde, em 3 de janeiro de 1936 n.º 2309 1ª p.
Diário da Tarde, em 3 de junho de 1936 n.º 2428 1ª p.
Diário da Tarde, em 19 de julho de 1937 n.º 2753 1ª p.
Diário da Tarde, em 31 de julho de 1937 n.º 2764 1ª p.
Diário da Tarde, em 2 de agosto de 1937 n.º 2765 1ª p.
Diário da Tarde, em 5 de outubro de 1937 n.º 2818 1ª p.
Diário da Tarde, em 22 de agosto de 1939 n.º 3368 4ª p.
Diário da Tarde, em 17 de julho de 1940 n.º 3633 2ª p.
Diário da Tarde, em 18 de julho de 1940 n.º 3634 4ª p.
Diário da Tarde, em 4 de dezembro de 1940 n.º 3749 1ª p.
Diário da Tarde, em 5 de dezembro de 1940 n.º 3750 1ª p.
Diário da Tarde, em 1º de agosto de 1942 n.º 4242 4ª p.
Diário da Tarde, em 4 de maio de 1945 n.º 5058 4ª p.
Diário da Tarde, em 9 de maio de 1945 n.º 5061 4ª p.
Diário da Tarde, em 7 de agosto de 1946 n.º 5427 4ª p.
Diário da Tarde, em 27 de março de 1947 n.º 5611 4ª p.

Diário da Tarde, em 24 de março de 1948 n.º 5901 1ª p.
Diário da Tarde, em 24 de abril de 1948 n.º 5924 4ª p.
Diário da Tarde em 22 de dezembro de 1948 n.º 6118 2ª p.
Diário da Tarde em 21 de julho de 1949 n.º 6283 1ª p.
Diário da Tarde em 3 de agosto de 1949 n.º 6293 4ª p.
Diário da Tarde em 5 de dezembro de 1949 n.º 6390 1ª p.
Diário da Tarde em 13 de dezembro de 1949 n.º 6397 1ª p.
PELLEGRINI, Domingos. Desapontados. **Diário de Ilhéus**.
Ilhéus, 09 jun. 2007. Cultura e Lazer, p. 8.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
GIBRAN, Khalil. **O Profeta**. Rio de Janeiro: Gráfica Lux, 1973.
FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
SOUB, José Nazal Pacheco. **Minha Ilhéus: fotografias do século XX e um pouco de nossa história**. Itabuna: Agora, 2005.

OUTRAS REFERÊNCIAS

VERDERI, Érica. In: <http://www.cdof.com/idosos11.htm>. acessado em 06 maio 07.
Revista Lions Ilhéus – 50 anos. Edição comemorativa do Jubileu de Ouro de fundação do Lions Clube Ilhéus Centro, Ilhéus: Imprensa Gráfica da UESC, 2006.

DISCURSOS DOS CL:

NOBRE, Wilson. Ilhéus, s/d.
SILVA, Dalmiro. Ilhéus, 2001.
TEIXEIRA, J. A. Prisco. Ilhéus, 1997.

ANEXOS

LISTA DE PESSOAS QUE PASSARAM PELO ABRIGO (ordem alfabética)

NOME	Sexo	Nascimento
ADELAIDE GOMES MASCARENHAS	F	01/01/1927
ADELAIDE DE SOUZA BITTENCOURT	F	29/04/1895
ADÉLIA SILVA SANTOS	F	25/02/1928
ALBERTO SANTOS	M	05/05/1925
ALCENO NASCIMENTO DE JESUS	M	18/04/1906
ALEXANDRA SOUZA SANTOS	F	03/08/1984
ALEXANDRE ALVES DOS SANTOS	M	23/03/1905
ALEXANDRE MARTINS RAMOS	M	//1893
ALFREDO SANTOS	M	05/05/1925
ALGEZIRRO GUEDES	M	00/00/1914
ALICA ALVES	F	//1893
ALICE ANDRADE LESSA	F	23/12/1914
ALICE CRUZ	F	09/09/1898
ALICE NOLASCO BARROS	F	25/08/1905
ALIPIO PEREIRA DE CARVALHO	M	00/00/1895
ALMERENTINA ALVES RODRIGUES	F	20/01/1901
ÁLVARO BISPO DOS SANTOS	M	//1889
ALZIRA DIAS DA SILVA	F	//1905
ALZIRA MARIA LOPES SILVA	F	15/02/1906
ALZIRA SILVA	F	//1906
AMÁLIA SANTOS	F	08/05/1904
AMANDA CANDIDA SILVEIRA	F	20/05/1906
AMÉLIA MARIA NASCIMENTO	F	15/09/1917
AMÉLIA ROSA DE JESUS	F	//1903
AMÉRICA CRUZ	F	02/05/1896
AMÉRICO DOS SANTOS	M	25/12/1905
ANA ASSUNÇÃO LUZ	F	02/09/1905
ANA GOMES	F	04/01/1890

ANA LUIZA PACHECO	F	//1890
ANA MARIA DA CONCEIÇÃO	F	//1911
ANALIA SILVA ARAÚJO	F	//1921
ANDRÉ TOMAS DOS SANTOS	M	//1906
ANDRELINA COSTA MEIRELES	F	//1904
ANÉSIA DA CONCEIÇÃO BRASIL DE SOUZA	F	18/04/1883
ÂNGELO RICARDO RAMOS	M	//1900
ÂNGELO ROSA FILHO	M	10/02/1937
ANÍZIO BISPO DOS SANTOS	M	12/12/1907
ANTÍDIA FRANCISCA DO NASCIMENTO	F	16/06/1914
ANTÔNIA BELO SANTOS REGIS	F	//1907
ANTÔNIA GONÇALVES DOS SANTOS	F	24/02/1907
ANTÔNIA PEREIRA DA SILVA	F	02/11/1909
ANTÔNIE SANTOS REGIS	F	22/03/1910
ANTONIÊTA ROSA SANTOS	F	//1905
ANTONINA PEREIRA DO NASCIMENTO	F	10/05/1894
ANTÔNIO ALVES DE MEDEIRO	M	20/04/1893
ANTÔNIO CARDOSO ALVES	M	15/06/1904
ANTÔNIO DE FREITAS	M	//1896
ANTÔNIO ESTRELA FILHO	M	09/01/1904
ANTÔNIO FERREIRA DANTAS	M	//1923
ANTÔNIO FORTUNATO CESAR	M	13/06/1906
ANTÔNIO GOMES DE OLIVEIRA	M	13/10/1904
ANTÔNIO HENRIQUE LIMA	M	25/07/1918
ANTÔNIO HERMES SALES	M	18/11/1930
ANTÔNIO JOSÉ DOS SANTOS	M	00/00/1890
ANTÔNIO LIMA	M	//
ANTÔNIO MOREIRO	M	//
ANTÔNIO NOBERTO DA SILVA	M	27/03/1903
ANTÔNIO NOGUEIRA SANTOS	M	//
ANTÔNIO OLIVEIRA	M	02/11/1918
ANTÔNIO PACHECO	M	00/00/0000
ANTÔNIO TEODORO DOS SANTOS	M	13/06/1887
AREAELISTA F SANTOS	F	27/06/1910

ARIADNE SANTOS BOMFIM	F	03/07/1984
ARLINDA SILVA MELO	F	15/08/1905
ARLINDO JOSÉ DOS SANTOS	M	00/00/1908
ASCENDINA MARIA DE JESUS	F	//1904
AUGUSTINHA CONCEIÇÃO	F	00/00/1889
AUGUSTO CERQUEIRA COUTO	M	00/00/1910
AURELIANA ROSA SANTOS	F	//1896
AURELINA CONCEIÇÃO SANTOS	F	10/10/1899
AURELINA LIMA CHAGAS	F	//1883
AURELINA MARIA DA CONCEIÇÃO	F	//
AURELINA MARIA DA SILVA	F	25/06/1912
AURELINA SOUZA FRANÇA	F	15/03/1906
AURELINO JOSÉ CORREIA	M	08/03/1908
AURÉLIO JOSÉ PEREIRA	M	25/01/1899
AURELITA MARIA DA SILVA	F	25/06/1912
ÁUREO CLARÊNCIO DOS SANTOS	M	24/08/1906
ÁUREO CLAURÊNCIO DOS SANTOS	M	00/00/1901
AUTÉRIO DOS SANTOS	M	04/06/1941
BARTOLOMEU ALBERTO DE MAGALHÃES	M	00/00/1897
BELAMÍSIA DA ROCHA PASSOS SILVA	F	14/07/1890
BERNARDINO PEREIRA MATOS	M	00/00/1894
BRÁS BISPO DOS SANTOS	M	02/12/1911
BRÁULIO JOAQUIM SANTANA	M	27/10/1910
CARLINDO SILVA	M	//1911
CARMEM FRANCISCA HONORATO	F	12/09/1916
CARMOSINA AMARAL PASSOS	F	//1904
CARMOSINA DE CARVALHO STOLZ	F	//1902
CELECÍ MARIA DE JESUS	F	22/11/1901
CELINA TRINDADE ROCHA	F	//1895
CELSO COELHO DE SOUZA	M	00/00/1904
CLARA DA SILVA CORTES	F	07/04/1899
CLARICE BARBOSA DOS SANTOS	F	14/07/1911
CLARICE FELIX DOS SANTOS	F	13/07/1902
CLAUDEMIORO EPIFÂNIO DE ALMEIDA	M	//1911

CLAUDIONOR XAVIER COSTA	M	15/01/1910
CLODOALDO CONCEIÇÃO DOS SANTOS	M	00/00/1955
CLOTILDES LEMOS DE JESUS	F	00/00/1896
CONRADO JOSÉ DA SILVA	M	26/11/1897
CORNÉLIO JOSÉ DA CUNHA FILHO	M	//1905
CRUZ ALVES DE OLIVEIRA	M	//
DEJANIRA QUIRINO DOS SANTOS	F	06/08/1900
DEOCLÉCIMO ATANÁSIO DOS SANTOS	M	//1893
DEOLINDA MAGALHÃES PEREIRA	F	11/11/1905
DEOLINDA PEREIRA DA MATA	F	21/12/1896
DIOCELI PIMENTEL DE BRITO CUNHA	F	//1906
DIOCLECIANO ATANÁZIO DE JESUS	M	25/05/1983
DIOCLIDES FERREIRA SILVA	M	//1911
DIOLINDA FELIPE NERY	F	//1897
DIONÍSIA BATISTA SANTOS	F	00/00/1890
DIVA ALVES DOS SANTOS	F	11/02/1899
DOMINGOS BISPO DOS SANTOS	M	22/07/1908
DOMINGOS FRANCISCO FIGUEREDO	M	//1905
DOMINGOS VELÔSO	M	//1904
DUARIA DAURIA BARRETO	F	03/12/1897
DURVAL FERNANDES OLIVEIRA	M	00/00/0000
EDELZIRA SANTOS NASCIMENTO	F	22/03/1910
EDSON FONTES COSTA	M	27/10/1929
ÉLCIO NOVAIS	M	01/11/1912
ELEOINA RAMOS	F	08/06/1916
ELIAS FIGUEREDO COSTA	M	00/00/1906
ELIESER SILVEIRA LIMA	M	22/10/1903
ELVIRA HOLENVERGEM	F	10/10/1900
ERNESTO DA SILVA	M	15/06/1906
EROTILDES MARIA DE JESUS	F	02/02/1906
ERUNDINIA FONSECA ARAUJO	F	//1880
ESMERALDA EVANGELISTA VIEIRA	F	14/04/1907
ESTANILHA CORREIA DA SILVA	F	//1903
ETELVINA CARDOSO DOREA	F	//1899

ETELVINA FERNANDES DOS SANTOS	F	08/08/1902
ETELVINA MARI DOS SANTOS	F	10/01/1884
ETELVINA PEREIRA DA SILVA	F	//1903
ETELVINA SELMAM DOS SANTOS	F	03/12/1905
EUCLIDES MANOEL DOS SANTOS	M	09/11/1904
EUDÓXIA MARIA DO NASCIMENTO	F	//1988
EUNICE NOLASCO DOS SANTOS	F	20/05/1909
FAUSTINO ARAUJO DE OLIVEIRA	M	06/02/1899
FELIPE NERY GOMES	M	//1879
FERNANDO INOCÊNCIO DE ALMEIDA	M	//1889
FILOMENA PEREIRA DA SILVA	F	05/07/1910
FLORENÇA MARIA DE FREITAS	F	//1894
FORTUNATO SIMPLÍCIO NOGUEIRA	M	14/01/1914
FRANCINA MARIA DE JESUS	F	30/03/1919
FRANCISCA MARIA DE JESUS	F	03/03/1919
FRANCISCO ASSIS DA SILVA	M	02/04/1926
FRANCISCO JOSÉ BARBOSA	M	04/10/1900
FRANCISCO MENDES DE OLIVEIRA	M	//
FRANCISCO RODRIGUES CHAVIER	M	15/08/1997
FRANCISCO RODRIGUES DE JESUS	M	00/00/1918
FRANCISCO SALES DE CARVALHO	M	19/02/1904
FRANCISCO XAVIER DE JESUS	M	07/09/1928
GEORGINA SOUZA SANTOS	F	//1912
GILBERTO COLTINHO	M	06/07/1905
GREGÓRIO CARLOS DE OLIVEIRA	M	//1910
HENRIQUE BISPO DOS SANTOS	M	//1905
HENRIQUE MONSTANS WENSE	M	14/05/1911
HERCULANO BISPO BARBOSA	M	25/09/1904
HERMES DE PAIVA REGES	M	09/05/1908
HERMÍNIA SÁ	F	18/02/1895
HONORATO TOMÉ DOS SANTOS	M	//1902
HONORINA HELENA BARRETO	F	03/09/1887
HORÁCIO DANTAS OLIVEIRA	M	//1917
HORMÍNIA SÁ	F	//1895

HORMIZIDA FERREIRA ANES	F	20/06/1904
IBRANTINA AMARAL PASSOS	F	00/00/0000
IDALINA GOES PESSOA	F	//1898
ISABEL JOSEFA DA ENCARNAÇÃO	F	23/03/1871
ISABEL OLIVEIRA BARROS	F	//1896
IZAURA OLIVEIRA CALDAS	F	20/07/1912
JAMIR BRASIL DE SOUZA	M	00/00/1925
JARDELINA CAMPOS OLIVEIRA	F	//1900
JERÔNIMO GOMES DA SILVA	M	//
JESUÍNA BATISTA DOS SANTOS	F	28/04/1917
JOÃO ALVES DOS SANTOS	M	25/01/1910
JOÃO ANTÔNIO DA SILVA	M	00/00/1908
JOÃO ARMANDO DA CRUZ	M	//1889
JOÃO BATISTA DE SOUZA	M	//1891
JOÃO BATISTA FREITAS SOBRINHO	M	//1887
JOÃO BATISTA G. DOS SANTOS	M	24/06/1900
JOÃO BATISTA MARQUES	M	24/06/1914
JOÃO BATISTA PEREIRA	M	00/00/1904
JOÃO BATISTA SANTOS	M	03/04/1908
JOÃO ETELVINO DE ANDRADE	M	10/06/1904
JOÃO FERREIRA DA CRUZ	M	11/12/1914
JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS	M	14/01/1914
JOÃO FRANCISCO LEONARDO	M	00/00/0000
JOÃO GREALBERTO DOS S. ROSA	M	23/06/1911
JOÃO V. SANTANA	M	//
JOÃO VALERIANO SANTANA	M	15/01/1919
JOSÉ ALEXANDRE PEREIRA	M	19/03/1898
JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA	M	12/01/1916
JOSÉ ANTÔNIO DOS SANTOS	M	00/00/1926
JOSÉ BARBOSA DOS SANTOS	M	//
JOSÉ CALAZANS SANTOS	M	20/02/1907
JOSÉ CAMILO DE FREITAS	M	00/00/1894
JOSÉ CELESTINO DE ALCÂNTARA	M	15/12/1915
JOSÉ COSME LESSA	M	//1893

JOSÉ DA PAZ E SILVA	M	08/06/1910
JOSÉ DOMINGOS DO NASCIMENTO	M	08/10/1907
JOSÉ EUCLIDES DOS SANTOS	M	00/00/1910
JOSÉ FÉLIX DOS SANTOS	M	19/03/1900
JOSÉ FERNANDES DOS SANTOS	M	00/00/1899
JOSÉ FERREIRA DA CRUZ	M	11/12/1914
JOSÉ FRANCISCO DE ANDRADE	M	10/12/1905
JOSÉ FRANCISCO DE SANTANA	M	//1903
JOSÉ GALDÊNCIO DE MORAIS	M	30/10/1895
JOSÉ GOMES SILVA	M	19/06/1901
JOSÉ GONÇALVES DE OLIVEIRA	M	17/03/1913
JOSÉ GONÇALVES PINTO	M	00/00/1881
JOSÉ INÁCIO DA SILVA	M	25/03/1900
JOSÉ LUIZ DOS SANTOS	M	20/02/1918
JOSÉ MARIA DE JESUS	F	//1905
JOSÉ MARTINS DE SOUZA	M	15/10/1899
JOSÉ MENDES	M	//
JOSÉ MINEIRO DA SILVA	M	//1893
JOSÉ MOREIRA DE FREITAS	M	20/01/1906
JOSÉ NICOLAU COELHO	M	19/03/1907
JOSÉ PAIXÃO DOS SANTOS	M	22/04/1905
JOSÉ PEREIRA DE SOUZA	M	//1900
JOSÉ THEODORO DO NASCIMENTO	M	00/00/1899
JOSEFA BARBOSA DOS SANTOS	F	03/01/1922
JOSEFA BATISTA	F	//
JOSEFA MARIA DE JESUS SANTOS	F	27/09/1903
JOSEFA PASTORA DE JESUS	F	10/05/1890
JOSEFA SANTOS	F	15/04/1906
JOSEFA TIBÚRCIO SANTOS	F	29/12/1908
JOSEFA VIRGÍNIA FIDELIS	F	//1910
JOSIAS DE ARAUJO	M	//1913
JOSINA SANTANA FERREIRA	F	//1916
JOVELINA DOS SANTOS	F	//1912
JOVELINA MARIA DA SILVA	F	05/02/1894

JOVEM BRÁULIO DOS SANTOS	M	11/10/1910
JOVINIANA ROCHA TRINDADE	F	//1886
JUCELINO LIBERATO DOS SANTOS	M	//1828
JÚLIA MARIA DA CONCEIÇÃO	F	24/07/1938
JÚLIA MARIA SANTOS	F	28/07/1905
LAUDELINA ALVES CAMPOS	F	14/05/1912
LAUDEMIRA FRANCISCA VITORIA	F	//1882
LAURA FARIAS SENA	F	07/05/1907
LAURA MARIA DE JESUS	F	05/11/1913
LEONARDO BATISTA	M	06/11/1921
LEÔNIDES ARAGÃO DE ALMEIDA	M	24/02/1924
LEONÔR CALDAS FONTES	F	08/07/1904
LIBÂNIA MARIA DE JESUS	F	25/02/1905
LÍDIA DE ARAUJO GOIS	F	00/00/1902
LÍDIA MARIA DE JESUS	F	00/00/1894
LINDAURA MARIA DA CRUZ	F	06/08/1898
LINO PEDRO DOS SANTOS	M	00/00/1901
LORADIA MONTANS	F	00/00/1905
LUIZA CALDAS BARBOSA	F	02/02/1905
LUZIA DA COTAS	F	//1910
MADALENA CALISTA DE JESUS	F	//1904
MANASSÉS GODINHO DE SOUZA	M	16/01/1909
MANOEL BISPO DOS SANTOS	M	//1902
MANOEL CONRADO	M	10/03/1914
MANOEL FELIPE DA FONSECA	M	00/00/1901
MANOEL FERREIRA DA SILVA	M	29/09/1906
MANOEL FERREIRA MELO	M	00/00/0000
MANOEL FLORIANO DE LIMA	M	00/00/1894
MANOEL FRANCISCO DE OLIVEIRA	M	00/00/0000
MANOEL JOÃO DA SILVA	M	00/00/1904
MANOEL MARIANO DE LIMA	M	//1894
MANOEL REIS	M	//
MANOEL SABRINO DE ARAUJO	M	08/01/1901
MANOEL SANTANA NASCIMENTO	M	00/00/1900

MANOEL SOARES DA SILVA	M	00/00/1919
MANOEL SOTERO DA SILVA	M	31/07/1901
MANOEL VITOR DOS SANTOS	M	//1900
MARÇAL MANOEL DOS SANTOS	M	10/01/1900
MARCELINA MARIA DE JESUS	F	15/08/1914
MARCELINA ROSA DE JESUS	F	//1888
MARCELINO LIBERATO DOS SANTOS	M	//1904
MARCELINO XAVIER DE SOUZA	M	12/05/1899
MARCIANO NERI GONÇALVES	M	00/00/1889
MARCIONÍLIA MARIA MOURA	F	06/06/1888
MARCULINO VICTOR	M	//
MARIA ADELINA DE JESUS	F	//1900
MARIA ALVES DOS SANTOS	M	15/05/1912
MARIA ANA DOS SANTOS	F	00/00/0000
MARIA ANITA REIS	F	//1913
MARIA ANTÔNIA DE JESUS	F	//1906
MARIA BISPO DOS SANTOS	F	//1907
MARIA CANTIONILA DE ASSIS	F	//1888
MARIA CELY DOS SANTOS	F	//1908
MARIA CONRADA DE JESUS	F	25/03/1883
MARIA CORREIA CALDAS	F	05/12/1914
MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA	F	//1908
MARIA DA GLÓRIA COUTO GALVÃO	F	//1913
MARIA DAURIANA	F	//
MARIA DE LOURDES SANTOS	F	17/08/1917
MARIA DE OLIVEIRA GOMES	F	//1897
MARIA DELZA BORGES	F	00/00/0000
MARIA DIAS SOARES	F	05/08/1909
MARIA DINA DE SANTANA	F	03/09/1886
MARIA DOS ANJOS	F	20/02/1888
MARIA EDÉSIA MOREIRA BORGES	F	15/01/1910
MARIA EMÍLIA PAIXÃO	F	27/05/1907
MARIA FAUSTINA DOS SANTOS	F	//1900
MARIA FRANCISCA DE SOUZA	F	07/04/1883

MARIA GILDA DE JESUS	F	12/09/1903
MARIA GOMES	F	//1903
MARIA GUSTAVO DE JESUS	F	//1911
MARIA INÊS DE CARVALHO	F	21/01/1886
MARIA ISAURA DE OLIVEIRA	F	03/11/1896
MARIA JOANA DOS SANTOS	F	25/07/1907
MARIA JOAQUINA GOMES	F	28/03/1899
MARIA JOSÉ DA SILVA	F	15/10/1902
MARIA JOSÉ DO CARMO	F	//1891
MARIA JOSÉ SALES	F	04/03/1900
MARIA JUDITH DE ALMEIDA	F	04/03/1910
MARIA LUIZA DE JESUS	F	10/03/1889
MARIA MADALENA DE JESUS		//1920
MARIA OLINDA SANTOS	F	00/00/1897
MARIA OLIVEIRA SANTOS	F	15/04/1909
MARIA PAULA DE JESUS	F	//1903
MARIA POSSIDÔNIA DA SILVA	F	//
MARIA PREXEDES DE JESUS	F	//1898
MARIA R. JESUS	F	31/03/1899
MARIA RIBEIRO	F	//1907
MARIA ROSA AMORIM	F	15/08/1908
MARIA SALOMÉIA DE SANTANA	F	01/01/1891
MARIA VENÂNCIA DE JESUS	F	18/05/1895
MARIANA SANTOS SOBRINHO	F	03/05/1915
MARIETA FEIJÓ SOUZA	F	15/10/1916
MARIETA GÓES BATISTA	F	03/04/1915
MARIINHA MENEZES	F	18/06/1899
MÁRIO DE PRATES	M	21/04/1886
MÁRIO DE SÁ ARAUJO	M	//1920
MARTINIANA DE SANTANA	F	//1905
MARTINS GONÇALVES PEREIRA	M	//1900
MELANIA VITÓRIA DE OLIVEIRA	F	25/06/1906
MERCEDES SOUZA ARAUJO	F	13/07/1925
MIGUEL ÂNGELO VIEIRA	M	18/03/1903

MINERVINA CORREIA DA SILVA	F	24/06/1895
MINERVINA MARIA DA CONCEIÇÃO	F	23/07/1903
NARCISO ALVES DOS SANTOS	M	00/00/1902
OFERINO ARAUJO ALVES	M	15/10/1902
OSCAR PEREIRA DE LIMA	M	09/08/1914
OSVALDO CARDOSO NASCIMENTO	M	07/12/1936
OSVALDO TAVARES DA SILVA	M	00/00/0000
OTÍLIA SANTOS CARVALHO	F	//1909
PAULA CALDAS BARRETO	F	//1890
PAULINO DE JESUS	M	18/05/1904
PAULO VALERIANO DOS SANTOS	M	14/01/1919
PEDRO BENTO DA SILVA	M	00/00/1899
PEDRO JOSÉ COUTO	M	29/06/1913
PEDRO MARCELINO DOS SANTOS	M	12/09/1909
PEDRO PEIXINHO DA SILVA	M	17/05/1905
PEDRO RODRIGUES JESUINO	M	29/06/1906
PERCÍLIA FERNANDES SAMPAIO	F	//1901
PETRONILHO PEREIRA DOS SANTOS	M	31/05/1917
PETRONÍLIA DE OLIVEIRA	F	//1900
POMPÍLIO JOSÉ DE OLIVEIRA	M	23/03/1895
POSSIDÓNIA POLICARPA DE SANTANA	F	17/05/1902
RAIMUNDA ALVES PEREIRA	F	01/01/1896
RAIMUNDO RIBEIRO MOTA	M	18/01/1900
RAIMUNDO SEBASTIÃO LIMA	M	//1925
RAMIRO RIBEIRO MOTA	M	01/12/1900
ROBERTO SOARES CONCEIÇÃO	M	08/03/1892
ROGACIANO EUCLIDES JESUS	M	25/01/1917
ROMANA FRANCISCA JESUS	M	//1903
ROMUALDO DE ALMEIDA		07/02/1885
ROSA AMÉLIA ANDRADE	F	//1882
ROSA MARIA DE JESUS	F	//1901
ROSA MARIA SANTOS	F	//1901
ROSALVO FRANCISCO DIAS	M	20/08/1940
ROSANA FRANCISCA DE JESUS	F	//

ROSILDA PIMENTEL DE BRITO CUNHA	F	//1908
SALUSTIANO ALVES SILVA	M	21/03/1904
SALVADOR JOSÉ DOS SANTOS	M	09/11/1915
SANCHIA CÂNDIDA DO NASCIMENTO	F	02/02/1910
SEBASTIANA DA SILVA	F	//1882
SEBASTIANA MARIA DE JESUS	F	//1900
SEBASTIÃO SOUZA MARINHO	M	//1900
SEVERIANO VIEIRA SANTOS	M	07/11/1907
SILVINA BRITO DOS SANTOS	F	//1940
SILVINA DO AMOR DIVINO VIANA	F	//1895
SIMPLÍCIO ALVES FERREIRA	M	00/00/1911
TEODORA SOARES MELGAÇO	F	15/10/1898
TERCINA DA CUNHA LONGO	F	00/00/1906
TERES NAVARRO SANTANA	F	17/06/1902
TEREZA NAVARRO SANTANA	F	//
TERTULINO DOS SANTOS	M	22/01/1901
THEODORICO PEREIRA DOS SANTOS	M	//1893
THEREZA DE JESUS BISPO	F	//1896
ULISSES SANTOS	M	02/05/1924
UMBELINA MARIA DE JESUS	F	//1881
VENÂNCIO XAVIER SANTOS	M	//
VICIOLOU PEREIRA DOS SANTOS	M	10/11/1891
VICTÓRIA MARIA DE OLIVEIRA	F	18/08/1904
VITALINA DE LOREZO ALMEIDA	F	05/01/1987
VITÓRIA ESCADA SOARES	F	//1872
VITÓRIA PEREIRA DA SILVA	F	28/07/1907
ZILDA KILKERRY NASCIMENTO	F	//1908

FOTOS



1 de Paula, proveniente do Impeto acima sobre trezentos mil reis valor estimativo
2 da dação que lhe fez D. ADELAIDE SCHAUM BRASIL de uma meça de terras a foz da
3 Cruz nesta cidade. Recebedoria de Rentas em Ilhéus do Estado da Bahia, em 20 de /
4 novembro de 1928 . O Escrivão Ezequiel A. Domingues. A Tesoureira Francisca L. Tourig
5 ho' assim disseram, ouviram, acataram e se pediram esta escritura da qual foram
6 testemunhas presentes os abaixo assinados com as partes, depois de lida perante
7 todos por mim JOAO BARRES SILVA, E- Tabelião Interino, ADELAIDE SCHAUM BRASIL, /
8 JOSE PINTO BRANDÃO. (Test.) FRANCISCO RAMAGEM. MANOEL FERREIRA DA MATA. E cada um
9 da as continha no teor da dita escritura que se foi pedida por certidão e qual /
10 extrair tem e fielmente do proprio original do qual se reporto e dou fé. Ilhéus,

11 *22 de julho de 1928*
12 *Eu João Barres Silva*
13 *not. Tabelião Interino*
14 *e assinamos em*
15 *publico e novo*
16 *em este de 22 de julho*
17 *de 1928*
18 *João Barres Silva*
19 *not. Tabelião*
20 *Interino*

21 TABELIONATO TABELIONATO
22 SA BARRETO SA BARRETO
23 22 JULHO 1928 22 JULHO 1928
24 ILHEUS BAHIA ILHEUS BAHIA

TEKA 40 ANOS

16 07 2005
SÁBADO 22h
TRAJEU ESPORTE FINO
QUINTA PORTUGUESA
End: Km 4,5 - Rod. Aeroporto - CIA
SALVADOR - BAHIA

A PRESENÇA DO COMITÊ INDIVIDUAL É OBRIGATORIA E INDEFEZIVEL

COMO PRESENTE, SE ASSIM DESEJAR, TRAGA UM DOBRYTO QUE SERÁ DESTINADO AO ASBRO SÃO VICENTE DE PAULO, EMELIS - BAHIA

Indispensável a apresentação deste

TEKA 40 ANOS 16 07 2005
SÁBADO 22h
TRAJEU ESPORTE FINO
QUINTA PORTUGUESA
END: KM 4,5 - ROD. AEROPORTO - CIA
SALVADOR - BAHIA

ATENÇÃO

A MINAS COMITE NÃO SE RESPONSABILIZA POR
EVENTUAIS ERROS DE COMPARTILHAÇÃO E ORGANIZAÇÃO.
FAVOR CONFERIR TODAS AS INFORMAÇÕES E ASSINAR
A PROVA DE FINALIZAÇÃO ASSINADA A
RESPONSABILIDADE E TOTALIDADE DO CLIENTE.

SIGNATURA

TEKA







